STEVIE WONDER NO ENTREVISTÃO

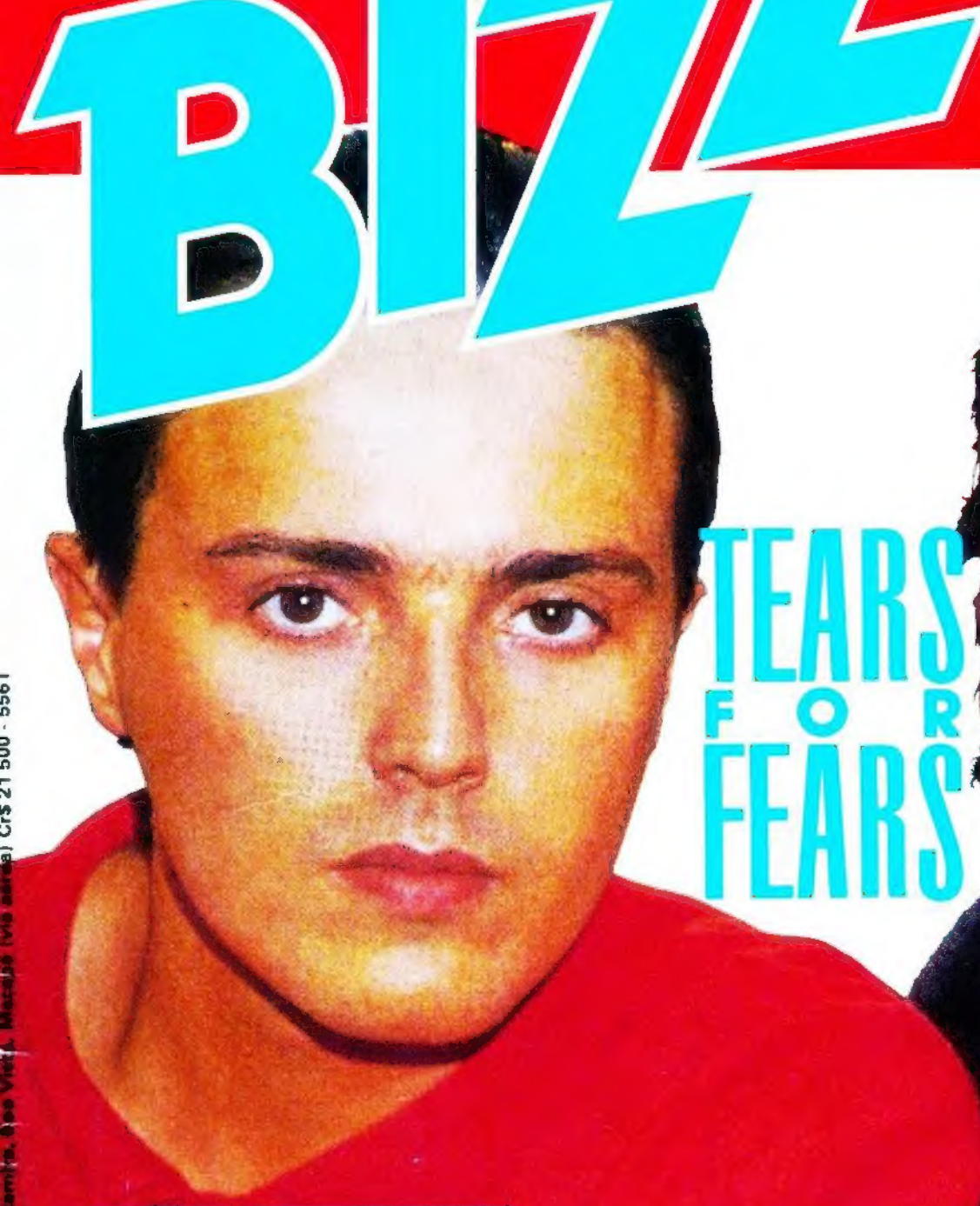
EDITORA ABRIL

Nº 6
JANEIRO 1986
Cr$ 18 500

BIZZ

GRÁTIS

CALENDÁRIO DO ROCK



TEARS FOR FEARS

CHOQUE!!
O PLÁGIO DO ULTRAJE (PLÁGIO?)

RITA LEE
DISCO NOVO, VIDA NOVA

RAUL SEIXAS
"FUI TORTURADO NO GOVERNO GEISEL"

MADONNA ■ LULU SANTOS ■ SMITHS ▶ VOTE NOS MELHORES DE 85

Manaus, Santarém, Rio Branco, Altamira, Boa Vista, Macapá (via aérea) Cr$ 21 500 - 5561

Rock & Quadrinhos Scans

UM SOM DE VERÃO...

ENTRE NO CLIMA.

VINICIUS CANTUÁRIA
SIGA-ME

LEGIÃO URBANA
O FUTURO DA NAÇÃO

DALTO
KAMA SUTRA

IRON MAIDEN
LIVE AFTER DEATH

TINA TURNER
MAD MAX

TROUPE

À venda em discos e fitas EMI – ODEON

EMI

JANEIRO 86

BIZZ

Rock & Quadrinhos Scans

Foto Walt Disney Productions

O Caldeirão Mágico, desenho de Disney em cartaz nas férias

[redacted] 1985 foi um ano excelente para algumas duplas, como **Wham!, Eurythmics** e **Tears for Fears.** Esta última cresceu de forma meteórica aqui e lá fora com seu segundo LP, *Songs from the Big Chair*. E conta ao nosso homem em Nova York, Marco Antonio de Menezes, em entrevista exclusiva, como ficaram bilionários explorando suas neuroses.

Depois de cinco anos matutando com seus teclados, **Stevie Wonder** mostrou por que continua esbanjando genialidade no recém-lançado LP *In Square Circle*. Também em entrevista exclusiva, Wonder fala sobre música, política e sua carreira, iniciada com sucesso ainda na infância.

Quem também nunca esteve parado é o superirrequieto roqueiro **Raul Seixas.** Grande mito — e com cargas de razões —, Raul bota a boca no trombone. Em entrevista a **Luisa de Oliveira** e **Alidê Vogt**, ele afirma, entre outros petardos polêmicos, que o rock acabou em 59.

Depois dos naufrágios do indigesto *Bom Bom* e do Rock in Rio, Rita Lee e Roberto Carvalho voltam à tona com um excelente LP. E narram como foi a difícil volta por cima.

Nesta edição, BIZZ traz ainda uma matéria sobre o rock em Portugal, escrita por **Miguel Esteves Cardoso,** autor do antológico livro *Escritica Pop.* Temos ainda **Lulu Santos,** num depoimento a **Antonio Carlos Miguel,** as vozes *difíceis* das talentosas **Kate Bush** e **Tetê Espindola** e **Jean-Luck Ponty,** ensinando como se toca um bom violino.

Num furo de reportagem, a repórter **Sônia Maia** descobre que uma música da banda francesa **Indochine** (de 82) é praticamente idêntica à *Rebelde sem Causa,* do **Ultraje.** Plágio? Leia em *Showbizz.*

E não deixe de pegar a cédula encartada nesta edição e votar nos melhores de 85. Seu voto é coisa séria.

José Eduardo Mendonça
(chefe de redação)

ESTE MÊS

22 Tears for Fears
Uma conversa com a dupla > *Marco Antônio de Menezes*

26 Raul Seixas
O roqueiro-mor conta tudo > *Luisa de Oliveira* e *Alidê Vogt*

30 A Nova Música Portuguesa
Um panorama do rock/pop luso > *Miguel Esteves Cardoso*

34 Rita Lee
A luz no fim do túnel > *José Eduardo Mendonça*

48 Kate Bush e Tetê Espíndola
Cantoras que *não* são só bonitinhas > *Carla Gullo* e *Tom Leão*

50 Punks x Pós-punks
O debate que pegou fogo > *Sônia Maia*

52 Lulu Santos
Sincero e (por isso mesmo) pressionado > *Antonio Carlos Miguel*

TODO MÊS

4 Show Bizz
Notas, notícias e boatos

10 Parada
As 25 mais, com levantamento em FMs e lojas de todo o país

14 Lançamentos
Discos quentinhos da boca do forno

20 Vídeo Bizz
Uma garimpada no acervo dos videoclubes

37 Entrevista
Stevie "Maravilha" Wonder fala sobre política e tecnologia

45 Heavy Metal
Um noticiário especial para o mundo da pauleira

54 Ao Vivo
Gil Vinte Anos-Luz, Metrô e *Tom Jobim*

56 Visual Cinema
Os Goonies de *Spielberg* desembarcam no Brasil

60 Visual Clip
Vídeos dirigidos por *David Byrne* e *Dave Stewart*

64 Porão
Bandas novas rumo à superfície: *Love and Rockets, Red Hot Chili Peppers, Sexo Explícito* e *Ness*

68 Letras
Madonna: "Like a Virgin"

70 Meu Instrumento
Nesta edição, os violinos de *Jean Luc Ponty*

72 Cartas e Serviços

74 Bits Bizz
Novos aparelhos domésticos

76 Discoteca Básica
As obras-primas: a estréia do *King Crimsom*

78 Opinião
Com a palavra, mestre *Hermeto Paschoal*

Fotos de capa Adebari - LFI/ Pedro Rubens/ Paulo de Tarso/ LFI Fotos do Poster - *Frente:* D. Quatrochi-Retna/ Sipa-Press/ Thom Sheehan-LFI/ LFI/ EMI-Odeon/ John Carder Bush-Noverca Ltda./ Jean Pagliuso-RCA/ Maurício Valladares/ Luciana de Francesco/ Warner Bros. *Verso:* Simon Fowler-LFI/ Claudia Dantas/ Luizinho Coruja/ LFI/ EMI-Odeon/ Celibrity Photo-LFI/ H. Werb-Liasion-Gamma/ Som Livre/ Flávio Colker

Foto Vincent Stills

O quarteto francês Indochine, numa foto da época de lançamento do LP L'Aventurier

ULTRAJE E INDOCHINE: PLÁGIO OU COINCIDÊNCIA?

Parecia mais uma tranqüila manhã na redação de BIZZ, quando a intrépida espoleta **Sônia Maia** chegou com uma fita k7 em punho e botou para rodar. Tratava-se de uma cópia do LP de estréia do **Indochine** — um dos mais populares grupos da new wave francesa — chamado *L'Aventurier* e lançado em setembro de 82. O x da questão é que a faixa-título espantou a todos como praticamente idêntica ao hit do **Ultraje a Rigor**, "Rebelde Sem Causa". Pessoas de redações vizinhas até invadiram nossa praia, curiosas para saber de onde tinha vindo aquela "versão em francês". É plágio ou não é plágio? A lebre está levantada.

JOE TURNER MORREU

No dia 24 de novembro, aos 74 anos, de ataque cardíaco, no hospital da Califórnia onde estava internado devido a problemas renais.

Legítimo criador do estilo batizado como "shouting blues" (blues gritado), **Big Joe** foi uma das mais talentosas pontes entre o blues tradicional e o rhythm'n'blues urbano que desembocaria no rock'n'roll. O decano da crítica de jazz, **Leonard Feather,** chegou a escrever: "Os discos que Turner fez com **Art Tatum,** em 1940 e 41, provavelmente foram os maiores discos de blues de todos os tempos". Já entre os poucos e raros trabalhos seus lançados no Brasil, vale a pena caçar *The Bosses*, no qual sua hiperpotente garganta é acompanhada pelo lânguido piano (e órgão) de mestre **Count Basie**.

NEW MILTON

Foto Carlos Fenerich/Abril

Milton: platina antes de chegar às lojas

Disco novo, vida nova. Desta vez, isso aconteceu com **Milton Nascimento.** Ele perdeu 19 quilos, voltou a morar em Belo Horizonte, começou a velejar e lançou *Encontros e Despedidas*.

Antes mesmo de ir às lojas, o LP recebeu disco de ouro e de platina. Pelo visto, todo mundo estava ansioso à espera deste disco, mixado e cortado nos EUA, que traz um Milton mais letrista, um rock de **Tunai** ("Mar do Nosso Sonho") e as participações do sax de **Steve Slagle** e da guitarra de **Pat Metheny**.

Foto Abril

O compositor, teórico e produtor Eno nos tempos do Roxy Music

VINIL E VÍDEO

Novidades que acabam de sair lá fora. A primeira é uma coletânea reunindo os compactos do **Echo & the Bunnymen** e leva o bombástico título de *Songs to Learn and Sing (Canções para Aprender e Cantar)*. A data de lançamento — 15 de novembro — foi escolhida por um motivo especial: trata-se do sétimo aniversário da estréia do grupo em palco.

Enquanto isso, mestre **Brian Eno** soltou *Thursday Afternoon* — seu novo álbum — exclusivamente em compact disc, alegando que a música foi composta especialmente para este novo veículo musical. Quem não tem CD em casa terá de caçar o vídeo homônimo de Brian, lançado pela Sony, no qual a música se funde ao que o autor chama de "pintura videográfica" (realmente, as fotos divulgadas são belíssimas).

Outras: o ex-vocalista do **Bauhaus** e do **Dalis Car, Peter** "Bela Lugosi" **Murphy** inaugura sua carreira solo com o compacto "Final Solution" — versão para uma música dos papas da *no wave* nova-iorquina, **Pére Ubu**.

Mas dizem que o grande lance é mesmo o ansiosamente esperado lançamento em videocassete de *Stop Making Sense*, dos **Talking Heads**. Esta versão traz músicas e entrevistas não incluídas no filme em celulóide

A M... PROFUNDA

Duas duplas inglesas que conquistaram a América — e, conseqüentemente, o planeta — decretaram guerra uma à outra. Tudo começou quando a imprensa passou a comparar, sistematicamente, os Tears for Fears ao Wham!. Eis a resposta de Roland Orzabal, do TFF: "É um insulto. A música que elas fazem é superficial e a nossa é profunda. Eles não passam de um par de homens de negócios ganhando tubos de grana com músicas bonitinhas que não querem dizer nada. Até aí tudo bem. Nós não somos bonitos como eles, para começo de conversa. Mas, mesmo que fôssemos, não usaríamos isso. A música sempre foi nossa primeira preocupação".

E, no capítulo "briga brega", George Michael, do Wham!, foi inocentado de haver plagiado Barry Manilow (!). O original seria "Can't Smile Without You" (75), e o plágio "Last Christmas" (84).

LOURAS NADA GELADAS

"Não tenho nada em comum com **Madonna...** ela é dez anos mais velha que eu e acho uma droga o seu visual." Quem diz é **Patsy Kensit,** loirinha de 16 anos que vem despedaçando corações, cantando com o novo grupo inglês **Eighth Wonder.** A maravilha ambulante/dançante/cantante começou aos 3 anos de idade, fazendo uma ponta no filme *O Grande Gatsby* e desde então não tem parado quieta.

Outra do setor "Loiraças Impossíveis": está de volta o ímã visual do **Blondie, Debby Harry,** com o compacto "Feel the Spin", tema de um filme sobre funk e rap chamado *Krush Groove*. Segundo a boataria, o sumiço só podia ser explicado por AIDS ou heroína. Surge agora a versão oficial: **Chris Stein** (marido de Debbie e mentor do Blondie) estava sofrendo de uma doença sanguínea hereditária e ela ficou só cuidando do rapaz.

Foto LFI

Patsy Kensit, vocalista do inglês Eighth Wonder

BISSO RODA A BAIANA

Foto Angelo Pastorello

Connie Francis ou Cely Campello? Bisso sabe

Isto é Hollywood. Esta frase poderia resumir a estréia do show de **Patrício Bisso** e sua recém-montada banda **Los Bokos Mokos** no Teatro Sesc Pompéia, dia 22 de novembro passado, em São Paulo.

Com um vestuário de causar inveja às maiores estrelas do showbiz, Bisso satirizou grande parte dos ídolos do rock/pop de todos os tempos. Entre eles, **Elvis Presley, Rita Pavone** — para quem reservou uma peruca ruiva e seus famosos suspensórios — e nossa **Wanderléa,** chamada por ele de "turquinha simpática". Lembram daquela sua famosa: "Sr. Juiz, pare, agora...". Então, numa canção especialmente feita em sua homenagem, ela virou: "Pare, repare, espere, desespere..."

RICKY WILSON: 1953 — 1985

O guitarrista do **B-52's, Ricky Wilson** — irmão da vocalista **Cindy Wilson** e, junto com o baterista **Keith Strickland,** um dos fundadores da banda —, morreu no dia 12 de outubro, vítima de câncer, no mesmo Hospital Sloan-Kettering, em Nova Iorque, em que **Bob Marley** ficou internado pouco antes de falecer. Cinco dias mais tarde, Ricky foi enterrado em sua cidade natal, Athens, na Geórgia.

Doente há mais de um ano — quando foi diagnosticado o câncer nas suas glândulas linfáticas —, Ricky ocultou seu problema dos demais integrantes do B-52's. O único que sabia de tudo desde o começo era Keith.

Ricky e Keith eram velhos amigos. Conheceram-se em 1969, durante o curso ginasial, em Athens. Começaram a tocar juntos mas, logo depois da formatura, em 1972, os dois partiram para a Europa, onde ficaram "vagabundeando" dois anos. De volta a Athens eles foram trabalhar na estação rodoviária administrada pelo pai de Keith. E, em outubro de 1976, quase por acaso, nasceu o B-52's. Depois de uma noitada num restaurante chinês, Ricky, Keith, mais Cindy (a irmã de Ricky) e outros dois amigos — Fred Schneider e Kate Pierson — foram à casa de um sexto amigo. Ficaram tocando a noite inteira, usando como instrumento qualquer coisa que emitisse som. Ricky e Keith mais tarde organizaram em blocos de três ou quatro minutos os longos improvisos da banda, dando forma a hits como "Rock Lobster" e "Private Idaho".

Sem o seu diretor musical, os planos do B-52's são, agora, incertos. O grupo já havia gravado material suficiente para seu sexto álbum.

Os B-52's: Ricky é o último, da esquerda

Foto LFI

Foto Abril

Macca, de volta à Capitol, e o falecido Lennon, de volta às paradas

BEATLEMANIA. EM 86?

Não será surpresa para esta coluna se, mais uma vez, o mundo for tomado pela nostalgia beatlemaniaca. É que **Paul McCartney**, o velho Macca, abandonou a Columbia Records — gravadora que o vinha representando nos Estados Unidos — e retornou à mesma Capitol que lançou os Beatles há 25 anos. Por sua vez, a Capitol está planejando o lançamento de um álbum com músicas inéditas de **John Lennon**. Enquanto não chega a autorização de **Yoko Ono** a Sony comercializará entre março e abril a versão vídeo do álbum *Imagine*, lançado por Lennon em 1972. Trata-se de um filme que John encomendara para ser exibido na época, documentando a vida do casal pop mais famoso do mundo. Mas ninguém vira a versão completa. São 60 minutos de filme, com alguns convidados especiais, como **George Harrison** e **Fred Astaire**.

A GAFE DA DÉCADA

Se existisse, ninguém tiraria esse prêmio do repórter (não creditado) que entrevistou o monumento **Ray Charles** para a edição de 1/11/85 do jornal *USA Today*. Lá pelas tantas, o rapaz pergunta ao gênio qual sua opinião sobre a MTV e os videoclips. Charles — que, todo mundo sabe, enxerga tão bem quanto **Stevie Wonder**, não se fez de rogado e sentenciou: "Acho que alguns clips são realmente muito, muito bons. Só não gosto de alguns que são muito violentos, o que pode influenciar negativamente a garotada". BIZZ diz: !?!?!?!

Foto LFI

Ray Charles: o repórter é que não viu nada

Foto Rui Mendes

Herbert, dos Paralamas, e a sombra da velha África

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Muitas gravadoras parecem ter decidido tirar férias até o Carnaval. Mas algumas já ocupam seus estúdios para os lançamentos de fevereiro e março.

A Copacabana já está terminando o novo LP de **Eliete Negreiros**, enquanto a Som da Gente prepara o grupo **D'Alma**. Já a Som Livre, finalmente, vem com o disco do novo **Barão Vermelho**, com músicas de **Frejat**, e letras de **Ezequiel Neves**, **Lobão** e **Caetano Veloso**.

A Continental, de olho no Festival da Globo, contratou **Cida Moreyra**, que está gravando um LP. Ele virá com músicas de **Arrigo Barnabé**, **Bozo Barreti** e **José Miguel Wisnick**, além de "Barbra Song" de Brecht e Weill e "Balada do Louco" de Arnaldo Baptista e Rita Lee.

O tão esperado LP de **Lobão** também já vem vindo e não deverá ter nem "Décadance avec Elégance", nem "Mal Nenhum". O disco, que deve se chamar *Bobagens no Submundo*, terá parcerias com Cazuza e será, segundo o próprio Lobão, meio psicodélico, apesar de trazer alguma bossa wave.

O **Legião Urbana**, que passou duas semanas de novembro fazendo préprodução em estúdio, pretende começar a gravar ainda no final do mês e deve vir diferente. No repertório, algumas baladas experimentais recheadas de percussão, inclusive berimbau.

Os **Paralamas** devem soltar um disco logo depois do Carnaval, com muito reggae e safáris por savanas africanas.

Bob Geldof não foi o Prêmio Nobel da Paz,
mas mostrou ao mundo
que o que se faz com prazer, se faz bem-feito.

Cerveja Malt 90. O prazer de fazer bem-feito.

ARTFLUIR

SUNDEK

SUNDEK®

Fábrica e Pronta Entrega:
Rua Francisco Polito, 987 - Vila Prudente - SP
CEP 03137 - Tel.: 914-0094

Representantes:
SP (011) 914-0094
SP (011) 460-3959 (int.)
RJ (021) 287-4343
ES (0242) 22-9544
SC (0482) 23-4391
BA (071) 233-2153
RS (0512) 221-634
PR (041) 234-9649
MG (031) 201-3401
PE (081) 341-1630

Foto Rui Mendes

O Camisa relança o 1.º LP e cobra o clip

CAMISA EM NOVA FASE

O primeiro LP do **Camisa de Vênus,** relançado pela RGE, já está vendendo bem mais que o segundo. E a banda caminha para seu primeiro videoclip. "Eu sei que se hoje temos o prestígio de chegar na gravadora, exigir um videoclip e ela pagar todo o custo, é porque eles estão ganhando dinheiro", afirma o vocalista Marcelo Nova.

OUÇA ESSA II

"Ulisses e Sereia, ânimo e anima: o destino trágico de John foi o corolário da condição mítica do homem épico; o destino de burguês bem-sucedido de Paul é harmônico com a ociosidade do mundo que vive em função das musas."

Matinas Suzuki Jr., na *Folha de S. Paulo,* por ocasião das até então inéditas declarações de Paul McCartney, nas quais desce a lenha no velho parceiro John Lennon.

ENFIM, UM MUSICAL SEM DUBLAGEM

A Rede Globo está prestes a aposentar — pelo menos temporariamente — sua habitual receita de musicais em playback com um novo programa "jovem", ainda sem nome, que terá sempre som ao vivo. Durante o verão, o programa será gravado na Praia do Pepino, no Rio de Janeiro. Mais tarde, a produção será transferida para um cenário em estúdio (a proposta atual é a de um misto de cais do porto e lixo industrial bem familiar para quem viu *Blade Runner*). O programa — assinado a quatro mãos por **Roberto Talma** e **Nelson Motta** — terá quatro blocos: um grupo famoso mostra um hit vigente, mais duas músicas inéditas em sua discografia ou originalmente gravadas por outros artistas; bandas novas, ainda sem gravadora; um ídolo já bem conhecido homenageando seus próprios ídolos (exemplos: **Tim Maia** homenageando **Sam Cooke**), uma banda com uma longa carreira (exemplo: O **Made In Brazil**) ou um grupo de heavy metal. Todos estes blocos costurados por uma vinheta *sui generis*: um grupo hardcore montado num caminhão, cruzando o cenário o tempo suficiente para tocar uma música.

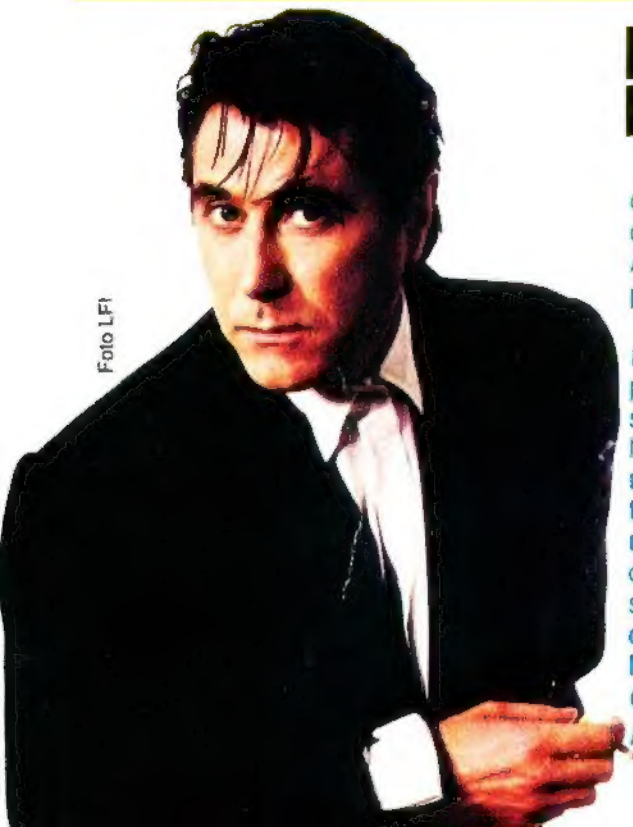


Foto LFI

PRÊMIOS PARA A NOVA MÚSICA

Foi dia 16 de novembro, no Beacon Theatre de Nova York, a festa de entrega dos prêmios New Music Awards. Eis aqui alguns dos contemplados:

Melhor LP: *Fables of the Reconstruction* do grupo **R.E.M.** Melhor grupo: **Tears for Fears.** Melhor artista solo (masculino): **Bryan Ferry.** Melhor artista solo (feminino): **Tina Turner.** Melhor grupo novo: **Katrina & the Waves.** Melhor produtor: **T-Bone Burnett.** Melhor canção: "Pride" do **U2** (que ganhou também melhor show). Melhor vídeo: "Cry" de **Godley & Creme.** Melhor compositor: **Mark Knopfler.** Melhor capa: *Little Creatures* dos **Talking Heads.**

Ferry, um dos melhores de 85 (e de sempre)

OUÇA ESSA

"O demônio não existe, é apenas Deus de porre" *Tom Waits*

ABÓBORA DE MINI-SAIA

Foto Tereza Cristina Granato

Uh, ahhhhhnn, mmmmmmn...

Quando **Paula Toller** jogou para escanteio sua capa prateada, durante o show que o **Kid Abelha** fazia no Noites Cariocas para lançar seu novo álbum, *Educação Sentimental,* revelou uma mini-saia negra emoldurando belas pernas. Na platéia alguns marmanjos mais afoitos arriscaram um corinho de "tira, tira", sugerindo, assim, uma espécie de rock-strip. Sem piscar duas vezes, Paula rebateu: "Só tiro a roupa na minha casa". E o show continuou. Quem não se chamava **Herbert Vianna** foi para casa com uma bruta frustração.

BIQUINI URBANIZADO

Foto Paulo Ricardo

Bruno e Russo: flagrante dos dois rouxinóis

Bruno, o vocalista do Biquini Cavadão, e **Renato Russo,** gogó e compositor do Legião Urbana, foram reunidos em novembro para combinarem suas vozes em uma das faixas do primeiro álbum do Biquini, chamada "Múmia" ("bem-aventurados sejam aqueles que amam a desordem"). Outro convidado especial do disco é **Herbert** "Sem Óculos" **Vianna.**

RECEBA JÁ EM SUA CASA:

Camisetas com estampas Hot Adesivas. Importadas, super coloridas.

NOVIDADE: Pode ser aplicada na frente ou nas costas da camiseta é só você escolher.

CAMISETAS

Nas cores: Vermelha - Verde - Amarela - Branca e Preta.

CAMISETAS E ADESIVOS

Despachamos em 48 horas para todo o Brasil os pedidos acompanhados de cheque nominal.

O FRETE É GRÁTIS (NA COMPRA DE 5 OU MAIS CAMISETAS)

Promoção Especial: Na compra de 3 camisetas você ganha 1 estampa com adesivos atrás à sua escolha.

PEÇA HOJE MESMO!!!

GARANTIMOS TOTALMENTE A ENTREGA DOS PRODUTOS

REF. A01

REF. A02

Nesta camiseta você escreve seu nome, o nome dela ou o que quiser.

REF. A03

REF. A04

REF. A05

REF. A06

REF. A07

REF. A08

REF. A10

REF. A11

REF. A12

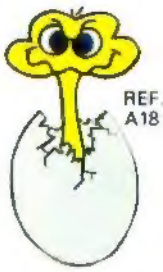
REF. A13

REF. A14

REF. A15

REF. A16

REF. A17


REF. A18

REF. A19

REF. A20

REF. A21

REF. A22

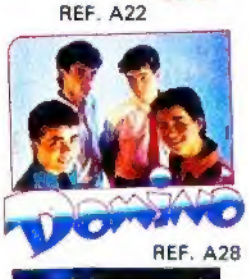
REF. A23

REF. A24

REF. A25

REF. A26

REF. A27



REF. A28

REF. A29

REF. A30

REF. A31

REF. A32

REF. A33

REF. A34

REF. A35

REF. A36

PREÇOS:

Camisetas
BRANCAS: $ 78.000,
COLORIDAS: $ 80.000,
Estampas com adesivos atrás:
$ 40.000, x 2 = $ 80.000,

ESTAMPAS SEPARADAS COM ADESIVOS ATRÁS:

Enviamos separadamente para serem aplicadas em: Livros, cadernos, móveis, janelas ou onde você quiser.

Pedido mínimo: 2 estampas.

Escolha a estampa, (ref.) na frente ou nas costas da camiseta, com cor, tam. e quantidade. Mande seu pedido em folha separada, bem legível com nome e endereço completos.

Por Reembolso Postal:
20% a mais no total do pedido.
Preços válidos até a próxima edição.

Envie: Pedido e cheque nominal à Hot Hits, para: Av. Eng. Luiz Carlos Berrine, nº 1120 - CEP 04571 - SP - Capital.

REF.	COR	TAM.	frente	costas

Nunca passe a ferro diretamente sobre a estampa (use o lado avesso)

Camisetas 100% algodão, nas cores da moda com corte e caimento perfeitos

PARADA BIZZ

CONVENÇÕES
( ) o número entre parênteses indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) retorno a parada

A parada BIZZ é feita com a confrontação de dados de execução e vendagem de discos. Eles são extraídos de 73 lojas e 81 rádios AM e FM das principais cidades do país. Pesquisa da GEM comunicação.

25 MAIS

1	(1)	"Dona" - **Roupa Nova** (RCA)
2	(2)	"Sem Pecado e Sem Juízo" - **Baby Consuelo** (CBS)
3	(3)	"Cheia de Charme" - **Guilherme Arantes** (CBS)
4	(11)	"Heaven" - **Bryan Adams** (CBS)
5	(4)	"De Volta pro Aconchego" - **Elba Ramalho** (Barclay)
6	(N)	"Part-Time Lover" - **Stevie Wonder** (RCA)
7	(10)	"Forever Young" - **Alphaville** (WEA)
8	(14)	"Vírus do Amor" - **Rita Lee** (Som Livre)
9	(N)	"Lágrimas e Chuva" - **Kid Abelha** (WEA)
10	(N)	"Gira o Mundo" - **Fábio Jr.** (CBS)
11	(N)	"Into the Groove" - **Madonna** (WEA)
12	(6)	"Everytime You Go Away" - **Paul Young** (CBS)
13	(9)	"Coração Aprendiz" - **Fafá de Belém** (Som Livre)
14	(N)	"Você é Real" - **Simone** (CBS)
15	(8)	"Forever by Your Side" - **Manhattans** (RGE)
16	(25)	"We Don't Need Another Hero" - **Tina Turner** (EMI-Odeon)
17	(N)	"As Sete Vampiras" - **Léo Jaime** (CBS)
18	(12)	"Roque Santeiro" - **Sá e Guarabyra** (RCA)
19	(N)	"Shout" - **Tears for Fears** (Polygram/Barclay)
20	(17)	"Décadence avec Élégance" - **Lobão** (RCA)
21	(N)	"Nada por Mim" - **Marina** (Polygram)
22	(N)	"Hurts to Be in Love" - **Gino Vanelli** (Polygram)
23	(N)	"Qualquer Dia" - **Joanna/Barry Manilow** (RCA)
24	(22)	"Sincero" - **Lulu Santos** (WEA)
25	(N)	"Money for Nothing" - **Dire Straits** (Polygram)

LEITOR! SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE PARA A PARADA BIZZ!

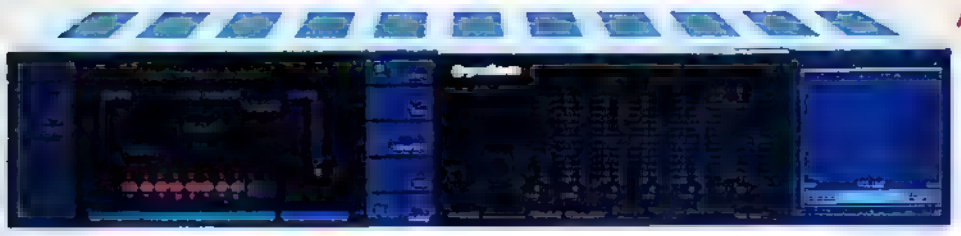
Escreva para BIZZ, Caixa Postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Escreva também seu nome, endereço e telefone, para que possamos voltar a consultá-lo.

	AS 10 MAIS TOCADAS	OS 10 MAIS VENDIDOS	COMPACTOS + VENDIDOS
1	"Dona" - **Roupa Nova** (RCA)	*Roque Santeiro* - Nac - **Vários** (Som Livre)	*We Don't Need Another Hero* - **Tina Turner** (EMI-Odeon)
2	"Cheia de Charme" - **Guilherme Arantes** (CBS)	*Brothers in Arms* - **Dire Straits** (Polygram)	*Dona* - **Roupa Nova** (RCA)
3	"Forever Young" - **Alphaville** (WEA)	*A Gata Comeu* - Inter - **Vários** (Som Livre)	*Part-Time Lover* - **Stevie Wonder** (RCA)
4	"Sem Pecado e Sem Juízo" - **Baby Consuelo** (CBS)	*Nós Vamos Invadir Sua Praia* - **Ultraje a Rigor** (WEA)	*Angel* - **Madonna** (WEA)
5	"Part-Time Lover" - **Stevie Wonder** (RCA)	*...Vulgar e Comum é Não Morrer de Amor* - **Wando** (Arca)	*Roque Santeiro* - **Sá e Guarabyra** (RCA)
6	"Lágrimas e Chuva" - **Kid Abelha** (WEA)	*A Turma do Balão Mágico 4* - **A Turma do Balão Mágico** (Som Livre)	*Rebelde sem Causa* - **Ultraje a Rigor** (WEA)
7	"Heaven" - **Bryan Adams** (CBS)	*Songs from the Big Chair* - **Tears for Fears** (Polygram)	*Louras Geladas* - **RPM** (CBS)
8	"Vírus do Amor" - **Rita Lee** (Som Livre)	*Like a Virgin* - **Madonna** (WEA)	*Everytime You Go Away* - **Paul Young** (CBS)
9	Gira o Mundo" - **Fábio Jr.** (CBS)	*Libra* - **Julio Iglesias** (CBS)	*Goonies "R" Good Enough* - **Cindy Lauper** (CBS)
10	"Into the Groove" - **Madonna** (WEA)	*Rita e Roberto* - **Rita Lee** (Som Livre)	*Private Dancer* - **Tina Turner** (EMI-Odeon)

Dê uma festa de despedida para o seu equipamento de som.

Energy Gradiente.O som que mudou o som.

TT-575 Fully Auto Servo Logic Control Turntable.
Braço Low Mass. Belt Drive. Acionamento eletrônico por tecla Rocker Switch de 4 funções: subida, descida, deslocamento para a direita e para a esquerda. Auto Start. Deck-Synchro: circuito que aciona o estado de pausa ou gravação do deck, conforme o posicionamento do braço do toca-discos.



A-175 Stereo Integrated Amplifier Equalizer.
Controle eletrônico de volume por tecla Rocker Switch. Seleção automática de fonte de programa. Equalizador gráfico integrado com 5 faixas de frequências, 120W (IHF) de potência.

T-275 AM/FM Quartz-Synthesized Stereo Tuner.
Sintonia digital com sintetizador de freqüências a quartzo. 10 memórias FM/AM. Funções de sintonia e memórias comandadas por tecla Rocker Switch.

D-475 Auto Reverse Stereo Cassette-Deck.
Seleção automática de fitas. Auto reverse. Avanço e retrocesso rápidos, play e reverse acionados por teclas Rocker Switch e circuito Full-Logic. Deck-Synchro (quando ligado ao TT-575).

L-675 Stereo Digital Laser Disc Player.
Produto de 3.ª geração. Memória programável para 9 músicas em ordem aleatória. Saída para fones de ouvido com controle de volume. Função Index: localização automática de trechos selecionados. 3-beam laser pickup.

ENERGY

gradiente

Cada módulo tem uma história. Em conjunto eles modificam a história do som.

O som mudou. A história do som também. É fácil chegar a essa conclusão.
Primeiro porque é a Gradiente quem está falando. Segundo,porque os módulos Energy não faltam nem falar: eles conversam entre si.
O toca-discos comanda a pausa e a gravação do deck. Este, além de selecionar automaticamente as fitas, seleciona a fonte de programa do amplificador/equalizador, e assim por diante.
Botões de comando não existem: as teclas Rocker-Switch fazem todo o trabalho com um leve toque.

Rack Metálico.
Base móvel, adaptável ao número de módulos que você adquirir.

Turbo 75 Caixas Acústicas.
Sistema 3-way com 3 alto-falantes. Ausência de distorções. Duplo duto sintonizado por computador.

E tem mais e mais para ser dito, mostrado e explicado.
Como por exemplo, que o tape-deck é auto reverse com Continuous Play; que o toca-discos tem seu braço comandado eletronicamente; que todos os módulos Energy são compactos, e que essa é a novidade tecnológica mais avançada do momento lá fora, e no Brasil. E que esse é o mais importante lançamento da Gradiente. Mas, nada como ver todos os módulos Energy, ao vivo, no seu revendedor.
Vá conhecê-los. Toque-os. Leve-os. E prepare uma festa de despedida para o seu equipamento já antigo, como homenagem aos bons serviços prestados até hoje. Ele merece, porque você merece Energy.

ENERGY
gradiente
O SOM QUE MUDOU O SOM

Produzido na Zona Franca de Manaus

mm

LANÇAMENTOS

DISCOS

Fotos Estúdio Abril

THE BOY WITH THE THORN IN HIS SIDE — The Smiths (WEA)

Ou "o Brasil finalmente se curva à melhor banda de rock, funk, punk e baladas do mundo". Os céticos e cínicos podem parar de ler por aqui — pois o fato é que, desde a aparição do Joy Division em 79, não havia um som pessoal e intransferível, de reconhecimento tão instantâneo. Ame ou odeie, você não tem escolha.

Qual o segredo, além das alardeadas letras de Morrissey? Basicamente a riqueza de contraponto entre os floreios vocais e a harmonização de mil guitarras e violões de Johnny Marr, doces e esticadas melodias em perpétua tensão com a pesada porém econômica cozinha de Andy Rourke (baixo) e Mike Joyce (bateria). Apenas a síntese Buzococks/Joy Division pela qual Manchester e o planeta esperavam desde 76 — e isso aí é um enfoque limitado.

Quanto às letras, é uma pena que se dê tanta atenção às canções gay de amor e ressentimento que vazam da prolífica pena de Morrissey. São apenas um elemento a mais entre canções que se preocupam muito mais com a maneira como uma criança é massacrada em nome da "educação", e com os efeitos nocivos de um emprego das 9 às 6, segunda a sexta, sobre o caráter do ser humano. São esses os espinhos encravados nos flancos dos garotos observados à distância por Morrissey, um deles o *boy* a quem Truman Capote empresta seu rosto na capa deste maxicompacto, *EP* (extended play) ou mini-LP, chame como quiser. Só vale um lembrete: lá fora, eles não chegam a custar 2/3 do preço de um LP. Aqui, já viu, né?

Do outro lado, "Rubber Ring" começa com uma comunhão baixo/bateria incomum na obra de Morrissey & Marr, assim como soa estranha "Asleep", uma descarnada balada para piano e voz. No mais, a WEA vai mesmo lançar todos os quatro LPs da banda, homeopaticamente, até o Carnaval. *José Augusto Lemos*

LIXO ATÔMICO — Bocato e a Banda Bloco (Baratos Afins)

Em pleno 1985 este disco é justamente a última coisa que o mundo precisava: mais um sub-Arrigo metido a genial vomitando Frank Zappa de terceira. Atracado a seu trombone sensaborão, o ex-Metalurgia Itacyr Bocato Junior arregimentou e liderou uma superbanda através deste mini-LP de seis músicas absolutamente chatas, pretensiosas, esquecíveis. O único bom momento do disco é a reprise instrumental da faixa-título que, sem os vocais, é pelo menos engraçada. Mas imperdoável mesmo é a péssima qualidade de som deste *Lixo Atômico* — Bocato e sua banda parecem tocar no fundo de um pântano. *J.E.R.*

EDUCAÇÃO SENTIMENTAL — Kid Abelha e os Abóboras Selvagens (WEA)

A que vieram Kid Abelha e os Abóboras Selvagens? As letras são todas páginas arrancadas do "querido diário" de uma garotinha romântica (anote-se uma exceção: "Uniformes", de Léo Jaime, que não refresca muito). As músicas? "Um dia em Cem" e "Conspiração Internacional" abrem o jogo: eles adoram Pretenders. Só que Paulinha Toller não é Chrissie Hynde.

Lógico, é tudo bem afinadinho, bem produzido e, de vez em quando ("Lágrimas e Chuva", por exemplo), bem gostosinho de se ouvir... no rádio. Ah, e a capa também é bonita. E daí? *A.A.*

VOCALESE — The Manhattan Transfer (WEA)

Quem gosta de um excelente vocal e não conhece Hi-Lo's, Four Freshmen e Hendricks, Ross and Lambert deve começar a fuçar em sebos para encontrar discos destas melhores gargantas do jazz de todos os tempos. Mas uma alternativa mais que razoável é este *Vocalese*, com letras do venerável Jon Hendricks. Estonteantes vôos vocais sobre letras quilométricas, espertíssimos usos do *scat singing* e participações memoráveis de Bobby McFerrin, Dizzy Gillespie (este, compositor de uma das melhores faixas, "Another Night in Tunisia"), e da orquestra de Count Basie em "Rambo" (nada ver com aquele do filme) e "Blee Blop Blues". Para quem não se lembra, o Manhattan Transfer conseguiu levar sua sofisticação para as paradas com um arranjo de "Birdland" (do Weather Report), há uns cinco anos. Uma aula a ser ouvida por todos e pelas variadas gralhas que andam pelo rock brasileiro. *J.E.M.*

SPORTIN' LIFE — Mink DeVille (Polygram)

Para muita gente pode soar como uma espécie de Bruce Springsteen, mas o grupo Mink DeVille tem uma estrada própria. Fundado no início dos anos 70 por Willy DeVille, o grupo se destacaria como um dos expoentes da *new wave* americana, a partir de 77. Oito anos depois, suas raízes estão mais à mostra: rhythm'n'blues, soul e rock dos anos 50. Daí o paralelo com o *Chefão*, principalmente nos rocks-balada "I Must Be Deaming", "When You Walk My Way" e "There's no Living". O rock básico "Little by Little" e o esfuziante "Italian Shoes" mostram que DeVille pode ir muito mais longe. *Antonio Carlos Miguel*

EU & ELES — Nelson Gonçalves (RCA)

A faixa de abertura, "Renúncia", junta os dois maiores cantores desta república — que são Nelson, claro, e Tim "El Capo" Maia.

Conhece o velho esquema do disco comemorativo, recheado de participações especiais? Aqui Nelson canta com a preguiça aveludada de Martinho da Vila, mais Caetano, Fagner e Gonzagão (numa previsível "Asa Branca"). Mas bom mesmo é o *pout-pourri* "Mariposa/Meu Vício É Você"/"Fica Comigo Esta Noite", ou Nelson *walking on the wild side* com seu genial parceiro, o letrista Adelino Moreira. De noite, nós rondamos a cidade... *J.A.L.*

OUR FAVOURITE SHOP — Style Council (Polygram)

Internacionalistas mods do mundo todo já estão unidos em torno deste objeto, a baba escorrendo sobre suas camisas Lacoste e calças italianas. Mas nada de novo no front/foro estilístico de Paul Weller e Mick Talbot

Isso quer dizer: uma produção impecável, superdiversificada de uma faixa para outra, letras recheadas de militância de barricada urbana e flertes com "estilo"... Ahhh, o estilo. O roteiro fica na mesma: texturas chupadas de Marvin Gaye ("Homebreakers"), funk com pedal wah-wah ("Internationalists"), bossa ("All Gone Away" e "With Everything To Lose") etc. *J.A.L.*

FROST AND FIRE — Cirith Ungol (RGE)

Graças ao acerto da RGE com a Enigma (EUA) saiu no Brasil aquele que foi considerado pela própria imprensa rockeira americana como o pior disco de heavy metal jamais feito até então (e pode sê-lo até hoje). É de 82 e o Cirith Ungol era um quinteto que se pode chamar de "qualquer coisa". O vocalista Tim Baker é de lascar de ruim. Ele força, força e... não sai. É o heavy de uma nota só. O resto do pessoal não parece saber para onde ir. Tem até caixa rachada na bateria que dá batidas inúteis, baixo sem graça e até desafinado e nem eram necessárias duas guitarras para tanto. O que de fato chama a atenção é o de serem comprovadamente ruins e o LP dos piores. É só? Não!!! O segundo disco deles, *King Of The Dead*, já foi também lançado aqui e a coisa se salva um pouco talvez porque também haja um guitarrista a menos. Nos dois LPs, existem coisas duras de se ouvir por certo tempo. Até aqui no Brasil existem bandas melhores. *Leopoldo Rey*

UNDER A BLOOD RED SKY — U2 (WEA)

O Brasil finalmente descobriu o quarteto irlandês e nas rádios só dá U2. Assim vai ficar difícil de agüentar a "Vox" do Bono. De qualquer forma, o grupo ainda é decisivo para o rock desta década e este disco, gravado ao vivo em 83, traz as viscerais *performances* do U2 (para quem pode, a pedida é o vídeo, mas o som tá todo aí). Três faixas — "Sunday Bloody Sunday", "New Year's Day" e "40" — vieram do álbum *War* (edição original de 82) e cresceram bastante no palco. Outro ótimo momento é "The Electric Co" (do LP *Boy*), onde o guitarrista The Edge solta os bichos. E já que estamos na "Ilha", um lembrete à WEA: ainda há muita coisa boa no catálogo da Island para ser editada por aqui. *A.C.M.*

SCARECROW — John Cougar Mellencamp (Polygram)

A primeira vez que ouvi falar de John Cougar foi através de um superexecutivo de sua gravadora, a Riva, quase dez anos atrás. Pelas palavras, pelos olhares e pelas inflexões do executivo John Cougar era 1) um produto e nada mais; 2) um produto visando o mercado gay.

Dez anos mais tarde John Cougar readicionou o Mellencamp a seu nome de batismo e se tornou um dos artistas mais importantes do rock norte-americano. Ele fala a sério dos problemas da classe operária dos EUA sob o arrocho da administração Reagan e obtém uma sonoridade rock que você poderia jurar que é a mesma dos Stones de *Exile on Main St.* — um clássico americano. *J.E.R.*

PLATINA (Baratos Afins)

A Baratos continua apostando nos novos. Agora é a vez do Platina, formado no início de 85 com muitas influências de rock pesado inglês.

É um quarteto com muita técnica: baixista firme no andamento (Andria) e muito entrosado com a bateria (seu irmão Ívan Busic) de batida precisa e ligeira. A guitarra tem frases musicais claras, cheias de eficiência técnica (Daryl também é tecladista). O vocalista (Seman) tem voz segura e, quando preciso, sensual e agressiva. Nos temas, nada de negativismo e demônios, só coisas simples e diretas. Convém salientar a experiência de todos em noturnas casas jazzísticas de Sampa e em estúdios de gravação, onde têm acompanhado gente de renome e feito até jingles comerciais. Mas, o negócio deles mesmo é rock e de qualidade. *L.R.*

DIA DORIM NOITE NEON — Gilberto Gil (WEA)

Talvez tenha sido a pressa de gravar em meio aos preparativos das (merecidíssimas) comemorações de seus vinte anos de carreira. Talvez seja o fato de que todos os gênios têm seus períodos de relativa entressafra (até bom para nós, mortais, que dificilmente suportaríamos tanto brilho). Neste disco com o trocadilho do título aludindo à obra de Guimarães Rosa, mestre Gil pega firme em algumas músicas mas dá, em outras, uma sensação de *deja vu* e falta de fôlego. No melhor do bolo, um hit certo: a alegre "Duas Luas", dele e Mautner ("Eu estou andando pelas ruas como quem não quer nada/ Debaixo do sol e das luas/ Elas são mais de duas"). No quase blues de "Seu Olhar", a competente guitarra de Herbert Vianna passeia pelo romantismo ("Há no seu olhar algo surpreendente/ Como o viajar da estrela cadente"). Em "Roque Santeiro, o Rock", Gil homenageia as novas bandas, num som meio "sujo" ("Outrora arraia miúda agora lobão de boca bem grande a gritar... outrora frágil autorama/ Agora cem paralamas de grandes carretas de som..."). No front político, o oportuno pau à mesmice política da Nova (?) República: "O poder da autoridade/ Se pode não faz questão/ Se faz não consegue/ Enfrentar o tubarão". E no racismo abominável do *apartheid:* "Salve a batina do bispo Tutu". E salve Gilberto Gil. *José Eduardo Mendonça*

LANÇAMENTOS

HOUNDS OF LOVE — Kate Bush (EMI-Odeon)

Como apresentar *esta* Kate aos que só conhecem *aquela* Kate superficial e cansativa de "Wuthering Heights"? Dizendo que ela faz o rock progressivo (no sentido de evolutivo) mais instigante e mais apavorante desde Peter Gabriel? Que — como Gabriel — Bush atingiu um ponto de miscigenação musical tal que em cada faixa deste disco convivem diversas culturas? Poderia dizer todas essas coisas, mas nenhuma delas sequer se aproximaria de uma descrição acurada de o que é ouvir *Hounds of Love*. O lado 1 é um debate filosófico sobre as várias manifestações de amor. O lado 2 é uma peça conceitual sobre reencarnação. E isto *é* rock and roll! Só ouvindo.

José Emilio Rondeau

MAGIC TOUCH — Stanley Jordan (Blue Note/EMI-Odeon)

Era uma vez um garoto negro que estudava piano clássico desde os cinco anos. Um belo dia este garoto descobriu Jimi Hendrix. E se atracou para sempre com a guitarra. E, como Hendrix — até hoje sua maior inspiração —, o garoto criou um estilo só seu.

Da mesma forma que um pianista, ele usa as duas mãos independentemente e, invariavelmente, soa como dois, três guitarristas tocando ao mesmo tempo. Esta é a história de Stanley Jordan, o atual *enfant terrible* do jazz norte-americano, que, aos 25 anos, lançou um álbum de estréia no qual reinventa Hendrix (uma delicadíssima versão de "Angel"), Beatles ("Eleanor Rigby") e Miles Davis ("Freddie Freeloader"). E pensar que, três anos atrás, Stanley estava nas calçadas de Manhattan tocando por alguns trocadinhos... *J.E.R.*

THE LAST COMMAND — WASP (EMI-Odeon)

Mais um lançamento da série Heavy Metal Attack e o segundo na carreira do WASP, grupo americano consagrado com a "canção" "Fuck Like a Beast" e comandado pelo vocalista/baixista Blackie Lawless ("Negrinho Fora-da-Lei"). No seu currículo, de interessante, apenas uma passagem pelos New York Dolls.

O caminho macabro e pornô é seguido à risca em disco e palco, mas para mim não passa de jogada comercial.

Nesse *Last Command* há um cuidado todo especial com os backing vocals e uma boa presença das guitarras em "Jack Action", "Windowmaker" ("Transador de Viúvas"!), "Blind Texas" e "Running Wild". Enquanto isso, Blackie arranca a voz lá do fundo, como que vomitando as palavras. O que só deve funcionar mesmo ao vivo, quando agita sua juba girando a cabeça em círculos. Isso quando não bebe sangue falso de um crânio humano, se lambuzando todo. Dizem que eles também vêm ao Brasil em 86. Tranquem suas filhas e namoradas. *L.R.*

GETZ/GILBERTO — Stan Getz, João Gilberto, Antônio Carlos Jobim (Polygram)

O disco de cabeceira de um casal inglês conhecido como Everything but the Girl e de um ex-punk chamado Simon Booth (fundador do Weekend e do Working Week).

Editado originalmente em 64 pelo selo Verve — reduto da vanguarda nova-iorquina que deu ao planeta Velvet Underground — *Getz/Gilberto* dispensa comentários, está acima da crítica. Até há pouco só podia ser encontrado numa horrível capa de duvidoso marrom. Agora vem *comme il faut*. Apenas uma mácula, de responsabilidade da produção: mixado um pouco mais baixo, o sax de Getz comporia uma só densidade com a coolesfera/atmosfera dos outros instrumentos (o violão de João Gilberto e o piano de Tom Jobim, sublimes). Trata-se de um primeiro plano injustificável, tanto em textura como em quilate estelar dos envolvidos.

Mesmo assim, não chega a comprometer a execução inspirada — e em condições técnicas de gravação *muito* melhores às da bossa gravada no Brasil, na época — de obras-primas como "Só Danço Samba", "O Grande Amor", "Corcovado", "Doralice" e "Desafinado". Conclusão redundante: acima da crítica. *J.A.L.*

THE WARRIOR — Chariot (Woodstock)

Surge um selo paulistano especializado em lançamentos internacionais de heavy metal no Brasil, principalmente os do acordo feito com o selo independente inglês Shades Records. Assim, Chariot é dos primeiros desses metálicos independentes a sair pela Woodstock. Apesar de malditos até no próprio estilo, eles lá já têm público certo e até gravaram um vídeo de divulgação.

É um pessoal competente com duas guitarras duelando. "Love Me Or Leave Me" é o carro-chefe desse vinil. Os vocais são bem cuidados, a bateria é firme e se entende com o baixo. Nada de excepcional mas tem muito metaleiro profissional que não está fazendo nem isso. *L.R.*

HELLBOUND — Warlock (Polygram)

Segundo LP (primeiro aqui) desse heavy chucrute dos mais pesados. Muito *power metal*, alguns riffs já manjados mas uma cantora de denso poder vocal e muita sensualidade que enfrenta platéias machistas cercada de um som altíssimo. Ela é Dorothee (Doro) Pesch, 23 anos, que agrada mais no power metal do que nas lentas, às vezes se esgoelando no que se parece muito com o protetor-avalista do grupo, Udo Dirkschneider (Accept), que deve botar suas calças de molho.

O Warlock é de Ruhr, uma região alemã de muita poluição e desemprego onde esse tipo de metal é o escape de muito jovem. E o pessoal é competente no que faz. "Shout It Out", Wrathchild", "Down And Out" e "Out of Control" vão cair no gosto dos *headbangers* com certeza. *L.R.*

ATAQUE SONORO — Vários (Ataque Frontal)

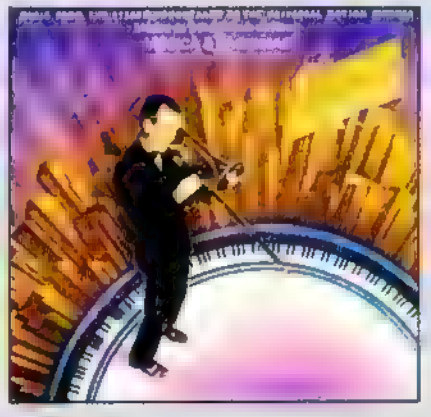
Pela enésima vez, aí estão os punks dando lições de competência empresarial e garra às grandes gravadoras e seus conjuntos de bailarico. Esta é uma coletânea surpreendentemente variada, do *hardcore* ao *Oi!*, passando pelo *skate punk* (e provando que é possível distinguir os grupos punk uns dos outros — coisa em que nem eu acreditava muito). Um verdadeiro quem é quem no punk brasileiro que, aliás, é sucesso na Europa e na América — digo, entre os punks de lá.

Bandas de São Paulo, Rio, do ABC paulista e de Santos — Vírus 27, Ratos do Porão, Garotos Podres, Espermogramix, Auschwitz, Desordeiros, Cólera, Grinder's, Armagedom e Lobotomia — comparecem com duas faixas cada, plenas de charme amador, azedume e diatribes contra o sistema.

Com o som e o histórico de cada grupo no encarte, *Ataque Sonoro* é mais que um disco: é uma enciclopédia do gênero. *A.A.*

ANTHOLOGY OF... — Grover Washington Jr. (WEA)

Quem é chegado a um bom saxofone já deve ter ouvido falar muito bem de Grover Washington Jr., americano que domina com perfeição o instrumento. Se você curte sax e também jazz *lights* com pitadas funk e nunca ouviu falar dele, pode dar uma conferida neste álbum, *Anthology of Grover Washington Jr.*, que traz dez composições selecionadas entre 81 e 84, época considerada a melhor fase de sua carreira. Como bônus, quatro faixas de LPs do músico não lançados no Brasil. Ótima trilha sonora para uma noite relax. *Tom Leão*



MÚSICA E LÁGRIMAS — Glenn Miller (WEA)

Para ser mais fiel, a orquestra, na verdade, é da Universal, que registrou à risca as partituras do mestre dançante Glenn Miller. É isto. Para ouvir e dançar junto. Com a imortal "Moonlight Serenade", mais as participações do excelente batera Gene Krupa e do gênio Louis Armstrong e seus All Stars. E todo o *swing* que embalou o mundo na década de 40. Ah! É a trilha sonora do filme do mesmo nome, relançado com cores e som modernos. *J.E.M.*

PATIFE BAND (Independente)

Boa notícia para os fãs do Arrigo: na família e no filão sonoro, estréia em disco a banda do mano Paulo Barnabé. Com André Fonseca (guitarra), James Müller (bateria) e convidados, ele alinhava parcerias com o irmão (inclusive a ótima "Pesadelo") e com Itamar Assumpção ("Tô Tenso") a recriações *heavy* de "Tijolinho" (o sucesso iê-iê-iê de Bobby di Carlo que, dizem, comprou um baixo com a grana e foi tocar jazz) e de "Noite Feliz" (!!!). Nessas duas últimas é que se sente a falta de um cantor mais possante, que não é superada nem pela participação dos Inocentes nos vocais. Só não se deixe iludir com o aspecto de LP: o disco tem, no total, doze minutos. *A.A.*

ROCK SHIRTS

Camisetas e bonés exclusivos com estampas dos grupos e ídolos do rock.

GRÁTIS

na compra de 5 camisetas você ganha uma à sua escolha. Cores: verm. • am. verde • azul • preta • branca

Reembolso Postal

Camuflado - Cr$ 56.000 Vermelho ou preto Cr$ 45.000

GRÁTIS

na compra de 5 bonés, um à sua escolha.

Escolha o aplique do grupo que você quiser acima. Pedido mínimo: 2 bonés. Mandamos também os apliques separados para você aplicar em sua roupa por Cr$ 15.000 cada. Pedido mínimo: 3.

Ref. 09

Preencha corretamente: referência, cor da camiseta, tamanho (P, M ou G)

REF.	COR	TAM	REF	TAM.

Nome
End
Cidade Est. CEP

Mande seu pedido para a Av. Carinás, 788
CEP 04086 - SP - Capital
Preços válidos até 31/01/86

DESCONTO 10% Enviando cheque à Rock Shirts ou ordem de pagamento para a conta 53111-1 ag 194 - Bradesco-SP - Capital
Preencha os valores já descontados os 10%

AQUI HABITAM LEÕES — Sossega Leão (Continental)

E eis que chega ao vinil a irresistível *latinidad* do Sossega Leão, combustível de mil bailinhos. A pergunta era cabível: o carisma do grupo, moldado em anos de apresentações *calientes*, como se filtraria em disco? Caribe, ei! Funciona.

Ao contrário dos grupos que se apropriaram do latino-chorão, "mecortaram-mis-manos", subproduto das *n* ditaduras que apoiminharam e apoiminham o continente, os leões do Sossega escolheram a trincheira mansa e certa dos ritmos insulares. Salsa, rumba, mambo, bolero, calipso, beguine e merengue, reggae e ska. E no entanto abordam essa música de festa com seriedade e respeito, até, conhecendo-lhe a raiz, garimpando descobertas, recriando clássicos.

E o drama de "Juan Pachanga" (na boa interpretação de Skowa) soa mais comovente que qualquer ladainha politiqueira. E uma letra esdrúxula como a do "Especificador" rola até natural, na versão de "Llego Mijan". Certo, "Tequila" não tem o vigor dos shows. Ou as competições próprias, essas certamente mereceriam mais ousadia nos arranjos — uma dívida para os próximos trabalhos.

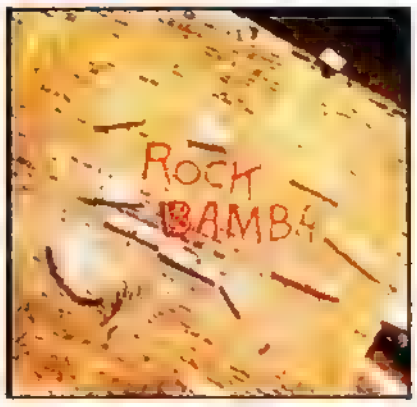
Mas só a tarefa hercúlea de manter a disciplina e produzir com essa orquestra (Chico, Cláudio Gato, Juninho, Matias e Félix Wagner, metais; Guga, marimba e vibrafone; Skowa, baixo e voz; Cabello e Tuba, guitarras; Adriano Japonês, bateria; Fernando, Alaor e Santa, percussão; Hamilton, voz; além de várias participações especiais) sem nenhum ditador bigodudo, já vale uma medalha. *Alex Antunes*

O ADEUS DE FELLINI — Fellini (Baratos Afins)

Da mesma turma do Voluntários da Pátria e do Smack, Fellini é outro grupo *outsider* paulistano a lançar LP pelo selo independente Baratos Afins e, como os dois citados, fez um trabalho exatamente dentro do que se propunha, não dando a mínima para as indicações do mercado. Talvez por isso, o som do Fellini não seja para todos os ouvidos.

Com vinhetas abrindo várias músicas, melodias anticonvencionais e boas letras, onde palavras se repetem a cada verso, o som do Fellini está tanto para os delírios de Ken Russel quanto para os sonhos surreais do homônimo diretor italiano, deixando no ar, junto com o título do disco, a dúvida se o projeto morre aqui ou continuará.

A capa do disco e o bom desempenho dos músicos merecem destaque. *T.L.*



ROCK BAMBA — Vários (Polygram)

"Mamãe do Céu!!", diria Jean-Luc Godard, e com toda a razão.

Esta peculiaríssima coletânea junta no mesmo saco boa parte do pop pós-tropicalista produzido no Brasil entre final dos anos 60 e meados dos 70. Pequenas pérolas descartáveis, devidamente descartadas e esquecidas até esta empreitada da Polygram, em que brilha disparada a estrela do mestre Jorge Ben. Ele comparece com "Magnolia", "Domingas", "A Princesa e o Plebeu" e uma versão/paródia de sua "Minha Menina", acompanhado pelos Mutantes e uma afiada guitarra com pedal *fuzz*. Na seqüência, o prosaico do prosaico com Erasmo Carlos, o afro-folk-caribenho de Marku Ribas (resgatado também no LP do Sossega Leão), o garganta Tim Maia e curiosidades como o Trio Mocotó — que está para Jorge Ben assim como Os Demônios da Garoa estão para Adoniran Barbosa. Quem disse que o Brasil não tem memória? *J.A.L.*

ERASMO CARLOS (Polygram)

"Meu amigo" Erasmo Carlos, um de nossos mais antigos roqueiros, está comemorando 25 anos de carreira (vinte anos atrás ele foi um dos reis da Jovem Guarda) e, festejando a data, lança seu 17.º LP, simplesmente intitulado *Erasmo Carlos*. Simples também é a comemoração: um álbum de pouco luxo (*Buraco Negro*, do ano passado, tinha capa dupla), em tons verde-esperança, com dez faixas que giram em torno do romantismo.

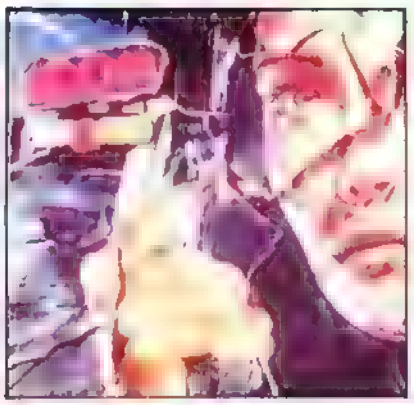
Cinco delas são parcerias com Roberto Carlos, incluindo a regravação de "Haroldo, O Robot Doméstico", que até hoje não sabemos se morreu apaixonado pelo patrão ou pela TV colorida. Um amigo da Jovem Guarda, Leno (o da Lílian), colabora com sua brega-wave "Coração Adolescente", onde podemos notar que o tipo de letra romântica feito por bandas modernhas só difere das de vinte anos atrás pelos arranjos tecno e pela consumação da transada.

O filho mais velho do Tremendão, Gil Eduardo, divide com o pai e um amigo a brincalhona "Orgasmo Calmo" (Erasmo Carlos pronunciado de modo trocado), consolidando o clima "muito família" do LP como pede este tipo de comemoração. *T.L.*

RAUL ROCK — Raul Seixas (Polygram)

Com certeza de olho na concorrência inesperada do fã-clube de Raul (que lançou uma coletânea dele há poucos meses), a Polygram preenche um rombo na memória dos roqueiros nacionais. *Raul Rock* reúne, assim, os principais hits da fase mais fértil do cantor/compositor/arranjador/pensador — fase inaugurada com o estrondo ufológico de "Ouro de Tolo" (72), abrangendo preciosidades como "Al Capone", "Mosca na Sopa", "Metamorfose Ambulante" e "Rock do Diabo".

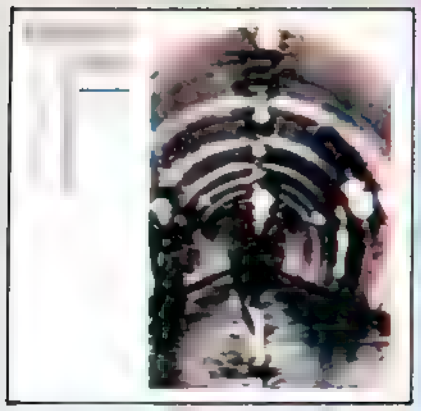
O negócio é reouvir e aprender, esperando que seja jogada alguma luz sobre *Metrô Linha 743* — o último e brilhante trabalho de Raul que, para vergonha geral da nação, passou totalmente desapercebido. Volta, Raul! *J.A.L.*



NIGHT OF THE CRIME — Icon (EMI-Odeon)

Segundo LP em quatro anos de carreira desse quinteto pesado de Phoenix, Arizona. Faz metal para grandes espaços, tipo arena, e que sirva para tocar em FMs, principalmente nos States.

Isso é, som mais maneiro para agradar D.J.s e programadores. Temas do cotidiano do pessoal e rotineiros ao estilo. Rock pesado mas não muito, harmonia, bons instrumentistas e as guitarras rasgantes e enfurecidas (às vezes sintetizadas) de John Aquillino e Dan Wexler (também vocalista). Visual bem cuidado e tudo bem produzido (armado) como outros. "Naked Eyes" e "Missing" podem tocar em FMs. "Out of Blood" (boa introdução) e "Rock My Radio" são as melhorzinhas. As tais hordas metálicas não gostam muito desse "estilão". *L.R.*

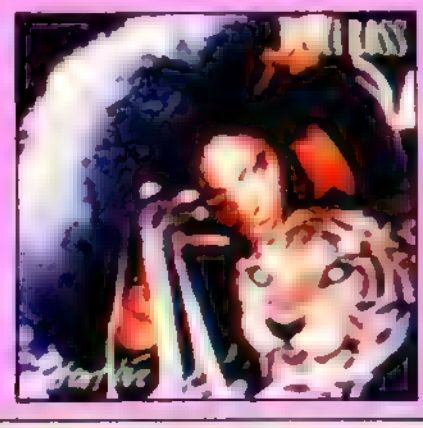


WHOSE SIDE ARE YOU ON — Matt Bianco (WEA)

Mark Reilly e Danny White, vocal e teclados do Matt Bianco, faziam parte do Blue Rondo a la Turk, banda que no final dos anos 70, com o batera brasileiro Geraldo D'Arbilly, começou a espalhar o samba e a bossa-nova pela vida musical inglesa. Este LP segue na mesma linha. Os dois carregam na new-bossa, com uma carga mais *jazzy* e inflexões vocais oriundas das escolas que geraram grupos como o Manhattan Transfer. Agradável, mas cheirando a Burt Bacharach em "More Than I Can Bear" e a Kid Creole (sem o mesmo *punch*) em "Sneaking out the Back Door". Em "Get Out of Our Lazy Bed", a participação do baixista brasileiro Kiko Poncioni, também ex-Blue Rondo. *J.E.M.*

RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁPIDO & RASTEIRO RÁ

LIVE IS LIFE (Polygram), talvez o título mais idiota que um disco ao vivo já recebeu, apresenta o grupo holandês **Opus** — um sub-Focus à base de um pastichão jazz/erudito com vocais chupados do Yes. Isso é que é som deprê ⊗ Os irmãos Gibb — leia-se Bee Gees — estão, junto a Michael Jackson, de cabo a rabo em **EATEN ALIVE** (EMI-Odeon), o novo LP de **Diana Ross.** Coisa boa é que não podia dar ⊗ Uma opção, porém, de funk feminino FMnino é o trio de beldades **Mai Tai** e seu LP **SINGLE LIFE** (Polygram). Vale pela faixa-título ou valeria, se as rádios não tivessem saturado a pobre cançoneta ⊗ Falando em damas da canção popular, **Gal Costa** é a vítima da coletânea **MEU BEM MEU MAL** (Polygram), que pretende reunir as faixas "românticas" de — com exceção da magnífica "Folhetim" — sua fase pós-*Gal Tropical*, justamente a pior de sua carreira ⊗ Falando em vítimas e coletâneas, falemos de **BETHÂNIA, MANO CAETANO & AMIGOS** (Polygram), que pode se gabar de vestir a capa mais feia de 85. Já no recheio, **Maria Bethânia** aparece em duetos com, além do mano, Alcione, Erasmo, Chico, Jorge Ben, Nara Leão e Dona Ivone Lara (na sublime "Alguém me Avisou"). O curioso é que as melhores faixas são apenas "cadeira cativa" do repertório da mana — aqui elas vêm do histórico encontro ao vivo de Caetano com Chico Buarque ⊗ **ABSYNTHO** (RCA), não são os responsáveis pelo "Ursinho Blau Blau"? Passa aí, rápido e rasteiro, a raspa do tacho... ⊗ **JOANNA** (RCA), **CAMISA DE VERÃO** (Polygram) do **Roupa Nova, ESTRELA DO MEU CLIP** (Som Livre) de **Marcelo,** e **CLASSICS IN THE AIR** (Polygram) regidos por **Paul Mauriat** — Aaaarrrggghhhhh !!!! *J.A.L.*



2 BELL P 39Q AIRACOBRA (1941) USA
Foi o primeiro avião de caça do mundo com trem de aterragem, triciclo retrátil e motor situado atrás do piloto, para dar lugar ao pequeno canhão instalado no cubo da hélice. Foi especializado na luta contra tanques.

3 HAWKER TEMPEST MK V (1944) INGLATERRA
Caça bombardeiro que devido à sua velocidade foi utilizado na interceptação das bombas voadoras alemãs. V1. Enfrentou com sucesso os caças a reação tipo jato: ME 262.

5 CURTISS P 40N WARHAWK (1941) USA
Atuou em todas as frentes da Segunda Guerra. Seu grande destaque foi na China, onde os pilotos norte-americanos voluntários, os "Tigres Voadores", obtiveram 286 vitórias e 26 derrotas.

4 REPUBLIC P 47 THUNDERBOLT (1943) - USA
É considerado um dos melhores aviões de caça e caça bombardeiro dos norte-americanos na Segunda Guerra. Atuou como escolta aos B 17 da 8ª Air Force e nos céus do Pacífico.

6 AVIÕES PARA A SUA COLEÇÃO

KITS PARA VOCÊ MONTAR

ESCALA - 1:72

AS EMOÇÕES DA II GUERRA MUNDIAL

1 MACCHI MC-202 FOLGORE (1941) - ITÁLIA
O melhor caça italiano, considerado superior aos Hurricane e aos Curtiss P-40. Cerca de 1 500 MC-202 operaram em todas as frentes, inclusive na URSS.

6 MITSUBISHI AEM3 ZERO (1939) - JAPÃO
Figurou entre os mais famosos da Segunda Guerra. Superior nos tempos de Pearl Harbour, quando operou como escolta dos bombardeiros, perdeu sua primazia nos primeiros meses de 1943. Terminou orgulhosamente a sua carreira com 465 exemplares construídos numa versão especial para ataques suicidas, os kamikazes.

1 modelo: Cr$ 28.000

COLEÇÃO DOS 6: Cr$ 111.000
FAÇA AGORA SEU PEDIDO

FAÇA SEU PEDIDO HOJE MESMO PARA
DISTRIBUIDORA FRATELLI - CAIXA POSTAL 2608 - CEP 20001 - RIO - RJ

OPÇÃO 1
DESEJO RECEBER O(S) MODELO(S) ABAIXO INDICADO(S) PELO(S) QUAL(IS) ESTOU ENVIANDO
☐ CHEQUE NOMINAL OU VALE POSTAL IAG COPACABANA COD 520276 NO VALOR DE Cr$ 28 000 CADA MODELO + Cr$ 10 650 DE DESPESAS DE REMESSA
☐ PREFIRO PAGAR AO RECEBÊ LO(S) NO CORREIO AO PREÇO DE Cr$ 33 000 CADA MODELO + AS DESPESAS DE REMESSA
MODELOS ESCOLHIDOS (MARQUE COM UM X) 1 [ ] 2 [ ] 3 [ ] 4 [ ] 5 [ ] 6 [ ]

OPÇÃO 2
QUERO APROVEITAR A PROMOÇÃO E ADQUIRIR A COLEÇÃO COMPLETA DOS 6 MODELOS PELA QUAL ESTOU ENVIANDO
☐ CHEQUE NOMINAL OU VALE POSTAL IAG COPACABANA COD 520276 NO VALOR DE Cr$ 111 000 + Cr$ 10 650 DE DESPESAS DE REMESSA
☐ PREFIRO PAGAR AO RECEBÊ LA NO CORREIO AO PREÇO DE Cr$ 135 000 + AS DESPESAS DE REMESSA

Nome _____
Endereço _____
CEP _____ Estado _____
Cidade _____
(PREENCHER A MÁQUINA OU EM LETRA DE FORMA!) BIZZ 06

Os aviões não serão vendidos em lojas.
☎ (021) 255-6583

DISTRIBUIDORA FRATELLI
CAIXA POSTAL 2608 - CEP 20001 - RIO - RJ

LANÇAMENTOS

XANADU

Direção: Robert Greenwald. Com Olivia Newton-John, Gene Kelly. Lançamento CIC.

Musical engraçadinho. Olivia é a musa Kira, que se apaixona por um mortal (Michael Beck). É ajudada em sua conquista por Gene Kelly, e acaba construindo um paraíso para o culto da música, batizado de Xanadu

O REI DA NOITE (1976)

Direção Hector Babenco Com Marilia Pera, Paulo José. Lançamento CIC

Belo filme do hoje badaladíssimo Babenco. O rei da noite é o cafajeste Tertuliano (Paulo José), numa trajetória da infância à velhice. Depois de um amor malresolvido com a rainha da noite, Pupi (Pera), um triste final num asilo

REPÚBLICA DOS ASSASSINOS (1979)

Direção: Miguel Faria Jr Com Tarcísio Meira, Sandra Brea. Lançamento CIC.

Um policial carioca (Meira) faz parte de um esquadrão da morte, os Homens de Aço, e de tanto cometer crimes acaba se confundindo com os bandidos que persegue. Boa ação

OS EMBALOS DE SÁBADO CONTINUAM (Staying Alive, 1983).

Direção: Silvester Stallone. Com John Travolta, Cynthia Rhodes. Lançamentos CIC

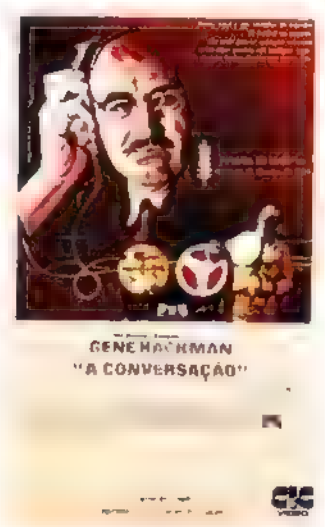
A tradução do título original seria *sobrevivendo*. No caso, *quase* morto, juntando babacas do porte de Travolta, Stallone e os Bee Gees.

O FÃ (The Fan, 1981)

Direção: Edward Bianchi. Com Lauren Bacall, James Garner. Lançamento CIC

Bacall é uma atriz (Sally Ross) mergulhada em uma crise existencial. Como se isto não bastasse, começa a ser perseguida por um fã psicopata

A CONVERSAÇÃO (The Conversation, 1974)



Direção: Francis Ford Coppola. Com Gene Hackman, John Cazale. Lançamento CIC

Harry Caul (Hackman) é um especialista em espionagem eletrônica. E acaba paranóico, obcecado com sua própria privacidade. Acaba se envolvendo emocionalmente com uma de suas missões e embarca num pesadelo.

SCARFACE (1983)

Direção: Brian de Palma Com Al Pacino, Michelle Pfeiffer. Lançamento CIC

Tony Montana, um cubano, chega a Miami movido pela ambição. E pela ambição torna-se um gangster notável, deixando os escrúpulos pelo caminho. Grande filme policial, com trilha sonora do mestre eletrônico Giorgio Moroder

A SÍNDROME DO VÍDEO (Videodrome, 1982)

Direção: David Cronenberg Com James Wood, Deborah Harry. Lançamento CIC

Estréia no cinema da loiraça Debbie Harry (do extinto Blondie). Efeitos especiais de montão, com o dono de uma TV a cabo no Canadá (Woods), que só trabalha com extrema violência e pornografia. E acaba tendo mil surpresas. Paranóia perde. Debbie ainda estava bem, antes das overdoses

A ILHA (The Island, 1980)

Direção: Michael Ritchie Com Michael Caine, David Warner. Lançamento CIC

Aquela história dos barcos que desaparecem no Triângulo das Bermudas. Suspense de Peter Benchley, o mesmo autor de *Tubarão*. O que está por trás dos desaparecimentos? Tchan-tchan-tchan-tchan!

GOLPE DE MESTRE 2.ª PARTE (The Sting II, 1982)

Direção: Jeremy Kagan. Com Jackie Gleason, Teri Garr Lançamento CIC

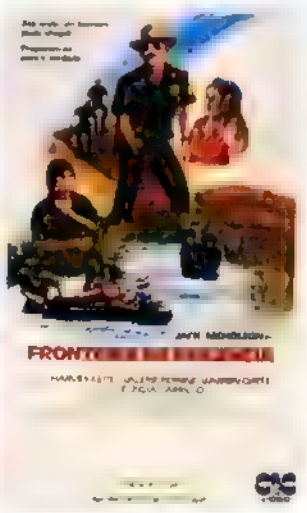
O primeiro da série se passava na Chicago de 1930, em meio à depressão. Aqui tudo acontece em Nova York dez anos depois, com a sociedade já fervilhando. Engraçadinho, e com competente trilha sonora de Lalo Schifrin.

UMA FAMÍLIA EM PÉ DE GUERRA (Tank, 1983)

Direção: Marvin Chomsky Com James Garner, Shirley Jones. Lançamento CIC

Veterano combatente americano joga tudo para o ar e enfrenta a tudo e a todos para salvar seu filho, injustamente condenado. Arma de combate, um velho tanque de guerra. Divertido. Seu filho (Thomas Howell) é um daqueles garotos de bicicleta que nos encantaram em *E.T*

FRONTEIRA DA VIOLÊNCIA (The Border, 1981)



Direção: Tony Richardson Com Jack Nocholson, Valerie Perrine. Lançamento CIC

Charlie (Nicholson) é um homem frustrado em seu casamento, levado pela mulher de senteressante e ambiciosa a trabalhar como guarda de fronteira no Texas. Sua missão: expulsar imigrantes mexicanos ilegais. Resiste ao vídeo numa boa

GUERRA ENTRE GANGSTERS (The Gangsters Wars, 1981)

Direção: Richard Sarafian Com Michael Nouri Brian Benben. Lançamento CIC

Três garotos de Nova York juntam-se, no começo do século, para começar a construir o que viria a ser um império do crime. A grana vem do comércio de bebidas alcoólicas nos tempos da Lei Seca

ELES NÃO USAM BLACK TIE (1981)

Direção: Leon Hirzman. Com Fernanda Montenegro, Gianfrancesco Guarnieri Lançamento Globovideo

Adaptação de uma obra-prima do teatro nacional, escrita em 1956. Na São Paulo atual, uma trama centrada em torno de um operário e líder sindical (Guarnieri). Brilhante síntese entre o intelectual e o popular

Foto Divulgação Globovideo

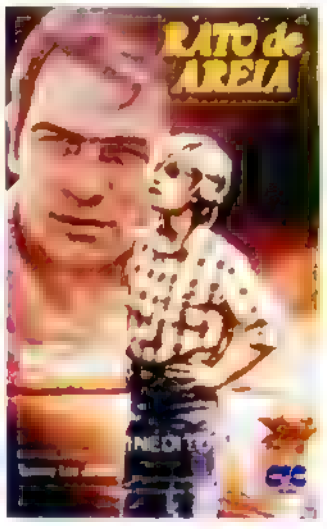
O SEGREDO DA MÚMIA (1983)

Foto Divulgação Globovideo

Direção: Ivan Cardoso. Com Wilson Grey, Regina Casé Lançamento Globovideo

Hilário, com o bom humor que marca grande parte do melhor cinema nacional. Um professor ressuscita uma múmia com seu elixir da vida. E a múmia se apaixona por uma repórter, achando que ela é a reencarnação de sua amada Nadja, que havia assassinado três mil anos antes

RATO DE AREIA (The River Rat, 1984)



Direção: Tom Rickman. Com Tommy Lee Jones. Lançamento CIC

Fraco, mas resistente a uma tarde com pipoca e tevê. Billy, condenado à prisão perpetua por homicídio, é solto após treze anos com a ajuda de um médico corrupto. E sai procurando a grana que havia escondido antes de ser preso. Boa fotografia

EM ALGUM LUGAR DO PASSADO (Somewhere in Time, 1980)

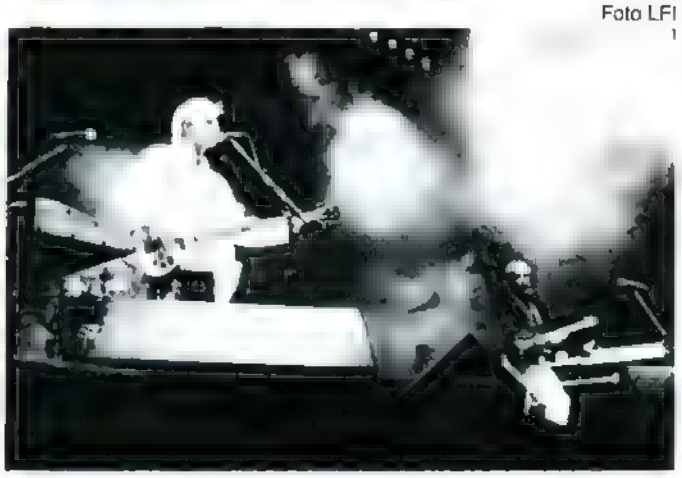
Direção, Jeannot Swarc. Com Christopher Reeve, Jane Seymour Lançamento CIC

Reeve é um jovem teatrólogo que recebe um presente misterioso de uma velha senhora. Descobre depois que ela havia sido uma bela atriz e volta ao passado para encontra-la. Meio melosa

MUSICAL

THE SYNCHRONICITY CONCERT (1985)

Foto LFI



Direção: Godley & Creme. Com o grupo The Police

Nesta quase íntegra do show que o Police apresentou em sua turnê norte-americana de 1983, a dupla inglesa de diretores Kevin Godley e Lol Creme realizou um dos melhores trabalhos de sua carreira e, no processo, estabeleceu um altíssimo padrão de qualidade para os clips de shows de rock. Como em raras ocasiões, câmera e músicos dialogam e carregam você para dentro daquele delicioso e íntimo diálogo. J.E.R

ZIGGY STARDUST, THE MOVIE (1983)

Foto Gamma

Direção: D.A. Pennebaker

Pode não ter sido um dos melhores shows de Bowie, mas foi um dos mais importantes: o encerramento de sua excursão européia de 73 e sua primeira "despedida" dos palcos. Para o bowieófilo inveterado, duas versões inéditas: "My Death" (Jacques Brel), só voz e violão, e "White Light White Heat" (Velvet Underground). J.A.L

RUDE BOY (1978)

Foto LFI

Com The Clash, Sex Pistols, Siouxsie and the Banshees

Documentário em torno de um garoto que trabalha numa loja de objetos pornôs, acaba conhecendo Joe Strummer e vai trabalhar como roadie do *Clash*. Pano de fundo, Londres e o excelente festival de rock contra o racismo realizado naquela cidade no verão de 77

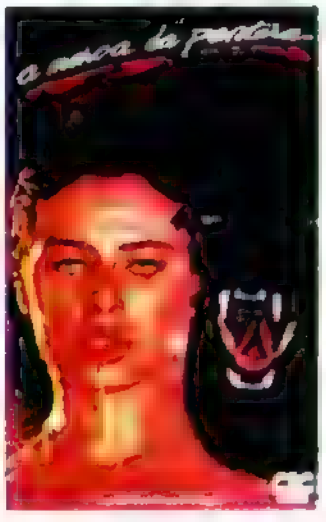
POLICIAL

CORPOS ARDENTES (Body Heat, 1981)

Direção: Lawrence Kasdan Com William Hurt, Kathleen Turner

Kasdan estréia como diretor neste policial, no qual Hurt *(O Beijo da Mulher Aranha)* é um advogado de segunda, convencido pela sedutora Turner a matar seu rico marido. Paixão e traição num bom pique de suspense

A MARCA DA PANTERA (Cat People, 1982)



Direção: Paul Schrader. Com Nastassja Kinski e Malcolm McDowell

Bela refilmagem do clássico (1942) de Jacques Tourner, obra-prima do terror B. Desta vez é a já normalmente felina Nastassja quem se transforma num leopardo negro sedento de sangue. A cena em que ela é amarrada, patinha por patinha, na cama é uma das mais eróticas da História. E a canção-tema reúne os talentos de Bowie e Giorgio Moroder. J.A.L

DRAMA

IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER (Identificazione de Una Donna, 1982)

Direção: Michelangelo Antonioni. Com Tomas Milian, Daniela Silverio. Lançamento CIC

Superinteressante. Um cineasta procura um rosto para seu próximo filme. É a busca da mulher ideal, em torno da qual quer reconstruir sua vida. Fotografia chocante e um final surpreendente. (Leia entrevista com Antonioni na BIZZ n.º 7.)

QUARTETO BASILEUS (1983)

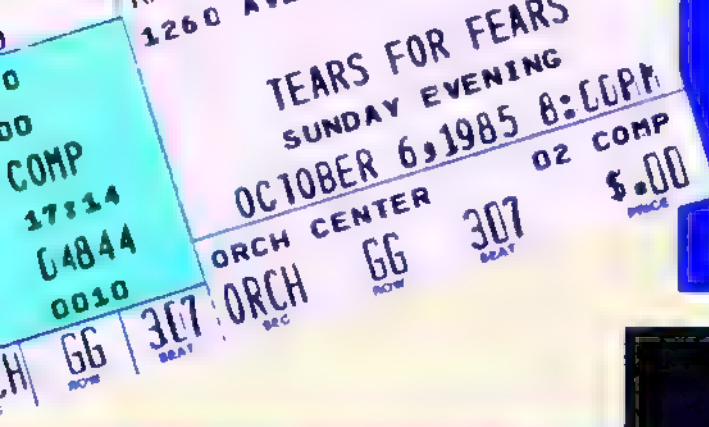
Direção: Fabio Carpi. Com Pierre Mallet, Omero Antonutti

Quarteto de cordas de velhos músicos contrata um jovem virtuoso. O sopro do novo entra em conflito com idiossincrasias e valores solidificados, levando ao tumulto e à desarmonia

Com exceção dos musicais, todos os filmes indicados são legendados. Levantamento feito a partir dos videoclubes Omni e 2001 (SP) e das distribuidoras Globovideo e CIC Video. Todas as críticas não assinadas são de José Eduardo Mendonça

Fotos Estudio Abril

TEARS FO



Curt Smith e Roland Orzabal receberam *Marco Antônio de Menezes*, da BIZZ, numa suíte de hotel em NY. Atenciosos, mesmo que cansados, a poucas horas de um terceiro concerto com lotação esgotada, os dois deram a seguinte entrevista:

BIZZ — *Trouxe uma cópia da* BIZZ *para vocês. Tem uma reportagem sobre o Tears for Fears.*
Curt — Ah, é?
BIZZ — *Este último LP de vocês,* Songs From the Big Chair, *saiu este ano, bem depois de* The Hurting, *o primeiro disco do Tears for Fears, de 83. Que é que vocês estavam fazendo, entre um disco e outro?*
Curt — Fizemos uma gravação; ficou péssima, eu acho. Depois disso, para falar a verdade, eu acho que nós não sabíamos o que a gente queria fazer. Fomos pressionados para gravar essa música, e o resultado foi mau, foi péssimo. Não saiu em lugar nenhum, só na Inglaterra. No fundo, estávamos na maior confusão sobre o que a gente queria fazer. Depois dos ensaios, ficamos pensando que não devíamos gravar outro disco. Levou muito tempo para que a gente mudasse esta forma de pensar. Mas foi gravando aquela coisa que começamos a estudar o lado

OR FEARS

Fotos Elizabetsky

tecnológico da gravação de um disco. Acho que estávamos pensando mais em fazer isso do que em gravar boas faixas. No fundo, o que fizemos entre um disco e outro foi tirar férias, férias enormes, para trabalhar com nossas próprias coisas.

BIZZ — *Pode-se dizer que* The Hurting *era um disco bem mais experimental que* Songs From the Big Chair. *Não é?*

Roland — É, é isso. Em *Songs From the Big Chair* pela primeira vez nós usamos um bocado de clichês, de lugares-comuns. Uma coisa que evitamos a qualquer preço em *The Hurting*.

BIZZ — *E isso foi de propósito, quero dizer, vocês usaram clichês para fazer um disco mais acessível?*

Roland — Foi, quero dizer, quando nos sentamos para trabalhar, para escolher as canções de *Songs From the Big Chair*, nós concordamos que íamos fazer tudo para tentar vender discos, muitos discos. Isso era uma coisa que nunca passava pela nossa cabeça antes.

BIZZ — *Entendo. Aliás,* The Hurting *foi um disco muito caro para gravar, não foi? Bem mais que este disco de agora.*

Curt — Foi sim.

Roland — Claro, muito mais caro.

BIZZ — *E o próximo disco? Vocês já estão planejando alguma coisa, ou é cedo demais para pensar nisso?*

Roland — Não, não é cedo demais, mas por agora não temos nenhum plano.

BIZZ — *As faixas "Broken" e "Head Over Heels" foram gravadas ao vivo?*

Roland — Não, só a última parte de "Broken" é que foi gravada ao vivo.

BIZZ — *E como foi a gravação destas duas canções? Que problemas e que soluções apareceram?*

Roland — Não vejo muita diferença em relação às outras faixas. Foi a mesma coisa; simplesmente gravamos.

BIZZ — *Gravaram e mixaram, e pronto?*

Curt — É.

BIZZ — *Tears for Fears já existia em 81. Como foi o princípio, como é que vocês começaram?*

Curt — Bem, nós já tínhamos tocado juntos, com várias bandas, desde que a gente tinha 13 anos de idade, e chegou um ponto em que simplesmente largamos uma destas bandas (The Graduate). Simplesmente

decidimos trabalhar como uma dupla, e com as pessoas que nos davam prazer de trabalhar juntos, sem ter de montar uma banda, especificamente. Bandas sempre nos criavam um bocado de problemas, sabe. Foi então que ficamos conhecendo Ian Stanley em Bath, e ele tinha este estúdio, uma mesa de gravação em oito pistas, e começamos a trabalhar juntos. E foi assim que começamos, tínhamos duas canções, fizemos uma fita de amostra, com "Pale Shelter". Aí, conseguimos um contrato com uma gravadora (Phonogram). E ela tem sido nossa gravadora desde aquela época, foi com ela que fizemos *The Hurting*. E de-

A dupla dinâmica, ilustres leitores de BIZZ

pois disso, bem, nós fizemos *Songs From the Big Chair*, e foi isso aí.

BIZZ — *Mas na verdade agora vocês têm uma banda, não é, com Ian Stanley nos teclados e o baterista Manny Elias.*

Curt — É, de certa forma, é uma banda.

BIZZ — *Vocês fizeram alguma coisa apenas como dupla, sem outros músicos, shows ou gravações, só vocês dois?*

Curt — Não, na verdade não, a não ser antes de encontrarmos Stanley. Mas, desde nosso encontro, desde nossos primeiros sucessos, sempre trabalhamos com ele.

BIZZ — *E atualmente, como vai a relação entre vocês e Stanley e Elias? Vocês fazem gravações ou apresentações com outros músicos, além de Stanley e Elias?*

Curt — Na excursão, no palco, temos mais três músicos, além destes dois. E no disco nós usamos outros bateristas. Chris Hughes, nosso produtor, também tocou bateria no disco, e em geral a gente convida músicos, na medida de nossas necessidades. Mas isso é feito naturalmente; não existe, digamos, uma pressão para que usemos outros músicos.

BIZZ — *De acordo com o que precisem, então, vocês usam quem seja necessário.*

Curt — É isso.

BIZZ — *Vocês foram inspirados pela teoria do Grito Primal, de Arthur Janov. De que maneira vocês descrevem esta inspiração, esta influência?*

Roland — Bem, basicamente a teoria deu forma a nosso modo de pensar. Muito do que Janov diz é iconoclástico.

Curt — *(Rindo)* Ele descobriu esta palavra outro dia... *(Todos riem)*

Roland — Sabe, é aí que está a influência. Eu tenho de fazer letras para as canções, sabe, e existem certas coisas em que acredito muito, tenho canções, é isso.

BIZZ — *Você diria que esta influência mudou sua forma de ver a realidade, ou o que aconteceu é só que Janov sugeriu temas para as canções?*

Roland — Não, é totalmente, quero dizer, é uma mudança total, uma forma de pensar completamente nova.

BIZZ — *Mas você diria que todo o trabalho de vocês se organiza em torno das idéias de Janov?*

Roland — Bem, nem tudo, quase tudo.

BIZZ — *Levando em conta que as platéias estão acostumadas com letras que têm muito pouco a dizer, como você diria que elas estão reagindo, diante desta abordagem que é mais persistente, consistente, mais cheia de idéias?*

Roland — Bem, o caso é que nossa música funciona em...

Curt — *(Que estava folheando a* BIZZ 2, *mostra a Roland a página com a matéria sobre eles)* Olha aqui, veja essa manchete *("Milionárias neuroses...")*

BIZZ — *Dá para você entender?*

Roland — Sim, entendo. Bem, continuando, o que quero dizer é que nossa música funciona em vários níveis, não funciona apenas no nível da letra. Tudo custa muito trabalho, muito trabalho e muita pesquisa, atrás de cada música. E muitos livros interessantes que eu li. E tudo isso é que forma a base disso que estamos conversando. Mas pense bem, temos garotinhos na platéia, crianças de cinco, seis anos, que vêm com seus pais ver os concertos. E eles nem ligam para o assunto que estamos cantando, só querem é uma bela melodia, uma bela sensação, um belo ritmo, isso é tudo. Porque você sabe, a música popular, bem, há milhões de coisas a serem ditas muito melhor sem o uso de música. Quero dizer, estas coisas são idéias que me interessam, que fazem parte de meu pensamento de cada dia. E podem surgir nas canções. Mas, para mim, que vivo com estas idéias, considero estas coisas completamente normais. Não é que muita gente pense sobre elas, mas isso é porque não é muita gente que pensa.

BIZZ — *Você diria que, pelo menos para a platéia adulta, sua música é um incentivo a pensar, a meditar sobre estas teorias?*

Roland — Não, de jeito nenhum, porque, você sabe, qualquer pessoa que seja consciente o bastante para saber e compreender o que significamos, não precisa nos escutar. Sabe o que quero dizer, é como ensinar o padre-nosso ao vigário.

BIZZ — *Que é que vocês acham do rock que está fazendo sucesso agora, das bandas e dos artistas? Quais deles, na sua opinião, estão desenvolvendo o trabalho mais consistente, mais honesto?*

Curt — Não vejo ninguém desenvolvendo um trabalho consistente. Pode-se talvez falar de bons discos, só isso...

BIZZ — *É difícil fazer música popular e ao mesmo tempo ter este tipo de pensamento sério que vocês têm?*

Roland — Não, acho que não.

BIZZ — *Você diria que suas letras são autobiográficas?*

Roland — Sim, mas com algumas pequenas diferenças. Por exemplo, nós mantemos um senso de humor sobre o que estamos fazendo, não somos totalmente sérios sobre tudo que fazemos, o que é saudável. Tipos: como é tal coisa mesmo? Onde é que estão as lágrimas? Ficamos fazendo nossas palhaçadas.

BIZZ — *Além das letras, a música do Tears for Fears é muito rica, uma mistura de instrumentos acústicos e eletrônicos que dá um resultado muito homogêneo. Como vocês chegaram a este estilo?*
Curt — Basicamente, foi através de experiências, nos estúdios. Foi assim que começou. Basicamente, fizemos muitas coisas de trás para diante, como construir o teto antes de fazer as paredes. Entende?
BIZZ — *Como achar soluções técnicas e musicais antes de ter as canções nas quais elas seriam usadas?*
Roland — É isso, e também uma espécie de trabalho em camadas, até que surgissem os resultados, camada por camada.
BIZZ — *A canção "I Believe", do último LP, é dedicada a Robert Wyatt, o músico, compositor e cantor. Vocês foram influenciados por ele? Que outras influências vocês receberam?*
Roland — Bem, eu acho que esta canção foi feita muito no estilo dele, não teria sido composta se não fosse por ele. Outras influências? Gente como Talking Heads, Peter Gabriel...
BIZZ — *Paul Simon?*
Roland — Paul Simon, sim.
BIZZ — *Este recente sucesso do Tears for Fears, quase repentino, será que alterou o ritmo de vida de vocês, o dia-a-dia, o pensamento?*
Curt — Claro, principalmente porque estamos fora de casa há seis meses. Isso é uma mudança muito grande no ritmo de uma vida. Atualmente nosso estilo de vida é morar em hotéis.
BIZZ — *E este sucesso incomoda, nestas coisas de ser conhecido na rua, por exemplo?*
Roland — Não, na verdade não, sabe...
Curt — Nestes últimos seis meses, nosso estilo de vida foi apenas trabalhar.
BIZZ — *Até agora, vocês já fizeram três clips de* Songs From the Big Chair, *não? Isso é, "Shout", "Everybody Wants to Rule the World" e "Head Over Heels".*
Curt — Bem, na verdade já fizemos dúzias de clips, e desse disco acabamos de fazer os clips também para "I Believe" e "Mother's Talk".
BIZZ — *Li uma entrevista que vocês sentem muito o tipo de ambiente em que fazem uma gravação. Quero dizer, gravar num estúdio ou na casa de um amigo. Como é que isso se aplica às diferenças entre* The Hurting *e* Songs From the Big Chair?
Curt — Na verdade, *Songs From the Big Chair*, como resultado disso, é um disco muito mais relaxado. Tem uma emoção muito mais relaxada, porque o disco foi feito numa atmosfera relaxada, na casa de alguém, e a gente podia dormir toda noite na própria cama. Dá para sentir o *stress* em *The Hurting*, quando a gente escuta o disco. Tem um som que é cheio de *stress*. E isso é porque nós estávamos vivendo dentro de um clima muito cheio de *stress*. Estávamos morando em Londres, quero dizer não morando, mas hospedados lá, em quartos de hotel, sete noites por semana, trabalhando nos horários mais malucos...
Roland — Todo dia!
Curt — É isso, trabalhando todo dia no estúdio, nos horários mais estúpidos, até quatro ou cinco da manhã, o que fosse necessário. E esta é a diferença, um disco soa como se estivesse debaixo da maior pressão, esta coisa feia que se chama de "tempo valioso", e o outro disco é bem relaxado. Tem um som relaxado, fluindo. E esta é a diferença entre gravar num lugar ou outro lugar.
BIZZ — *Eu gostaria de voltar um pouco à teoria do Janov. Como é exatamente que você entende as teorias dele, como é que elas se aplicam à psicologia, à vida?*
Roland — Bem, o ponto de vista que defendemos, que defendemos em *The Hurting* e continuamos a defender em *Songs From the Big Chair*, é que a maneira como as pessoas se sentem e se comportam é um resultado direto da maneira como nasceram e foram criadas. Certo? Bem, isso pode parecer muito simples, mas, desde que se aceite isso, uma quantidade enorme de coisas começa a fazer sentido também. Você sabe o que quero dizer.
BIZZ — *Claro, dá para entender. Mas acho difícil ver a diferença entre isso e quase todas as escolas psicológicas, todas elas dizem isso, que o modo com que você nasce e é criado determina...*
Roland — É, eu sei, mas todas as outras escolas psicológicas, basicamente, nenhuma delas tem uma cura para a neurose, e Janov tem.
BIZZ — *Então, o que você acha é que o processo terapêutico dele é mais eficiente?*
Roland — É isso, funciona, e é muito natural.
BIZZ — *Meu Deus, preciso ler este cara.*
Roland — Bem, a questão é que muita gente fica falando que vai mudar o mundo, essa coisa toda, e eu acho que a única maneira de poder mudar o mundo é mudando você mesmo, e tomando cuidado para que seus filhos não sejam criados com tanta discriminação, como aconteceu conosco, com todos nós, sabe?
Curt — E então, quando todo mundo começasse a ter um outro modo de pensar, este pensamento novo mudaria as coisas. Nós é que mudamos as coisas. Ter alguma outra pessoa como presidente não muda as coisas.
BIZZ — *Em outras palavras, começar por você mesmo.*
Curt — É, começar pelo indivíduo. Entende, o fato de uma outra pessoa dizer a você o que deve fazer não vai mudar os cidadãos nem o sistema. A doença do sistema é uma amplificação da doença do indivíduo. Começa em casa. É a menor forma de uma sociedade, o lar.
BIZZ — *Compreendo. Não diria que concordo, mas compreendo o que está dizendo. Ao mesmo tempo, olhando para vocês, parecem tão jovens, sabe. Quantos anos vocês têm?*
Curt — Nós dois temos 24 anos.
BIZZ — *E já estão trabalhando juntos há 11 anos, desde que eram garotos.*
Roland — É, garotos em Bath.
BIZZ — *Bath é uma cidade inglesa bem antiga, não?, fundada pelos romanos há mais de mil anos?*
Roland — *(Brincando)* É, e ainda temos romanos em Bath, vagando pelas ruínas...
BIZZ — *Não diga...*
Roland — É, falando latim. Não dá para entender muito bem, mas que eles estão lá, estão. Centuriões, gente muito velha, muito velha mesmo, com mais de mil anos de idade. O problema é que eles ainda condenam a gente, os cristãos, à morte. Na boca dos leões. Ainda tem uma grande arena lá.

RAUL SEIXAS

"O ROCK'N'ROLL MORREU EM 59"

Recém-chegado de uma miniturnê transamazônica, quando tocou até nos garimpos de Serra Pelada, o grão-vizir do rock brasileiro recebeu *Luísa de Oliveira* e *Alidê Vogt* para uma das mais reveladoras entrevistas de sua carreira. Temas como sua prisão no governo Geisel, seus contatos com John Lennon, a importância de se levantar a gola da camisa e de não abrir as pernas para as caixas registradoras. Sem mais delongas, portanto...

BIZZ — *Como foram os shows na Amazônia?*

Raul — Fantástico, os garimpeiros ficaram fascinados. Eu li todo o manifesto de Aleister Crowley (''Faze o que tu quiseres, será tudo da Lei...'') e eles aplaudiram e sentiram cada palavra. Agora o pessoal que manda mesmo é uma bandidagem danada. Barra pesadíssima.

BIZZ — *Você mantém grupo fixo?*

Raul — Procuro sempre conservar o pessoal que toca comigo, mas existe também um critério que diferencia músicos de show e músicos de estúdio. Estes eu uso sempre os mesmos: Paulo Cezar Barros, Ivan Mamão, do Azimuth... É gente acostumada a plugar, ir até a mesa de mixagem, fazem o trabalho deles em tranqüilidade e ganham por hora. Músico de show não, vive a aventura de cair na estrada.

BIZZ — *O Wagner Tiso já não tocou com você?*

Raul — Tocou sim, em 73. Foi uma experiência estranha. Ele, o Fredera do Som Imaginário, só gente da bossa nova... e saía rock. De vez em quando ele dava um acorde errado para eu sair do tom. E eu ainda cantava em inglês! *(risos)*

BIZZ — *Quando você começou a ouvir rock?*

Raul — Eu tinha nove anos e morava perto do consulado americano. Andava muito com o pessoal de lá e foram eles que me apresentaram Little Richard (o primeiro que fez minha cabeça), Howlin' Wolf, Bo Diddley, Chuck Berry...

BIZZ — *E quando você começou a tocar?*

Raul — Eu já tocava profissionalmente aos dez anos, nos Relâmpagos do Rock... Eu tinha um amplificador que era um rádio de válvula do meu avô, adaptado pelo meu pai. O fio era curto e a gente tinha de ficar preso ao rádio. Isso em 54, 55, ninguém sabia o que era rock. Eu tocava e me atirava no chão, imitando o Little Richard, como eu via nos filmes que os americanos passavam. E sempre notava que as primeiras filas ficavam vazias. É que as mães pensavam que eu era epilético, com meu topete de brilhantina e camisa aberta com gola levantada. Tocamos assim até 66, quando fui gravar *Raulzito e Seus Panteras*. É um disco tão bonito... eu tinha voz de tenorino.

Munição para Jovem Guarda

BIZZ — *Como era o rock baiano na época?*

Raul — Eram poucos os conjuntos... The Gentlemen, Os Ninos, onde tocava o Pepeu. Até dei uns cascudos nele por roubar meus acordes *(risos)*. Mas o pessoal que vinha do Rio ouvia falar de um grupo baiano que mais entendia de rock'n'roll. Assim, acompanhamos todo mundo da Jovem Guarda (eles viajavam sozinhos): Ed Wilson, Roberto Carlos, Wanderléa, Jerry Adriani, Wanderley Cardoso. Mas eu gostava era dos Jet Blacks, que eram assim meio Ventures.

BIZZ — *Os direitos autorais valem a pena?*

Raul — Valem sim. Eu gosto muito de gravar, mais do que de dar show. Estou mais para cientista — gosto de ficar brincando com os tubinhos de ensaio dentro do estúdio, ver explodir e dar aquela risada, que nem aquele cachorro *(ri à la Mutley)*. Prefiro ver tudo explodir do que me expor

BIZZ — *Você não gosta do palco?*

Raul — Eu curto o palco, na hora em que eu entro acaba tudo. Como disse John Lennon, ''eu vomito toda vez que vou subir ao palco''. Com 40 anos de idade ainda fico nervoso!

BIZZ — *Como era tocar rock nos anos 50?*

Raul — A bossa nova surgiu junto com o cha-cha-cha, e o rock'n'roll, junto com uma influência do calipso. Era chique tocar bossa nova e o cha-cha-cha até que era permitido. O rock era outra história: eu tinha que ir até o clube das empregadas para dançar com elas. A empregada lá de casa era minha fã. Chegou uma vez para a minha mãe e disse que tinha dançado comigo. Minha mãe quase morreu... E eu ia dançar também com o pessoal da TR, uma transportadora de lixo. Era a moçada que curtia rock. A bossa nova era com o pessoal do Teatro Vila Velha. Na sociedade não se falava em rock, era coisa de empregada.

BIZZ — *Você era marginalizado*

Foto Ruy Teixeira

por isso?
Raul — Se era. Eu freqüentava o Iate e o Tênis, que eram os clubes mais metidos a besta de Salvador. Chegava de camisa vermelha, com gola levantada, e ficava encostado num canto tomando cuba-libre enquanto os outros dançavam. Mas não me importava, achava ótimo, importante, tipo "tô revolucionando tudo".
BIZZ — *E o que você acha do rock agora?*
Raul — Dizem que se faz rock'n'roll por aí. Pra mim, ele morreu em 59. Rock'n'roll era um comportamento, James Dean, todo um momento histórico. Aí veio o caos, quando as indústrias não podiam mais parar de fabricar discos. Quando entrou a década de 60, botaram Chubby Checker para cantar "Hava Naguila", inventaram o hully-gully e o twist, tudo invenção de fábrica. O movimento já tinha passado. Eu chamaria de *rock* o que existe agora. Do Led Zeppelin, por exemplo, eu gosto — é uma abertura para se dizer algumas coisas. O pior é que no Brasil não se está dizendo nada. Acho que voltamos àquela época de Cely e Tony Campello, em que se fazia rock "papai e mamãe". Mas tem o Kid Vinil querendo fazer um rock mais antigo... Ele entende muito de rock.

A arte é espelho da época

BIZZ — *Você não gosta de mais ninguém?*
Raul — Gosto do Camisa de Vênus. A arte é o espelho social de uma época. As letras acabam inseridas dentro do ponto de vista do que está acontecendo, tipo Nova República *(risos)*. A TV Globo controla esses conjuntinhos todos.
BIZZ — *E você?*
Raul — Eu continuo fazendo meu trabalho. Você vê o *Metrô Linha 743 (N. da R.: último LP de Raul)*, ele foi completamente podado pela Som Livre. Aliás, aproveito esta entrevista para pedir a rescisão do meu contrato. Quando eu gravei o LP, fui para os EUA e gastei oito mil dólares do meu dinheiro para pesquisar filmes em preto e branco. A música do *Metrô Linha 743* é preta e branca. Ela é de pau e briga, não tem nada de colorida. Aí eles não tocaram, não divulgaram. Ficou por aí...
BIZZ — *E você quer continuar dando murro nessa ponta de punhal?*
Raul — Quero e quero, vale a pena. Caso contrário, não durmo à noite. Estamos vivendo uma época caótica mesmo, mas este caos é o prenúncio de uma nova era. De dez em dez anos, ou de quinze em quinze, as coisas mudam. Nada de Nova República, nada disso... As coisas mudam no planeta Terra. Como aconteceu nos anos 50 com a geração pós-guerra.
BIZZ — *E sua "Sociedade Alternativa"?*
Raul — Continua vigorando o tempo todo, não importa de que maneira. São alternativas concretas mesmo, que têm de se solidificar. Mas não mais com palavras, nem com porta-estandarte... Até já fui expulso do país por isso.
BIZZ — *Chegaram para você e literalmente mandaram embora?*
Raul — "Literalmente" é choque no saco. Fui torturado mesmo no governo Geisel. Me pegaram lá no aterro do Flamengo, me botaram uma carapuça e fiquei uns bons três dias num lugar desconhecido. Aí vieram três pessoas: um bonzinho, outro mais inteligente — que faziam as perguntas — e um mais "agreste". Depois me colocaram num aeroporto e fui para Greenwich Village *(bairro nova-iorquino)*.
BIZZ — *Foi lá que você conheceu John Lennon?*
Raul — Eu já me correspondia com ele. Eu e o Paulo Coelho *(letrista, parceiro de Raul)*. Ele estava com um movimento chamado New Utopia. Conversamos sobre tudo isto e sobre as grandes figuras do mundo. Ele ficava me perguntando sobre História do Brasil, queria saber quem tinha sido Dom Pedro...
BIZZ — *Vocês chegaram a armar alguma coisa?*
Raul — Não, porque eu tive de ir para a Georgia. Assim que eu voltei, o pessoal do consulado brasileiro veio em casa, dizer descaradamente que "Gita" estava fazendo o maior sucesso, que era para eu voltar, que eu era patrimônio nacional. Mas vi muita coisa por lá. Toquei com Jerry Lee Lewis em Memphis, numa boate... ele me acompanhando no piano e eu cantando "Long Tall Sally" *(um dos clássicos de Little Richard)*. Aí os americanos batiam palmas, pediam outra música enquanto eu me dizia: "Que diabo estou fazendo aqui, um baiano cantando rock em Memphis, Tennessee" Fiquei doido.
BIZZ — *Nas gravadoras a sacanagem sobrepuja a honestidade?*
Raul — Sim. Eu pulei de uma para outra porque nunca tive controle, nem com quem falar. A Som Livre é a pior de todas...
BIZZ — *Então com quem você fala?*
Raul — Com o público. Tenho um trabalho quase pronto para um disco novo.
BIZZ — *Como vai ser?*
Raul — Antes de tudo um disco raul-seixista. Depois, um barroco-rock. Vou utilizar alguns dos instrumentos que vocês viram aí, medievais e renascentistas, mas que se adaptam muito bem à cozinha baixo elétrico/bateria.

Os Beatles foram melhores

BIZZ — *O "Rock das Aranhas" continua censurado?*
Raul — Continua. Sabe o que eu tenho vontade de fazer? Um compacto com "Mamãe Eu Não Queria Servir o Exército" de um lado e "Rock das Aranhas" do outro. O problema é que um é da Som Livre e outro da CBS *(canta "Mamãe Eu Não Queria...")*. Sabe que é o maior sucesso quando eu toco isso? Todo mundo canta. E não toca no rádio.
BIZZ — *Qual seria a banda dos seus sonhos? Vale quem está vivo e quem já morreu...*
Raul — Os Beatles, não tem papo, eles foram incríveis mesmo. E a banda que acompanhava Elvis em 54/55: Scotty Moore, Bill Black e D.J. Fontana. Bateria, baixo de pau e guitarra... só isso e os caras faziam a festa, incrível!
BIZZ — *Numa entrevista recente, você chamou os Paralamas de Parachoques do Fracasso. Por quê?*
Raul — Foi uma brincadeira. Eu gosto deles sim, mas naquela linha que *não* é rock'n'roll. O que os conjuntos atuais precisam entender é que eles não têm de acompanhar o processo a que estão sendo induzidos inocentemente. Eles não têm uma estrutura sólida, estão aceitando ir com a corrente, totalmente disponíveis. Foi o que aconteceu com os hippies que, com o tempo, passaram até a comprar roupas "hippies" nas lojas do Sistema.
BIZZ — *E o punk?*
Raul — Também é moda, nada que atinja os alicerces do Sistema. O Sistema vai reverter e capitalizar

em cima, se é que isso já não aconteceu...

BIZZ — *E o que resiste a tudo isso, em termos de música?*

Raul — É a verdade, é o coração. Aqueles escolhidos que não são afetados pela passagem do tempo. João Gilberto.

BIZZ — *Quem mais no Brasil?*

Raul — Vou dar um exemplo contrário. Vocês se lembram do Gilberto Gil na Tropicália? Agora aparece fazendo propaganda de jeans, com cabelo de rock, um cara que me esculhambava! Fui banido por eles, a turma da Bossa Nova, música pela música, arte pela arte... Depois o cara vira jamaicano e agora é rock?!?! Já o João Gilberto é um cara sincero. Arnaldo Baptista, Serginho Dias... os Mutantes todos, gosto deles.

BIZZ — *Você sempre teve fama de irresponsável. É uma injustiça?*

Raul — Eu sou teimoso e todos querem que eu seja certinho. Eu não, sou chato mesmo, "mosca na sopa" até hoje. Sou mais anárquico do que irresponsável, mas sei jogar. Se você mover uma peça errada, dança... é difícil.

"Eu vi um disco voador"

BIZZ — *E os OVNIS?*

Raul — Em 73 eu comecei a falar nisso. Aí me encheram tanto que eu parei.

BIZZ — *"Ouro de Tolo" aconteceu por causa deles, não?*

Raul — A música rolou porque eu vi um disco voador. Foi um toque estranho mesmo, me senti impelido. Eu vomitei aquela música, não foi devagar não. Foi na Barra da Tijuca e durou uns dez minutos. E eu sou cético, agnóstico...

BIZZ — *A humanidade evolui ou regride?*

Raul — Isso é uma pergunta que você fez. Tem um livro meu de metafísica em que questiono a tese aristotélica, das cinco perguntas básicas: por que, quem, onde, como, qual... Não existem perguntas porque não existem respostas. Não existem respostas porque não existem perguntas. Eu não pergunto mais. As coisas são. Nós somos verbos. Somos e estamos, é a única coisa que a gente sabe. Conjecturar, quem há de? E é bonito assumir essa coisa de somente ser... Está todo mundo perguntando até hoje e ninguem tem resposta.

Stamp

T-SHIRTS

AGUARDEM! No próximo mês novo lançamento STAMP. ADESIVOS coloridos exclusivos.

OFERTA: Na compra de cinco camisetas, ganhe uma à sua escolha.

REEMBOLSO POSTAL

REF. 238 Cor: br
REF. 206 Cor: br, vd, az
REF. 220 Cor: az, vd
REF. 221 Cor: br
REF. 226 Cor: az, br
REF. 236 Cor: pr
REF. 232 Cor: az
REF. 237 Cor: pr
REF. 216 Cor: br, pr
REF. 212 Cor: vm
REF. 222 Cor: vd
REF. 202 Cor: br
REF. 204 Cor: br
REF. 201 Cor: az, vd
REF. 229 Cor: br
REF. 203 Cor: vd, az
REF. 207 Cor: pr, vd, az, br
REF. 205 Cor: az, vd
REF. 211 Cor: vm, vd, az, br
REF. 210 Cor: br, pr
REF. 209 Cor: vd, br, az
REF. 213 Cor: az, vd
REF. 219 Cor: br
REF. 217 Cor: pr
REF. 208 Cor: br, az, vd
REF. 214 Cor: br
REF. 215 Cor: vd, az
REF. 218 Cor: pr
REF. 231 Cor: az, vd
REF. 230 Cor: br
REF. 223 Cor: br
REF. 233 Cor: az
REF. 228 Cor: pr
REF. 227 Cor: br
REF. 236 Cor: pr
REF. 234 Cor: az, br

DESCONTO

Enviando cheque nominal ou Vale Postal à Stamp, ganhe 10% de desconto no valor total de sau pedido (qualquer quantidade). Preencha o cheque o vale postal já com o desconto calculado. ENVIE O VALE POSTAL PARA: Ag. Santana Código 400467. - São Paulo - SP

Preencha corretamente referência, cor da camiseta tamanho (P, M ou G) 100% algodão

REF	COR	TAM	REF	COR	TAM

Nome
End
Cidade
Est CEP

Envie este cupom ou xerox para Stamp
Rua Embaixador João Neves da Fontoura, 198
CEP 02013 São Paulo SP

BIZZ 06

Heróis do Mar: do arroubo lírico à dança elétrica; da nacionalização do psicodelismo à psicodelização do nacionalismo. Abaixo: o GNR

NOVA MÚSICA PORTUGUESA:

Foto Cortesia Miguel Carvalho

Foto Carlos Barroco

A VIDA DENTRO DO CERCO

Bem-vindos. Isto é Portugal. Atenção à banda sonora. Ligar rádios, ouvir discos, calçar sapatos de ténis. Ir aos concertos, ler os jornais, entrar nas discotecas. Tudo a postos? Vamos embora. O que faz um peregrino nesta terra em matéria de música pop?

Primeiro, estuda. Dois minutos bastam. Máquina do tempo. Recuar às vésperas da década de 80. Tudo atrasado. Tudo importado. Tudo em língua estrangeira. O rock em Portugal é o rock que cá vai chegando, e pouco mais. Falemos do pouco que havia a mais. Na ressaca do punk britânico, começa a bela bebedeira que vai dar ao dito, maldito e inaudito rock português. Na telefonia nacional, sempre atenta, o programa *Rotação* de Antônio Sergio atira para o ar as pequenas revoluções do punk e do new wave. Juntam-se rapazes com guitarras. De um lado, trabalhando com paixão, os UHF. A influência é norte-americana, mas as palavras são portuguesas. A música é enérgica, mas convencional. É rock, mas em português. Do outro lado, os Xutos e Pontapes deixam-se enraivecer. É punk, mas em português. De um outro grupo punk — os Faíscas — nasce uma ambição experimental, intolerantemente ambígua, procurando levar esse primeiro rock para além do lugar proibido onde os Sex Pistols de Johnny Rotten se transformaram nos PIL de John Lydon. Chamam-se Corpo Diplomático e são doidos, inaudíveis e excessivamente importantes para não se falar deles.

Mudança

Quando o rock português rebenta — vendendo discos, enchendo o rádio, esgotando concertos, ocupando jornais —, é com um primeiro álbum chamado *Ar de Rock*, de um jovem músico e cantor que cultiva respeitosamente os blues e rocks. É Rui Veloso. Com ele, estão dois homens da maior editora discográfica portuguesa: Antônio Pinho, produtor, e David Ferreira, promotor, da velha firma da Valentim de Carvalho. Neste momento, com o empenho do semanario *Sete*, tudo estala e faísca. Surgem dezenas de bandas, formadas e gravadas às pressas e aturadas com grande custo. Entre todas elas, ficam apenas as mais danadas e as mais criativas. Todas elas rejeitam o rock sintônico, progressivo, *hippy*, etéreo, estupidificante, que caracterizava o panorama musical português durante a segunda metade dos anos 70. A ver, ficam os GNR, e o princípio de um genuíno idioma pop, com o single "Portugal na CEE". Ficam os UHF, solidamente convictos do seu rock granítico, com os singles "Cavalos de Corrida" e "Rua do Carmo". Nas margens, impecavelmente, os Xutos e Pontapés.

A qualidade, francamente má,

não é importante. É importante que muitos jornalistas entusiasmados tenham dito que ela era francamente boa. O orgulho pegava, o contágio alastrava, e de toda a epidemia do rock português não interessam tanto os resultados, como a implantação do vírus. O "rock" não interessa. O "português", sim.

Em novembro de 1981, alguns ex-Faíscas e ex-Corpo Diplomático soltam esse orgulho todo de vez. São os Heróis do Mar. Pela primeira vez, a música alcança uma autonomia sincera. Usando um contexto britânico (Spandau Ballet, Joy Division), os Heróis do Mar trazem para as suas canções aquilo que faltava ao rock português: Portugal. As Áfricas e as Índias, os Alentejos e os Tejos, as histórias e a História, o amor e a guerra e a Pátria — tudo isto é procurado e dado no primeiro LP. Vestem-se como portugueses, cantam como portugueses e são de uma seriedade total. Alguns idiotas arriscam para os Heróis do Mar o epíteto de "fascistas". Há um cerco. Que não funciona. A partir deste momento, estão praticamente condenados os simplismos sinceros, os plágios simpáticos, os maneirismos antiquados de quase todos os grupos do rock português.

1982 é o ano em que morre definitivamente essa primeira vaga. A música portuguesa pode agora fragmentar-se e investigar-se livremente, forçada a abandonar os constrangimentos do rock tradicional. As experiências sucedem-se cuidadosamente. Um grupo de fusão, o Trovante, casa elementos de música popular portuguesa com influências anglo-americanas várias. Com maior arrojo ainda, e espantosa originalidade, Antônio Variações constrói um pop folclórico-eletrônico que só ouvindo. Os Xutos e Pontapés, com a mesma tenacidade de sempre, lançam-se num rock profundo (e por vezes místico) que chega a prenunciar a intensidade cripto-religiosa dos futuros U2. Os Heróis do Mar, com o single "O Amor", provam que pode haver boa música de dança, com elevados padrões de produção, e vendem dezenas de milhares de discos. Embora o *boom* de vendas esteja no fim, a música portuguesa em 1982 caracteriza-se por uma assombrosa abertura, desde a recolha das repercussões da novíssima música britânica (Joy Division, New Order, Echo and the Bunnymen) até as mais intransigentes escolas do experimentalismo, passando pelo jazz, pela música brasileira, pela música popular portuguesa e tudo o mais.

Basta de história. Em 1985, já ninguém compra pop só por ser em português. Existem poucos sobreviventes. Aquilo que é realmente interessante e novo na música portuguesa existe em circuitos limítrofes. Dos grupos mais antigos, só os Xutos e Pontapés, os GNR e os Heróis do Mar conseguem transformar-se à medida das necessidades das suas artes. Os GNR, ecléticos, satíricos, camaleônicos e muitas vezes brilhantes, continuam a confundir todos os sistemas de classificação. O LP mais recente, *Os Homens Não se Querem Bonitos*, atravessa zonas imensas do repertório contemporâneo, desde a ironia pós-surfista de "Dunas" ao misticismo instintivo de "Azrael".

Se há uma primeira geração do rock português (Rui Veloso, UHF etc.) e uma segunda geração de pop português (Heróis do Mar), também há uma terceira. Grosso modo, estes três movimentos correspondem aos períodos 1978/81, 1981/82 e 1983/85. Hoje, a música nova portuguesa não alcança o êxito comercial que lhe estava garantido durante os primeiros períodos. O resultado é ao mesmo tempo negativo e positivo — negativo porque o número de gravações foi drasticamente reduzido, positivo porque se desenvolveram outras formas de fazer e ouvir música. A terceira geração de grupos — Sétima Legião, Rádio Macau, Ban, Mler If Dada, Ocaso Épico, Culto da Ira —, juntamente com os ilustres sobreviventes, como os GNR, Xutos e Pontapés e Heróis do Mar, trabalham hoje de um modo mais sólido e aventureiro.

Rádio Macau, da terceira geração do rock português

Circulação

A música portuguesa é muito influenciada pelas correntes britânicas mais marcantes. Nos últimos anos, as grandes influências têm sido Joy Division, New Order, Bauhaus, U2 e os Smiths. Nalguns casos, estas experiências foram assimiladas sem problema e adaptadas e circunstâncias particulares da música portuguesa, com "crossovers" estimulantes entre instrumentações tradicionais e modernas. Das novas bandas, as mais excitantes são, sem qualquer dúvida, a Sétima Legião, o Ocaso Épico, os Ban e os Mler If Dada. Por outras palavras — e dada a influência britânica —, não são, de modo algum, substituíveis por bandas estrangeiras. Apesar de não serem comercialmente viáveis, em termos discográficos, criaram fenômenos saudáveis de apreciação minoritária, tornando-se objetos respeitados de culto. A força não lhes vem de uma grosseira ganância de fazer dinheiro, mas de uma calada nobreza e vontade de fazer música.

Em pouco tempo, estabeleceu-se um circuito, pequeno mas eficaz, para estas novas experiências. No rádio, os programas de Antônio Sergio (*Rotação, Rolls Rock* e presentemente *Som da Frente*) divulgaram e divulgam as novas músicas britânica, norte-americana e européia. O programa *A Cor do Som* é o principal veículo de divulgação das novas bandas portuguesas, passando maquetes e cassetes, sem esperar por duvidosas edições discográficas que, na maior parte dos casos, nun-

Foto Cortesia Miguel E. Cardoso

ca chegariam a concretizar-se. De Coimbra chega ainda o programa *Íntima Fracção*, que percorre a musicalidade contemporânea mais lírica, explorando linhas de inspiração e produção melódicas muito ousadas e raras.

Gravação

No plano das editoras, à parte o trabalho pioneiro e continuado da Valentim de Carvalho (GNR, Rádio Macau, Ban), houve alguns esforços de independência. A primeira, e mais pequena, edita Raincoats e Young Marble Giants, bem assim como os portugueses Telectu, que experimentam o minimal-repetitivismo. Trata-se de um empreendimento artesanal, mas importante: é a Cliché. Embora informalmente organizada, não consegue porém resistir aos constrangimentos que impõe um mercado subdesenvolvido.

Em 1983, forma-se uma editora independente mais ambiciosa, dedicada à nova música portuguesa e britânica — a Fundação Atlântica. Grava vários nomes: Sétima Legião, Clube Naval, Anamar, Luís Madureira, Paulo Pedro Gonçalves, Pedro Ayres Magalhães, Delfins, e ainda um single dos Xutos e Pontapés. No verão de 1983, convida Vibi Reilly (Durutti Column) a vir gravar um LP em Portugal — *Amigos em Portugal*. Recusando o papel passivo de mera prensadora de discos, a Fundação Atlântica consegue comercializar este disco na Grã-Bretanha, Europa e Japão. Contudo, mais uma vez, o mercado e a inexperiência comercial — nenhum dos discos, à parte *Amigos em Portugal*, cobre as despesas de gravação — levam a editora a recorrer à edição de discos britânicos, da Rough Trade (Raincoats, Young Marble Giants, Weekend, The Gist e Virginia Astley) e da Factory (Quando Quango, Ad Infinitum, The Wake).

Em 1985, abandonam o setor comercial e dedicam-se exclusivamente à produção, cingindo-se comercialmente à sua ex-distribuidora, a Valentim de Carvalho. Entre as experiências interessantes que se fizeram, juntamente com a gravação de *Amigos em Portugal*, conta-se a gravação, nos Revolution Studios de Manchester, de um novo grupo britânico — Missing Couple — que será editado em Portugal dentro em breve.

A terceira editora independente, centrada na sala de concertos e de dança que foi o mais importante e corajoso fator de divulgação das novas bandas (o célebre Rock Rendez-Vous), é a Danza do Som. Organizando concursos de música moderna, onde surgem as primeiras oportunidades para os novíssimos, edita os Mler If Dada, bem assim como uma compilação "ao vivo" que reúne muitos dos grandes grupos que passaram pelo Rock Rendez-Vous. A idéia de reunir, num empreendimento único, uma prática de concertos, um local de audição e dança e uma editora discográfica é muito importante para a nova música portuguesa, embora as dimensões permitidas pelo mercado serem forçosamente pequenas e pouco estimulantes. À parte o Rock Rendez-Vous, outros estabelecimentos vêm oferecer-se à música nova: a Cooperativa Árvore, o Bar Frágil, o Café-Conserto e, mais recentemente, as sexta-feiras das Noites Longas, em Lisboa.

Caso à parte, são os Telectu que experimentam as várias hipóteses de edição, desde as grandes discográficas (Valentim de Carvalho) a auto-edição, passando pela pequena independente Cliché. Trata-se de um empreendimento arrojado e polêmico, mas nem o seu grande esforço de autopromoção consegue quebrar o cerco mercantil. Este cerco não é tanto um problema de falta de apoio (há bons programas de rádio, boa crítica, bons locais), como um resultado das dimensões do mercado. O número de consumidores de novas experiências é demasiado reduzido para poder justificar sequer as produções artesanais, pelo que o circuito é forçado a constituir-se em pequenos espetáculos e outros esforços não-discográficos de divulgação.

O Futuro

Existe assim, em Portugal, um grande contraste entre as dimensões e a vivacidade do mundo da nova música. Existem publicações especializadas, como o excelente jornal semanal *Blitz* e fanzines de grande qualidade, como é o caso de *Da Trente* e *Confidências do Exílio*. Os grandes jornais oferecem às suas páginas as novas experiências musicais, independentemente do seu êxito comercial (contando com bons críticos — caso de João Lisboa e Manuel Falcão) e o mesmo acontece com o rádio.

Embora sejam poucas as bandas que possam viver da música, a música pode viver-se em Portugal. Se durante o *boom* do rock português foi possível um princípio de profissionalização, a verdade é que se tratou de um fenômeno passageiro de recuperação do orgulho nacional, sem grandes resultados em termos de inovação. Hoje, com a radicalização e o fechamento que se seguiram à morte do rock português, a música nova empreende-se com uma pureza e um anticomercialismo que, de certo modo, lhes foi imposto. Tanto faz. A verdade é que existe uma linha de inovação e experimentalismo que mal começa a se fazer sentir, e que não parece ressentir-se do marasmo em que entretanto caiu a nova música britânica. Não há qualquer dúvida que o futuro da nova música portuguesa está na exploração profunda das várias músicas nacionais — desde o folclore ao fado — e da reconversão desses idiomas numa linguagem própria do pop.

Miguel Esteves Cardoso

RITA LEE

Ela é eterna: com a carreira indo para o buraco, deu meia-volta. E valeu

[redacted] "Adeus sarjeta buana me salvou não quero gorjeta faço tudo por amor." Maior bregão, Ângela Maria? Bolerão da Rádio Nacional, anos 50? Ou um tipo de bom humor que pautou os discos de uma cantora que foi do lança-perfume para um tombo num grande festival e deu a volta por cima, com um disco erroneamente caracterizado de "baixo astral"?

Vale a última das alternativas, e a letra é um trecho da brega "Joana Buana", com acordeon e tudo, uma das muitas excluídas da hora do acerto final de *Rita e Roberto*. Um produto controvertido, garimpado cuidadosamente, revelando o brilho de pepitas arrancadas de quatro paredes de um estúdio.

"Foi um disco diferente", conta Rita, sentada num quarto de hotel no centro de São Paulo, esperando a hora de subir ao terraço do Banespa, em frente ao viaduto do Chá, para gravar um trecho do clipe de "Vítima". Na TV à sua frente, a reprise da novela *Jogo da Vida*. Jogo duro. "A história do Rock in Rio foi um desespero mesmo. Uma coisa de estar fora da consciência até as cortinas se abrirem."

Rita pode falar agora aliviada sobre seu grande "choque cultural". Sem preparo físico, esperando a magia que não veio — e que viria de um trabalho com o "guru" Thomas Green Morton, o entortador de talheres cultuado, entre outros, por Pepeu e Baby —, vinda de um baque emocional (a morte do pai), de um disco péssimo (*Bom Bom*, um confeito sensaborão), "carente pra xuxu", só foi descobrir que estava cortejando o desastre "depois de ter passado pelo vexame todo".

A dupla só sentiu que tinha dado a volta por cima quando acabou de gravar o disco. Antes da catástrofe carioca, estava num "processo superlegal, o de fazer as *demos* (fitas de demonstração)". Entravam num estúdio sem levar nada pronto de casa e trabalhavam freneticamente. Decodificando novos instrumentos, como o poderoso DX-1 da Yamaha, levantando idéias e, pela primeira vez, fazendo um disco "muito mais puxado pelas músicas".

Rita tá mau mesmo. Está querendo se vingar. Usou "Yê Yê Yê" ("Vanguarda moderninha antetamina sonolenta/yê yê yê dos 80") para dar um pito nos roqueiros. Reações suscitadas pela primeira audição do disco por um amplo espectro da crítica e por coleguinhas que resolveram vestir a carapuça. "Mas é um trabalho tão pra cima, não sei por que ficam martelando, querendo que eu faça o segundo *Lança Perfume*, o *Rock III*, o *Rambo II*. A crítica caiu de pau só porque eu não estava me repetindo. É de estúdio, sim. Mas é um trabalho de duas pessoas que passaram por uma barra pesada, que saíram vivos, superotimistas com o mundo, superpé no chão, superdesintoxicados de tudo", desabafa Rita antes de se virar para a maquiadora e perguntar se o batom é o vermelho, para combinar com a roupa branca, bordada, de tom oriental.

Mesmo este desabafo fica longe da ira dos ameaçadores dragões de sua roupa. Ela está calma, com uma tranqüilidade garantida por vinte anos de janela e uma trajetória que passa pelo grupo folk da escola, pelo pré-Mutante, O Conjunto, pelos Mutantes e a Tropicália e pelo começo do estouro com *Babilônia* (1977), que a preparava para ser uma das poucas unanimidades nacionais. "O meu negócio do 'mendigo musical', é só uma brincadeira com o rock. Por quê? Não pode?" *Rita e Roberto* tem um lado alegre? Tem sim: "O lado alegre da tragédia".

A tragédia alegre e a música visual da nova fase: como nos velhos tempos

A nova fase, também não é autobiográfica, "é só cinematográfica", puxando um lado visual sempre presente. (E eu me lembro aqui das hilárias e pandemônicas gravações de *Divino Maravilhoso*, no final dos anos 60, na falecida TV Tupi. Cor perde.) Assim como não é autobiográfica a letra de "Glória F", uma suicida que se joga do viaduto do Chá, se esborracha e volta, remendada. É apenas uma releitura de "Suicida", dos Mutantes (e que assustou Rita durante a gravação do clip. Tra-

Relembrando os Mutantes de "Suicida" e os bolerões da irmã — porra-louca nunca mais

vestida de Julie Andrews, em *Noviça Rebelde*, ela ameaçou se jogar do viaduto três vezes, para absoluta indiferença dos transeuntes).

Assim como repescou "Suicida", Rita, num dia de chuva, começou a se lembrar da irmã ouvindo Dolores Duran, Tito Madi, João Gilberto, "aquele sofrimento de meu amor acabou, meu mundo caiu", e sapecou a bossa-bolero "Molambo Souvenir" ("A nossa fase paz e amor foi porra-louca demais"), uma "viagem pelo Brasil dos anos 50, e não um molambo qualquer".

Um dia de chuva como os muitos em que ela, uma mulher essencialmente caseira, passa em casa, lendo George Orwell, as ficções científicas da coleção portuguesa "Os Argonautas", pilhas de gibi e a embalagem de Kleenex, entre as muitas lágrimas provocadas por *Furacão Elis* (outra unanimidade, só que de uma *trip* infelizmente sem retorno). Uma mulher que gostaria de ter, na formação de uma banda ideal, Sting no baixo e Steward Copeland na bateria. Que ouve tudo que sai, mas que está mais ligada no trabalho das bandas novas, brasileiras e estrangeiras.

"Entre os discos dos Stones e a moçada nova, prefiro a moçada nova. Beatles também não consigo mais ouvir. Gosto de uma coisa mais dura, mais de agora. Até o Bruce já cansou. Sou mais a Laurie Anderson." E a vanguarda é temperada com o Tears for Fears, "com um trabalho de muita simplicidade", pelo Eurythmics, "genial" — sintomaticamente, duas duplas — e pelo U2, "bom mas já um pouco cansativo".

Para quem "não deu o coração" em *Bom Bom*, jogando a bomba na mão dos americanos do estúdio, da "eficiência a serviço da competência ou vice-versa", e resolveu voltar à tona com *Rita e Roberto*", o que pode pintar pela frente? "Em matéria de show a gente está vai, não vai, mas queríamos um teatro pequeno para começar tudo de novo. Para estar mais próxima das pessoas, o que não acontece desde *Babilônia*."

O "porão", como à volta dos tempos do underground do Teatro Ruth Escobar e do excelente Tutti Frutti. Um porão que pretende incorporar também gente de fora, e shows europeus, "com Sade, o pessoal da bossa inglesa". Sade, aliás, recebeu fitas de Rita com músicas como "Mania de Você", "Caso Sério" e, como outros grupos ingleses, manifestou interesse em um trabalho conjunto.

De quebra, a possível edição de um livro que vem sendo escrito há anos, uma coleção de fragmentos com memórias, poemas, contos, histórias infantis e muitas fotos. "Só preciso da ajuda de uma pessoa disciplinada." Pessoa que falta também na amarração de um projeto de rádio, motivo de diversas reuniões entre os dois, Antonio Bivar, Okky de Souza, Marcelo Paiva, Patrício Bisso e Mônica Figueiredo, e que nunca chegou a decolar. E um filme, com direção de Bivar, com um personagem que, "se possível", nada teria a ver com a Rita popstar.

Muitos planos para muito fôlego. Como no "2001" dos Mutantes: "Astronauta libertado/minha vida me ultrapassa/em qualquer rota que eu faça/dei um grito no escuro/sou parceiro do futuro na reluzente galáxia". *José Eduardo Mendonça*

E VIVA ELA!

Caetano: "Depois de canções como 'Mamãe Natureza' e 'Mania de Você', toda vez que encontrava com ela, a chamava de 'meu poeta' "

Roger Ultraje: "É um barato. Tipo rainha mesmo. É a nossa irmã mais velha. Se o disco é bom? Eu já esperava isto".

Liminha ex-Mutantes: "Quanto às cobranças que andam fazendo em relação à alegria, não se tem sempre 18 anos para se fazer gracinhas. Esta mudança é fruto do amadurecimento e é também arrojo".

Erasmo Carlos: "Gosto cada dia mais. Rita já se tornou uma pessoa que se der um espirro eu gosto".

Herbert Vianna: "Não sou da apologia do contra, mas este disco da Rita e Roberto é contra tudo que esperavam. Sou a favor de se fazer o que se tem vontade, e foi o que fizeram".

Lobão: "Foi a primeira pessoa que transou o som com o significado da palavra. Não havia esta qualidade do rock antes dela".

Gilberto Gil: "Acho que ela talvez esteja com dificuldade de deixar o espaço jovial que sempre ocupou. Mas tem a capacidade positiva de deixar o trabalho atual mostrar estas questões que está vivendo".

Cazuza: "Ela sempre esteve na frente e agora volta a mostrar isto Tinha virado a namoradinha do Brasil e agora deu uma bofetada em 'Mania de Você' ".

Paula Toller: "Foi a primeira pessoa do rock que levantou a bandeira do romantismo, de assumir o casamento e dizer eu gosto".

Evandro Mesquita: "Hoje eu a considero uma guerreira consciente do que fez, sem a ansiedade de quem está começando, mostrando serviço".

Lulu Santos: "Na hora de me modelar, optei por um artista nacional que já tinha o beneplácito do público brasileiro. Este artista foi Rita. Ela foi minha luz-guia".

Karl Franz Camisa de Vênus. "Depois que ela entrou na fase *Lança Perfume*, a coisa de Rita e Roberto não me interessou mais. Virou muito mamãe"

João Ratos de Porão: "Não gosto. Ela faz um rock muito new-wave, para a moçadinha alegre dançar. Deste último LP, só gostei da letra de 'Glória F' "

Bruno Biquini Cavadão: "É um dos poucos artistas que se mantiveram joviais em relação ao que esta acontecendo. O que ela me passa é que o rock é uma coisa contínua, que não vai sumir depois do boom".

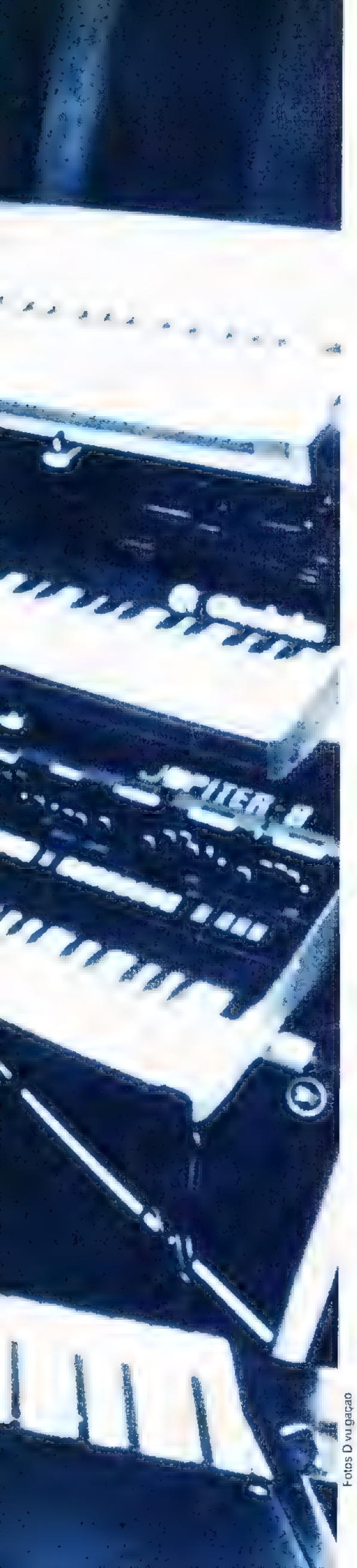
Colaboraram Sonia Maia, Carmen Pereira

ENTREVISTA

Foto Guido Harari Stills

STEVIE WONDER

© BAM — Exclusivo para BIZZ



Fotos Divulgação

Stevie acaba de lançar *In a Square Circle,* seu primeiro LP em cinco anos. Se a história, então, se repetir, Stevie "Maravilha" ganhará cinco *Grammy* de uma só vez — como aconteceu nos anos de 1974, 1975 e 1976.

Prêmios e estatuetas à parte, o disco possui todos os ingredientes que fizeram o sucesso dos anteriores. Faixas hiperdançantes como "Part Time Lover" (primeiro hit do LP), sedosos romantismos como "Stranger on The Shore" e fatias de sociologia como "Land of La La". Há também a contestatória "It's Wrong", golpe certeiro no regime sul-africano do *apartheid,* composta em ritmo afro. A maior diferença talvez esteja na maciça utilização de instrumentos eletrônicos da nova geração, embora já tenhamos notado que Wonder vem incorporando sistematicamente esses recursos desde o começo da década passada.

Nascido em 1950, em Saginaw (Estado de Michigan), como Steveland Morris, este garoto — cego de nascença — era um típico prodígio. Aos oito anos, já tocava — com grande habilidade — piano, bateria, gaita e bongô. Aos nove já estava contratado pela célebre gravadora Tamla Motown, o celeiro da *soul music* e berço de talentos como Marvin Gaye e Smokey Robinson.

Carregando o epíteto de "gênio de doze anos de idade", Stevie chegaria ao primeiro posto das paradas norte-americanas em 1963, com o compacto "Fingertips" — uma canção de alegria contagiante, rasgada por intervenções de sua personalíssima gaita, gravada ao vivo no lendário Teatro Apollo, encravado no Harlem, o bairro dos negros nova-iorquinos. O resto é história de sua afirmação como compositor e produtor entre 1970 e 1973 a sua crescente militância política e anti-racista.

Vestido à vontade, calça de abrigo e camiseta, Stevie sentou-se no escritório de sua companhia de produção situada no vale de San Fernando e conversou sobre seus assuntos prediletos: música, eletrônica e política.

◀ *Stevie Wonder em frente a uma de suas muitas maravilhas: um poderoso teclado Kurzweill*

STEVIE WONDER

BIZZ — Há mais recursos eletrônicos neste álbum. Você é um dos fãs desta nova tecnologia?
Stevie — Claro que sim. Você não leu na 20/20? (A revista da cadeia de televisão ABC recentemente publicou uma reportagem com Wonder e o desenvolvimento de uma nova tecnologia para os cegos.) Esta moderna tecnologia tem tornado possível para os cegos — não somente os cegos, mas pessoas com várias deficiências ou que não são totalmente capazes em certas áreas — fazer coisas que nunca imaginaram ser possíveis. Para os paraplégicos existem dispositivos que podem ser comandados através de um simples movimento do dedão do pé ou da mão. Estão trabalhando em máquinas que operam em cima do músculo ocular, dando comandos de "sim ou não". O ponto é o seguinte: acho que a tecnologia usada para ajudar as pessoas com defeitos de nascença é uma vantagem.
BIZZ — Musicalmente, quando foi que você percebeu sua atração pela nova tecnologia?
Stevie — Desde a época do sintetizador Moog, desde Walter/ Wendy Carlos, desde "Switched on Bach". Digo até antes disso, em algumas coisas dos anos 60, quando já eram usados os sintetizadores em mono. Freddie Cannon usava um destes instrumentos. Os Temptations usaram um sintetizador no seu primeiro disco.
BIZZ — É mesmo?
Stevie — Em uma música chamada "Dream Come True". Bem, eles usaram, não sei como se chamava, mas era o primeiro sintetizador acompanhado de um oscilador, um sintetizador de uma nota só, ou seja, que não permitia o feitio de acordes. Era um som muito cru, mas era o começo.
BIZZ — Portanto, isto não é algo de novo para você. Tem sido um hobby e parte de seu trabalho já por um longo tempo.
Stevie — É claro que sim. Quando conheci Bob Margouleff e Malcolm Cecil em 1971 (produtores associados responsáveis pelo seu trabalho no começo dos anos 70), fui introduzido ao sintetizador. Explorando sua habilidade para meu uso, isto acabou por se tornar não apenas um desafio, como também uma forma de expressão; de pintar certos quadros musicais que nunca antes puderam ser feitos.
BIZZ — Muita dessa nova tecnologia enfraquece o lado humano, especialmente para novos compositores, os quais, às vezes, a usam como muleta.
Stevie — Acho que o que acontece é o mesmo que acontece com todas as coisas; a gente sempre abusa. E aí as coisas vão sendo assimiladas naturalmente. O que acontece — é uma coisa interessante — é o mesmo com todos estes vários artifícios da tecnologia moderna. É como as máquinas fotográficas Polaroid. Você sabe como as pessoas sempre costumavam carregá-las por aí, tirando fotos apenas pelo motivo de obter um resultado "aqui e agora". Você sabe o que eu quero dizer: é aquela coisa de tirar a foto e vê-la se revelar na sua frente. Agora existem as "Disc Cameras". No começo, é sempre uma mania passageira, o êxtase do "Ah, é isto!". Aí, depois de um tempo, as pessoas realmente entendem. Entendem a

"Eu sempre tive um contato íntimo com a música africana por ser parte de nossa cultura"

singularidade da coisa e passam a encará-la normalmente, do jeito que deveriam, em vez de exagerar. O mesmo acontece com os sintetizadores, onde existe por exemplo uma concepção de usar discursos em vozes computadorizadas. O ponto é que isto pode ser realmente usado para algo significativo, coisas importantes como a comunicação através da voz.
BIZZ — Você tocou a maioria dos instrumentos neste novo álbum?
Stevie — Sim, a maior parte.
BIZZ — Você gostou disto mais do que trabalhar com músicos, ou você sente que trabalha melhor sozinho?
Stevie — Eu gosto de tudo isto. Às vezes, para mim, quando estou tentando criar um certo tipo de quadro musical, eu faço sozinho, e às vezes dá certo, às vezes não. No disco *Hotter Than July* a maioria foi feita com a participação de músicos, enquanto neste usamos apenas algumas pessoas. Na maioria do tempo eu tocava e fazia seqüências.
BIZZ — Você não sente que perde aquele retorno que você tem quando trabalha com outras pessoas?
Stevie — Eu acho que não. Porque acho que, como produtor, sou objetivo . Sei como eu quero que determinada nota soe, e mesmo trabalhando com um músico eu o faria tocar dessa maneira.
BIZZ — Você gostaria de ter tido toda esta nova tecnologia para *The Secrets Life of Plants*? Isto foi feito há sete ou oitos anos.
Stevie — Não, porque muito do que existe agora eu já tinha naquela época, quero dizer, a habilidade de provar sons diferentes. Eu tinha uma "Unit Back" que era uma das primeiras no seu gênero. Foi feita por um sujeito chamado Harry Mendell, apelidado "The Melodian" (O Melodioso). Existiam amostras de sons em mono. Fui capaz de tirar uma amostra como eu fiz com o som dos pássaros e o som dos tímpanos, e ritmicamente passá-los para o teclado. A qualidade era muito boa. A única coisa desta briga entre a tecnologia de agora versus a tecnologia de então é que se é capaz de atingir um grau maior,— portanto, a qualidade é muito melhor. Você pode armazenar os sons muito mais rápido.
BIZZ — Quando você primeiro escutou e se interessou pela música africana?
Stevie — Bem, eu sempre estive em contato íntimo com a música africana por ser parte da nossa cultura. É claro que, recentemente, pessoas talentosas como King Sunny Adé, definitivamente Fela (Kuti) e vários instrumentistas de inúmeras partes da África, me inspiraram. Também de escutar o "cora". E, é claro, o "talking drum" ("tambor falante", instrumento africano) e vários outros instrumentos que são usados e que sempre soaram excitantes para mim. Então, quando fiz "It's Wrong", eu me senti bem. Escrevi "It's Wrong" — não a letra mas o sentimento básico do que eu queria dizer — há dois anos. Eu sabia o que queria fazer com esta música. Eu tenho uma fita minha executando isto, mas somente com sintetizadores. Recentemente eu adquiri o Synclavier, e peguei vários instrumentos (africanos), coletei-os e escrevi uma seqüência — um programa — usando os instrumentos, tocando-os junto com o "Wave 2.3" e PPG (módulos de expansão para sintetizado-

res). Fiz uma seqüência do que eu queria para os versos e refrões, e em cima disto chamei o tocador de ''cora'' e toquei as cordas.

BIZZ — Foi através desse interesse pela música africana que você se tornou mais ciente da situação da África do Sul, ou isto foi algo que interessava antes mesmo da música?

Stevie — É difícil dizer. Eu já estava a par da música africana há um longo tempo, mesmo que fosse através de velhos filmes, que na verdade não eram fiéis exemplos da música africana. Mas aí existia uma curiosidade — os tambores e os cantores, toda aquela coisa.

BIZZ — Você acha que muito do interesse por música africana é genuíno em termos de mudança ou infiltração na cultura americana, ou você acha que as pessoas vêem isto apenas como algo tendencioso?

Stevie — Acho que parcialmente tendencioso, e acho que com ''uma maneira parcial''— quero dizer que a música africana sempre esteve na cultura americana. Os ritmos e batidas africanos, os tipos de fraseado melódico e todas as outras coisas que fazemos são baseados nas escalas africanas; o canto dos gospels e tudo mais é baseado nisto. Às vezes acho que é muito engraçado, porque esta sociedade está sempre tentando achar alguma coisa diferente. É como se, por um momento, a música do gueto fosse escutada por um monte de gente. Geralmente os negros a escutavam primeiro e só então ela penetrava na comunidade *underground* branca, ou coisa que o valha. Também se ouviu muita gente como Carla Thomas, Joe Tex e Bobby Bland. E aí a música negra finalmente acabou por se tornar aceita por todos, quando então veio o reggae. Alguns negros o seguiram, mas não tanto quanto o ''Rhythm'n'blues'' da comunidade. E então as pessoas disseram: ''É isto''. Entraram em Marley e, então, Marley se tornou aceito por todos. Isto é muito engraçado para mim.

BIZZ — Você ficou surpreso quando a South African Broadcasting Company proibiu a sua música? (A rede oficial do governo sul-africano fez isso quando Wonder dedicou seu Oscar por ''The Woman in Red'' para o líder negro preso Nelson Mandela.)

Stevie — (Num zombeteiro sotaque sulista!) Você conte para as pessoas da BIZZ que eu disse ''merda''. Eu me senti simplesmente esmagado quando Botha (presidente da África do Sul) proibiu minha música.

BIZZ — O álbum, no seu todo, é romântico e espiritual, sendo ''It's Wrong'' a única música política. Você queria se manter afastado de comentar a política americana?

Stevie — Bom, acho que ''Land of La La'' não é necessariamente uma música política, mas sobre uma condição social: como as pessoas concebem as coisas. Elas têm que conseguir, têm que se tornar grandes. Elas não têm nada, nem mesmo em suas próprias casas. Não têm a mínima base, e ainda saem, vão para algum lugar a acabam por se achar encalhadas em alguma situação. Sim, é claro, ''It's Wrong'' é política e socialmente uma música que realmente fala por alguma coisa, e ela se sobressai exatamente neste nível. Fico feliz com isto porque quero que fique bem claro para as pessoas o que está sendo dito nesta música

BIZZ — Você não queria fazer comentários diretos sobre a política americana de hoje em dia?

Stevie — Eu realmente não me preocupo muito com a política americana, porque sinto que podemos mudar a política na América. As pessoas — você, eu mesmo, qualquer um, preto, branco, roxo, não importa a cor — podem mudar as coisas se realmente levantarem os traseiros para fazê-lo.

BIZZ — Então você acha que as coisas são mais maleáveis, em termos de política americana, que a situação não é tão medonha quanto na África do Sul?

Stevie — Isto é para não dizer que não existe outra forma sofisticada de racismo. Não vou dizer que não há; infelizmente há. Mas ele acabou por se tornar um problema de classes. Não é somente se você é negro; é se você é pobre. Muitas pessoas não são capazes de ter uma educação nem de ter as mesmas oportunidades dos outros. Se fosse possível para Deus descer à Terra agora, isto é o que eu iria dizer a Ele: ''Deus, por favor, volte, porque o homem não valoriza a vida''. O ser humano não se importa com nada em sua vida, seu companheiro ou sua companheira.

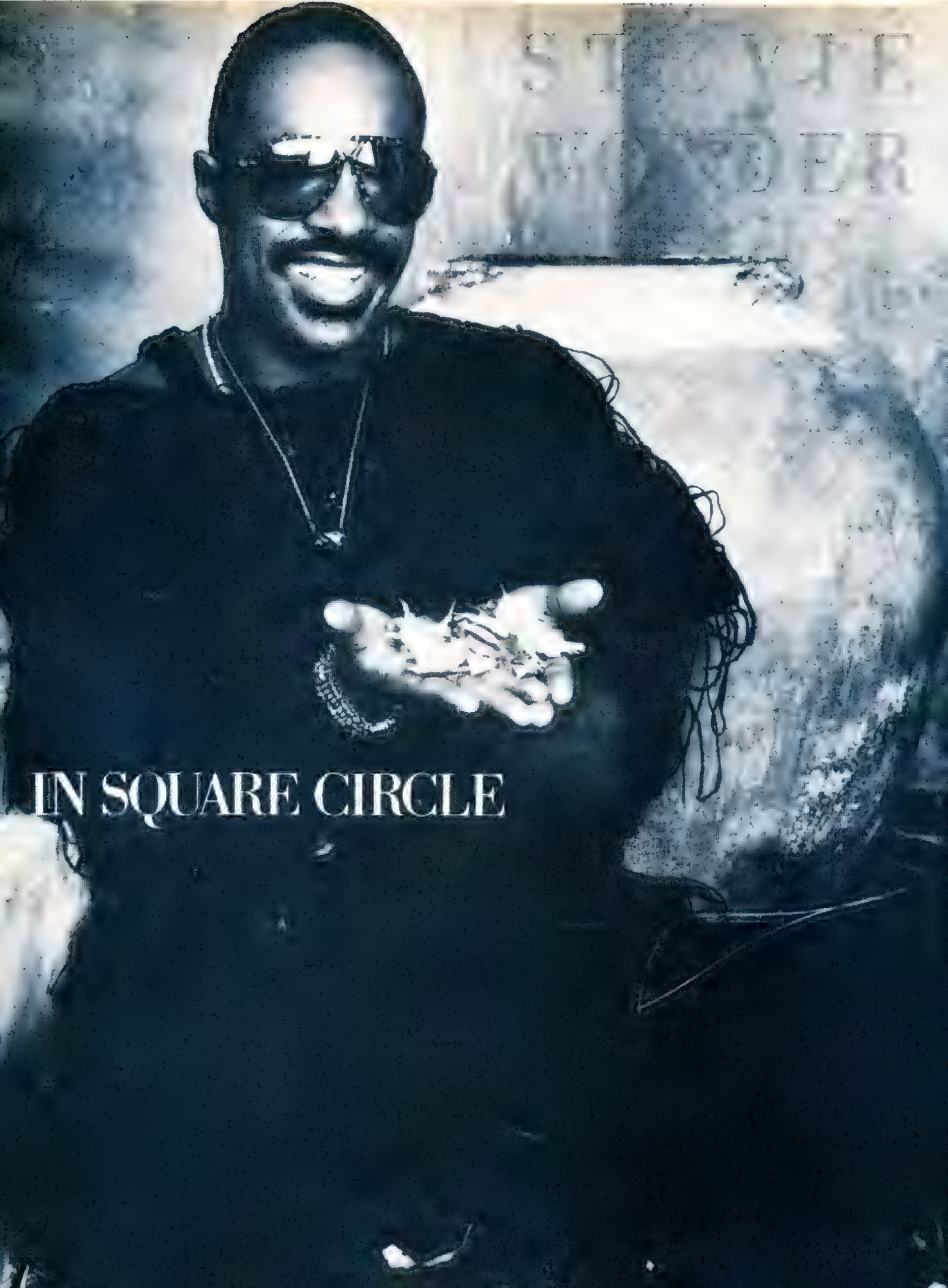
BIZZ — ''Land of La La'' é sobre Los Angeles?

Stevie — (rindo) É, mas não conte para ninguém.

BIZZ — Você gosta de morar em Los Angeles ou é somente um lugar para negócios?

Stevie — Eu gosto de L.A. Eu fico confuso em L.A. Eu costumava sentir muito medo em L.A., por causa de todo o problema da política. Mas eu acho que está mudando.

Na televisão, com seu mais hilariante imitador, o ''tira da pesada'' Eddie Murphy


STEVIE
WONDER
IN SQUARE CIRCLE

BIZZ — Você acha que letras socialmente conscientes podem realmente mudar alguma coisa?
Stevie — Eu acho que sim. Veja "We Are de World", por exemplo. Milhões e milhões foram levantados porque havia um grito de muitas pessoas que diziam: "Hey". Estou falando isto para você objetivamente, e não apenas porque estava envolvido. No decorrer da história, músicas sempre foram um chamado de amigo para o gênero humano, para homens e mulheres deste mundo juntarem suas forças.
BIZZ — Voltando um pouco atrás, quando você começou, você se sentia fora de seu universo por ser uma criança no meio de adultos?
Stevie — Basicamente sim. Não posso dizer que não deixei de fazer algumas coisas, mas eu também era capaz de fazer outras. E também qualquer pessoa ali que fosse maior de doze anos de idade era como se fosse meu pai, minha mãe, meu irmão ou irmã mais velhos. Tive muita sorte, porque eram ótimas pessoas. E também não estive ligado em coisas como mulheres peladas, álcool, drogas etc.
BIZZ — Houve algum evento que estimulou a sua maturação musical no final dos anos 60?
Stevie — O álbum *Signed, Sealed and Delivered*, que eu produzi. *Where I'm Coming From*, foi o álbum em que realmente eu estava tentando expressar as coisas que eu queria dizer. Era tão maravilhoso na época que Marvin estava trabalhando no seu LP *What's Going On*, que indubitavelmente era o maior dos dois. Este álbum era aterrorizante. E ainda é. Poderia ainda ganhar um "Grammy". Falava tanto das coisas que estavam acontecendo. *Music of My Mind* aconteceu porque eu decidi, em 1971, pegar todo o dinheiro que tinha acumulado através dos anos e começar a fazer outro álbum. Foi quando Bob e Malcolm se envolveram no meu trabalho pelos três álbuns seguintes.
BIZZ — Então você aprendia as técnicas de produção através deles?
Stevie — É.
BIZZ — Numa entrevista publicada na revista *Musician* saiu que 1971 e 1972 tinham sido anos ruins para você.
Stevie — Bom, não sei se foram anos ruins, foram apenas anos de crescimento. Quando eu usei a palavra "ruim", me referia ao modo como as pessoas percebiam Stevie Wonder. *Music of My Mind* foi um bom álbum mas não tinha aquele "algo mais". Eu tinha conseguido alguns fãs intelectualizados, mas estes estavam mais ligados num estilo vanguardista de Stevie Wonder, com sintetizadores e tudo mais. As pessoas estavam começando a entrar nessa. Era necessário o tipo de música que aconteceu em *Talking Book*, especificamente em "Superstition". Acho que, se "Superstition" não estivesse em *Talking Book*, "You are the Sunshine of My Life" poderia ter sido perdida.
BIZZ — Então muitas pessoas se assustaram com este seu novo estilo?
Stevie — De certa forma, sim. Eu me lembro uma vez, quando estava em Detroit, "Superstition" fazia sucesso e um sujeito que costumava vagar pela Motown chegou para mim e disse: "Irmão, irmão, o que

"Teve um dia que um cara chegou para mim e disse: sintetizadores são um lixo"

você está fazendo? Você está conseguindo. Você está afastando todos os seus fãs. Esta coisa de sintetizador não é música. Aquela música 'Superstition' é lixo".
BIZZ — E o que você disse a ele?
Stevie — Eu disse: "Você acha?" E ele disse: "Sim, ela não acontece". Eu disse: "Bom, quem sabe você deveria escutar um pouco mais".
BIZZ — Jeff Beck fez uma versão de "Superstition", não fez?
Stevie — O que acontece é que eu havia cortado "Superstition", iria deixá-la para ele gravar porque eu estava muito mais preocupado com o álbum e iria usar outra música para o compacto. Foi assim que caiu na sua mão, e ele acabou lançando-a muito tempo depois. A Motown então disse: "Esqueça, este é o compacto".
BIZZ — Li que Jeff Beck não ficou muito feliz com isto porque ele queria usar num compacto.
Stevie — É, tenho certeza que não deve ter ficado muito feliz, mas não foi minha culpa.
BIZZ — Quando você se acidentou em South Carolina, em 1973, disse que isto reorientou sua vida, que as coisas estavam saindo dos eixos de certa forma...
Stevie — Estávamos apenas correndo muito com shows etc. Não havia nada selvagem acontecendo, apenas estávamos pulando muito de show para show, um atrás do outro.
BIZZ — Existia alguma camaradagem com os artistas contratados do selo (Motown) que queriam mudar de estilo, assim como você e Marvin também...
Stevie — Existia sempre respeito, de artista para artista, mas todos estavam tentando fazer suas próprias coisas, suas ambições pelo novo, e assim esconderam certas afirmações que talvez queriam botar para fora. Eddie Kendricks formou seu grupo. Smokey Robinson lançou "A Quiet Storm". É claro, Marvin já estava nessa. Os Temptations, graças ao talento de Norman Whitfield, foram capazes de fazer algo realmente novo. Uma mistura de Sly & The Family Stone — "Cloud Nine", coisas assim... É tão maravilhoso, estava dizendo isso recentemente a alguém que Hendrix... eu estava nas Bermudas com Syreeta (esposa de Stevie), mas uma semana antes de chegarmos lá sua música estava no auge. Uma semana depois, ele morreu. Foi aí que realmente começei a entrar na sua música.
BIZZ — Você toca guitarra?
Stevie — Não. Faço som de guitarra no sintetizador.
BIZZ — É mais fácil assim?
Stevie — Sou um tecladista e isso é tudo o que posso fazer.
BIZZ — Você lançou um álbum instrumental no começo, com seu nome soletrado de trás para a frente...
Stevie — Eivets Rednow.
BIZZ — Você tem idéia de lançar outro álbum instrumental ou de jazz?
Stevie — Eu adoraria. Quando melhorar um pouco como pianista farei um álbum de jazz. Adoro jazz. Gosto de Chick Corea. Gosto de Art Tatum, ele é o rei. Gosto de todos os guitarristas de jazz, de George (Benson) a Pat Metheny. Gosto... como se chama aquele novo guitarrista de jazz?
BIZZ — Stanley Jordan?
Stevie — Stanley Jordan é grande. É um instrumentista único. Eu sem-

STEVIE WONDER

STEVIE WONDER

pre quis tocar guitarra. Li numa revista que ele era pianista clássico e então decidiu tocar guitarra. Seu dedilhado é totalmente diferente.

BIZZ — Desde "Fingertips" sua música tem sido popular, com um tipo de audiência pop. Mas agora parece existir uma controvérsia sobre esta mudança de rumo. Alguns dizendo que isto tirou a alma da música negra e assim por diante. Você tem algo a dizer sobre isto?

Stevie — Eles realmente não têm prestado atenção no que tem acontecido. O que tem acontecido efetivamente é que a música branca tem se tornado mais negra. Existem pessoas como Michael MacDonald. Para mim ele e Marvin sempre foram muito semelhantes. Existe o grupo Wham!, uma música como (cantando) "Every Time you go Away". Quero dizer, esta música, há quinze ou vinte anos, seria considerada rhythm'n'blues. Mas hoje é uma música pop. A experiência negra é a experiência. Nós sempre fomos um povo de sentimento. Não há nada que possa tirar isso da gente. Não estou dizendo que somos os únicos que possuem sentimentos, e sim que sempre fomos um povo com esta característica. O que tira o sentido de tudo é quando uma pessoa é apenas comercializada e comercializada, mais e mais, sem parar.

BIZZ — Este álbum é bastante romântico. Acho que muitos gostam do Stevie Wonder de "Livin' for the City"...

Stevie — Não podem gostar de mim apenas de uma maneira. Acho que gostar de mim desse jeito é categorizar a mim e à música que faço, as coisas que aprecio. É como dizer a você: "Olhe só para a parede, não olhe para nenhum outro lugar". Quando você olha para a parede sei que é você. É só olhar para outro lugar qualquer que não poderei esperar mais nada de você..."

BIZZ — Você acha difícil escrever sobre romance e amor, um tema tão trabalhado e retrabalhado?

Stevie — Acho que o amor é algo — nunca escrevemos tanto sobre relações pessoais como fizemos neste álbum. É a simples realidade. Haverá vários volumes de *In a Square Circle*, que lidarão predominantemente, no seu tempo, com vários assuntos. Um assunto dominará cada álbum em sua maioria. Quando escutei "Part Time Lover", eu pensei em "You Can't Hurry Love". É uma combinação de "You Can't Hurry Love" com, principalmente, "My World is Empty".

BIZZ — Você já pensou em entrar numa campanha política, em termos eleitorais?

Stevie — Meus sentimentos são meio flutuantes. Vacilo em torno disso. Mas é bem possível que eu ainda o faça, bem possível.

BIZZ — Você escreverá mais sobre assuntos concretos no próximo álbum?

Stevie — Existem certos assuntos que pretendo escrever a respeito. Alguns deles vão surpreender as pessoas. Porque acho que toda a situação criminal passou dos limites. Acho que toda a situação do desemprego passou dos limites. Também acho que o estado de ignorância passou dos limites.

BIZZ — Como é este negócio de pessoas dizerem que política e música não devem se misturar?

"Aceito meus erros, mas não a ponto de não querer fazer nada para corrigi-los. Não tenho dó de mim"

Stevie — Nem penso sobre o assunto. Acho que a música é uma ferramenta bastante poderosa. Existem certos grupos ideológicos que estão errados, e estes, sim, são muito perigosos. Mas qualquer coisa que seja em nome da positividade das pessoas está certa. Acho perigoso as pessoas discutirem o tempo todo sobre pressão. Porque as crianças não entendem. E, se pensam que entendem, não estão prontas para carregar tal responsabilidade. Concordo com Smokey Robinson na sua música "Be Kind to the Growing Mind" ("Vá de Leve com Mente que Cresce").

BIZZ — O que você acha do movimento de censura aos discos?

Stevie — É bom, porque como o resto, eles podem passar dos limites.

BIZZ — Me parece que, do jeito que as coisas vão, não apenas sexo e violência podem ser censurados, mas idéias impopulares também...

Stevie — É possível. Acho, como qualquer outra coisa que se torna política, que as pessoas têm que pensar sempre no outro lado do que estão dizendo, para terem certeza de obter equilíbrio.

BIZZ — As pessoas que fariam esta censura ... não são meus amigos nem nada...

Stevie — É por isso que digo para você, para mim, meus amigos etc. que é preciso ter certeza, quando se fala em censura aos discos, que ela seja feita de uma forma que agrade a todos. O ponto é que, quando o assunto é este, você pode, por exemplo, censurar artigos que as crianças iriam ler. O que está em jogo é a negação do direito de livre expressão.

BIZZ — Tenho certeza de que, quando Hendrix surgiu, se existisse censura na época diriam: "Aí está um sujeito botando fogo em sua guitarra".

Stevie — Ou James Brow dizendo: "Diga com barulho, sou preto e tenho orgulho".

BIZZ — Exatamente.

Stevie — Com certeza. É por isso que digo — item número um, acho que é legal você ter me perguntado isto. Acho que as pessoas deveriam entender bem isso. Elas têm essa responsabilidade e devem dizer: "Sim, você pode censurar os discos, mas *esta* é a maneira pela qual deve ser feita a censura". Se você simplesmente deixa isto acontecer, e só começa a reclamar depois, torna-se tão bitolada quanto a pessoa que a está fazendo de uma maneira preconceituosa.

BIZZ — O Stevie Wonder que vemos em público é sempre tão seguro de si mesmo, não existindo um só momento de autopiedade. O que você me diz dos momentos em que não o vemos?

Stevie — Não posso dizer que nunca me senti mal em minha vida. Me sinto e vou sentir. Aceito meus erros, mas não simplesmente a ponto de aceitá-los e não querer fazer nada para corrigi-los. Não sinto dó de mim mesmo. Talvez quando era pequeno mendigando pelo chão, tentando achár algo... chegava até a chorar. Isto era porque eu ficava louco por não achar as coisas. Quando isto acontece hoje em dia, eu apenas digo: "Deus, ajude-me a achar esta coisa em particular". Sempre, mais dia ou menos dia, eu acho. Algo me diz para girar deste jeito, para olhar daquele lado, pôr a mão aqui, ali, aonde for.

Heavy Metal

Ilustração Cleber Veiga Garcia/ Foto Estúdio Abril

* O novo LP do ressuscitado **UFO** deve ter saído — precedido de um compacto — em novembro na Inglaterra, pelo selo Chrysalis. As bases foram gravadas em Oxford e a mixagem em Amsterdam.

Foto Paul Cox/LFI

O Judas vem com tudo no vinil

* Disco novo à vista. **Judas Priest** e seu produtor **Tom Allom** já deram os toques finais no novo petardo do grupo, ainda sem título. A gravação ocorreu no Compass Point Studios, em Nassau, Bahamas, e a mixagem foi feita em Los Angeles.

* O quarteto **Tarzen** (porque não Tarzan?) tem seu disco de estréia lançado aqui. O tecladista-vocalista **David Peyronell** (ex-UFO e Heavy Metal Kids) é seu líder e seu irmão. **Michael** é o batera. No baixo está **Ralph Hood** (ex-Grand Prix) e na guitarra, **Salvador.**

* O trio **Rush** também já está com seu novo álbum pela Vertigo, *Power Window*, estourando por aí, com destaque para temas como "Big Money", "Marathon" e "Emotion Detector". Tudo foi gravado entre abril e agosto de 85 em Oxford e Montserrat e mixado em Londres com produção deles e de **Pete Collins.**

* Continuam os falatórios sobre quem deve vir ao Brasil. Agora falam de **Iron Maiden,** que viria para tocar nas capitais onde não estiveram em janeiro último, e do sangrento **WASP.** E devem vir até a metade do ano, certo?

* Você sabia que o novo disco de **Ozzy Osbourne** deveria chamar-se *Killer of Giants* (citado por ele há uns dois anos?) em vez de *Ultimate Sin?* O produtor é **Ron Nevison** (UFO, Michael Schenker, Heart e Survivor entre outros) e, agora em janeiro, Ozzy já deve ter saído em turnê com sua nova banda, estreando em Belfast e Dublin (Irlanda) antes de atacar a Inglaterra. Nada de maratonas pela América, garante ele. Além de Ozzy e do guitarrista **Jake E. Lee,** a nova banda traz (como já havíamos informado aqui) o batera **Randy Castillo** (ex-Stone Fury e Lita Ford) e o baixista **Phil Soussain** (tocou com **The Firm** de Page somente em gravações).

* **Aynsley Dunbar** (Journey e Jefferson Starship) foi recrutado para ser o novo batera do **Whitesnake** em lugar de **Cozy Powell** (que foi mesmo para o **ELP).** Assim **Neil Murray,** o baixista, não precisará mais quebrar o galho com as baquetas. Aynsley, Murray, Coverdale e Sykes já gravaram muita coisa em Vancouver, Canadá, com produção de **Mike Stone.** Nesse início de ano deve sair algo, mas para o pessoal daqui foi lançado *Trouble*, primeiro LP do conjunto.

* Depois de **Chuck Wright** (que foi para o Quiet Riot), o guitarrista **Craig Goldie** também deixa o **Giuffria** e vai tocar com **Rudi Sarzo** (ex-Q. Riot) e **Tommy Aldridge** no novo grupo, **Driver,** que já tinha o guitarrista **Kirk James** (ex-Steeler), que acabou desistindo de tudo para ir tratar do coração. O vocalista era para ser **James Scott Soto** (ex-Rising Force), mas poderá ser **Mark Boals** (ex-Ted Nugent). No Giuffria, **Gary Phá** (ex-Sammy Hagar) vai ficar com a guitarra.

* O vocalista **Ian Gillan** teve que remover recentemente suas amídalas num hospital da Alemanha Ocidental.

Isso comprovou que ele realmente esteve para ser substituído no **Purple** por causa desse problema. Antes de passar pelo **Sabbath,** ele tivera problemas com suas cordas vocais, parando com tudo então. Por causa da operação as datas espanholas do Purple nesse 85 foram canceladas. Um dia depois da operação ele já estava falando, e antes de voltar às atividades foi descansar em Ibiza, Espanha.

Foto Etty Inman/LFI

Wendy, no tempo dos Plasmatics

* **Wendy O. Williams,** vocalista e detentora do par de seios mais bonitos do rock, terminou seu novo e arrasador trabalho, *Kommander of Kaos*. Porém, até fecharmos essa edição, não havia conseguido um selo para lançá-lo.

Quem esteve na ensurdecedora festa de comemoração dos dez anos do **Motorhead** no Hammersmith Odeon, em Londres, no meio do ano, já conhece alguns temas desse *Kaos*.

L.R.

TRICICLO

Triway

LIBERDADE, VERSATILIDADE E SEGURANÇA.

"NUM VERDADEIRO ATC NACIONAL".

FOTO. NELSON CHAVIER

MOTOWAY

Rua Morais Barros, 1079
CEP 13.400 - Piracicaba - SP
Fone: (0194) 34-1255

KATE BUSH

Kate descoberta aos 15 anos pelo ex-Pink Floyd Dave Gilmour

Foto EMI-Odeon

Elas têm em comum um espantoso alcance vocal e o fato de, mesmo consideradas "difíceis", estarem fazendo o maior sucesso

Entre outubro e novembro a parada inglesa de compactos foi liderada por uma estranha melodia galopante que pretendia dialogar diretamente com Ele em pessoa, o Todo Poderoso, o Sr. Deus. Decerto um recheio pouquíssimo comum para canções pop. Mas aqui não se trata de uma canção comum, nem de um artista comum. A música em questão — "Running Up That Hill", um estonteante casamento de progressivo e primitivo — foi assinada pela precoce inglesa Kate Bush, cantora, compositora, tecladista, bailarina e atriz cuja carreira começou aos 16 anos, quando foi descoberta pelo então guitarrista do Pink Floyd, Dave Gilmour. De lá para cá, Kate colecionou sucessos — como "Wuthering Heights" e "Babooshka" — e amadureceu sua voz de quatro oitavas. Manteve acentuado o subtom místico, quase religioso de suas músicas, e acabou pavimentando o caminho para o que se pode chamar de rock progressivo dos anos 90. Em Londres, logo após o lançamento de seu novo álbum, *Hounds of Love* (EMI-ODEON), Kate recebeu nossa repórter *Carla Gullo* para uma entrevista exclusiva.

BIZZ — *Seu último LP,* The Dreaming, *foi lançado no final de 1982. Por que só agora você concluiu um novo trabalho? O que aconteceu durante este tempo?*

Bush — Quando terminei o último LP eu precisava de um descanso. Na verdade, desde 1978 eu não parava de trabalhar. E durante esse tempo eu estava construindo meu próprio estúdio, fora de Londres. Também demorei um longo tempo para compor novas canções. Eu queria músicas interessantes e as letras custaram tanto a ser finalizadas que pode-se dizer que foi um processo doloroso. E também porque todo o lado B de *Hounds of Love* é uma história só, ligada por várias canções. E eu nunca havia trabalhado desta maneira antes.

BIZZ — *Esta história que você acabou de citar fala de reencarnação. Temas místicos são comuns em suas músicas. Você é mística, espiritualista?*

Bush — Bom, eu não poderia dizer que sempre fui espiritualista, mas tenho uma tendência a certas letras que as pessoas poderiam chamar de "tendências religiosas". Mas não sou religiosa. Acho que todos os escritores, todas as pessoas que estão no mundo das artes estão, de alguma maneira, procurando *alguma coisa* e, muito frequentemente, são envolvidas por alguma forma de fé religiosa. Acho que, na verdade, procuro uma resposta para as coisas. Mas ocorre também que muitas pessoas se tornam "músicos religiosos", como aconteceu com Bob Dylan. Realmente, eu não diria que sou religiosa.

BIZZ — *Fale mais deste lado B. Ele nos remete à Idade Média e também tem algumas melodias que lembram o Oriente Médio.*

Bush — É verdade. Tem algo da cultura irlandesa, algo de música clássica — como o coral de "Hello Earth". Acho muito excitante esta mistura de músicas étnicas tradicionais, porque têm uma série de sabores diferentes.

BIZZ — *Você começou a trabalhar com vídeos bem cedo, nos anos 70. Você preparou algum clip especial para este novo disco?*

Bush — Logo no começo da minha carreira percebi que precisava de um complemento visual. Mas não sou destas pessoas que compõem as músicas já pensando em vídeo.

TETÊ ESPÍNDOLA

Foto Livio Campos

Tetê, a garota com "pássaros na garganta", chegou onde merece

Na noite de 26 de outubro último, uma grande voz saiu finalmente do quase anonimato para ficar conhecida de norte a sul do país. Obtendo a primeira colocação no Festival dos Festivais, com a música "Escrito nas Estrelas", a matogrossense de Campo Grande Tetê Espindola, 31 anos, conseguiu até o inédito pedido de bis, que, dizem, nunca houve em festival.

Até antes do festival, Tetê era conhecida apenas por um restrito público, localizado principalmente em São Paulo. Devido às características pouco comuns de sua voz (agudíssima), desfrutava de uma condição de cantora de vanguarda, que, se por um lado dava uma certa importancia e respeito, por outro fechava seu trabalho para uma maior audiência. Com essa guinada em sua carreira, devido ao estrondoso sucesso de "Escrito nas Estrelas", parece que a barreira foi transposta, fazendo com que um novo estilo de música brasileira chegue às FMs.

A carreira discográfica de Tetê iniciou-se em 78, quando junto com o grupo Luzazul, formado por seus irmãos Geraldo, Marcelo e Alzira, gravou *Tetê e o Lírio Selvagem*, produzido por Luís Carlos Maluly (o mesmo que produziu o LP de estréia do RPM). No repertório, guarânias, sertanejas e ritmos que nem imaginamos ainda existirem no Brasil. Um excelente disco. Dois anos após, ainda com seus irmãos e músicos convidados, veio *Piraretã*, onde ela solta mais a voz num trabalho de alto nível.

Mas a verdadeira Tetê, a de "pássaros na garganta", como definiu o poeta Augusto de Campos, surge totalmente no disco independente (os dois primeiros foram gravados pela Polygram) lançado em 82, intitulado justamente *Pássaros na Garganta*. Em músicas como "Fio de Cabelo" (gravada numa gruta) e "Jaguadarte Galadriel", além da faixa título, Tetê transmutava sua voz num novo instrumento musical, e misturava-a perfeitamente com os pássaros da Chapada dos Guimarães (o lugar que ela mais adora), criando uma atmosfera mágica. Quase dá para ver a luz azul que ela diz emanar sempre que canta.

No espaço de dois anos entre o segundo e terceiro LP, Tetê fez parte da banda Sabor de Veneno, de Arrigo Barnabé (sua voz está nos sulcos do celebrado álbum *Clara Crocodilo*). Arrigo é um amigo próximo e colaborou com algumas letras em *Pássaros...* e tem uma parceria, com seu irmão Paulo, em "Piraretã".

Agora em março sai o novo LP da Tetê, *Doce Magia*, produzido por Mazola (que disse ter verdadeira paixão pela voz dela) para o selo Barclay. Com ele, Tetê sai um pouquinho de seu estilo original, mergulhando mais no romantismo, que tem muito a ver com o momento atual vivenciado com seu marido Arnaldo Black. Deste LP, algumas faixas que ela destaca são "Cururu", no clima do pantanal matogrossense; "Visão da Terra", "Vida de Índio", de seu irmão Celito; e "Na Chapada" que tem a participação especial de seu conterrâneo Ney Matogrosso, e fala de sua amada Chapada dos Guimarães e suas idílicas cachoeiras.

Que a doce magia de Tetê Espíndola faça brilhar a luz azul em cima de pretensas cantoras que preferem posar seminuas nas capas de seus discos do que realmente cantar.

Tom Leão

Punk ROCK

NOVE ANOS DE PAULEIRA PURA

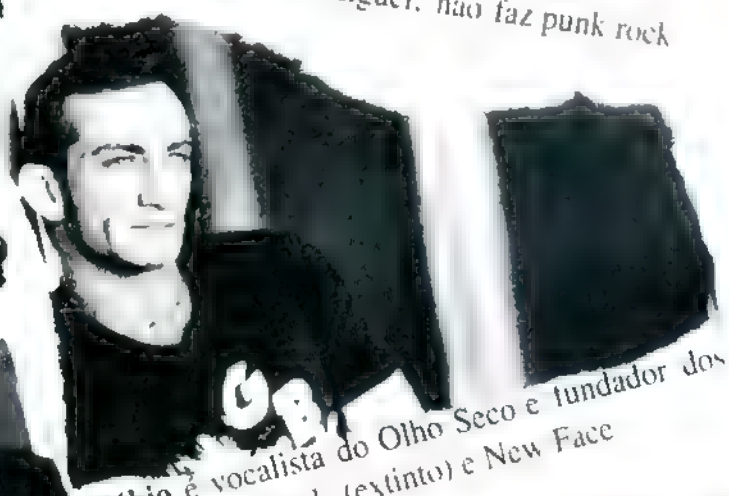
No número anterior, BIZZ publicou o histórico do punk rock, lá fora e no Brasil. Neste número abrimos as páginas para uma mesa-redonda entre aqueles que, direta ou indiretamente, foram influenciados pelas tendências deste movimento. Quem coordena o fogo cruzado é *Sônia Maia*

Miguel Barella é produtor, guitarrista dos Agentss (extinto) e dos Voluntários da Patria

Clemente é guitarrista e vocalista dos Inocentes; fundou a primeira banda de punk rock brasileiro, a Condutores de Cadáveres

Mau é vocalista dos Garotos Podres

Nasi é vocalista do Ira!, ex-Voluntários da Pátria, e, como Miguel, não faz punk rock



Fábio é vocalista do Olho Seco e fundador dos selos Punk Rock (extinto) e New Face

Redson é guitarrista e vocalista do Cólera

João é vocalista do grupo *hardcore* Ratos de Porão.
Tatu é vocalista da banda carioca Coquetel Molotov

Bizz agradece o espaço Carbono 14, gentilmente cedido para este debate

"No começo eu não tinha noção se aquilo era new wave ou punk. Era uma coisa nova que estava surgindo", abre Clemente. Miguel: "Acho que a grande herança do punk está aí: você pode desenvolver suas próprias idéias e ter um embasamento histórico para sustentar aquilo. Mas a grande fase do punk durou dois ou três anos, depois disso foi repetição de soluções".

E o que é ser punk hoje? Sobrevive enquanto estilo? Redson: "Quem somos nós para falar o que é punk? É você ir ao show e sentir". Nasi intervém: "E provavelmente o contrário do que falamos aqui". Miguel, sentindo a tendência à redundância: "Esse negócio de estilo é bem coisa de jornalista mesmo, que se sente inseguro dentro de toda linguagem que está aí e quer catalogar tudo. Mas, até ele conseguir catalogar, já mudou".

Estilo e Armação

Afinal, qual a repercussão deste estouro aqui? Miguel: "Não saiu do pequeno circuito — Madame Satã, Carbono, Napalm (tocas paulistas)..." E João entra no papo: "O Brasil não tem tradição de rock. Este povinho ouve só MPB, discoteca e, de repente, pá!, uma banda de rock". Miguel explica: "Não dá para falar do Brasil pensando na capital do Acre! São Paulo é o que está em sintonia com o resto do mundo". João contesta: "Que nada, cara, é tudo Brasil, do Oiapoque ao Chuí. O som que eu faço é muito barulhento para esse povo". Miguel pergunta: "Quer que te ouçam, já?" E João: "Já?! *Ainda* é a palavra". Miguel: "Então começa a tocar à la Rádio Táxi!". João: "Não, não me vendo por nada"

"Então você tem que assumir isso", Miguel explica. "Os Voluntários, por exemplo. Apesar do público estar aumentando, sei que nunca vamos estar em primeiro nas paradas, nunca vamos fazer trilha de novela... O que você quer, fazer uma Inglaterra no Brasil? Lá tem pelo menos vinte publicações sobre música, você pode fazer uma excursão pelo país inteiro..." João desabafa: "Sei lá, cara, é muita ignorância. Não tem espaço para o som que nós e o Olho Seco, por exemplo, fazemos".

Fábio pega a deixa: "O som que leva a coisa para o lado punk. Deveria ter em São Paulo, como tem no Rio, locais para bandas como a nossa. Conforme você dá espaço, surge o público interessado". Redson entra na conversa: "Cada um de nós, baseado em uma coisa lá fora, criou seu próprio estilo. Como o Ira!, que tem uma influência *mod*, mas faz seu próprio som. O que fazemos é o próprio punk nacional". João: "Por isso o pessoal, quando ouve lá fora, gosta à beça. Acham exótico". Clemente: "Como Inocentes. Não temos parâmetros e não queremos traçar nenhum". Miguel completa: "Quem tem estilo genuíno, sem armação, volta, renova e fica".

Os problemas

Nenhum dos presentes é *pop star*... À parte as diferenças estéticas, todos têm problemas em comum. Miguel: "Tem problemas de divulgação, lugar para tocar, não tem empresários competentes, e as gravadoras... Lembra da tradição que o João falou? Tradição é registro. Você faz um som hoje e grava um LP quatro anos depois. Você enjoa, não agüenta mais ouvir aquilo... As gravadoras não assumem o papel a que se propõem. Elas gravam e jogam; se alguém pegar, jóia, é lucro. Não gastam nada na produção de um disco: tudo que pagam, contabilizam, pode ser descontado no ICM. Nem o estúdio, que às vezes faz trambicagem e devolve metade. Para eles, tanto faz".

E os selos independentes? Fábio: "Com o punk apareceram em Londres muitos selos independentes". Mau completa: "Esses selos vendiam o disco mais barato para o público e eram mais acessíveis aos músicos". Nasi fala do Brasil: "É muito fraco o movimento independente aqui. Existia a Punk Rock e agora a Baratos Afins". Miguel: "O independente é uma alternativa. A gravadora não topa, você vai até ele. Só que aí você sabe que não vai ter Chacrinha, boa distribuição, não vai vender bem e você não vai ver a grana".

E como agir frente aos impedimentos? Nasi levanta a poeira: "O grande entrave é a ignorância dos próprios grupos. Quantas turmas a gente já freqüentou e nunca conseguiu uma participação política! Quando entramos na gravadora, com o Ultraje e o Magazine, todos sabiam os objetivos comuns. Mas aí os interesses de cada um foram ficando maiores..."

Tatu finalmente entra na conversa: "Vejam, eu trabalho em um jornal de bairro lá do Rio, e faço um fanzine. Consegui que encartassem esse fanzine dentro do jornal. É uma forma de atingir vários bairros e não ficar restrito à própria turma". Miguel toma a palavra para um balanço: "Depois do grande estouro do punk, ele foi assimilado pelo Sistema. Hoje não tem costureiro famoso que não vista sua modelo de preto e tachas. Aqui no Brasil, U2 é o grande *tchans* agora". João brinca: "Rebeldia, cara, não desmunhecar no palco!" *(risos gerais)*. Clemente: "Estamos caindo no que acontecia antes de 76. Está na hora de chegar alguma coisa nova e mudar toda a linguagem".

Boa deixa. E o que seria? Miguel: "O que o punk deflagrou ainda vai durar algum tempo. Você não estoura um movimento da noite para o dia. Nasce de observações Tem que ser espontâneo, senão morre no dia seguinte". Nasi arrisca um palpite: "As bandas de garagem é que seriam as grandes herdeiras. Na Inglaterra, o movimento musical está desgastado. Justamente nos EUA, o centro do cenário pop, careta, estão aparecendo bandas ácidas, com instrumentos e recursos normais".

Voltando ao Brasil — ninguém apresenta soluções? Miguel: "Falta grana. Se você tem um milhão, não faz nada. Se tem vinte, faz tudo. Se tem dez, não faz metade daqueles vinte. Não funciona numa progressão racional. Me ocorre o seguinte: aproveitar fatos que tenham uma repercussão jornalística nacional e roubar um pouco daquilo para você. Malcolm McLaren teve uma grande sacada, botar os Sex Pistols num barco descendo o Tâmisa, em pleno Jubileu de Prata da Rainha. Aqui, por exemplo, quando o Sarney veio a São Paulo para inaugurar a Bienal, colocar um caminhão em frente ao pavilhão com bandas punk em cima. No dia seguinte dava primeira página. Tem que ter coragem".

E não seria Miguel líder. Afinal, nesse dia, ele estava *dentro* da Bienal, junto com outros músicos, executando o "Círculo Mágico Ritual" de Conrado Silva.

Fotos Geraldo Luis Gomes

LULU SANTOS

Hit após hit, ele sedimentou o zen-surfismo romântico abolerado. Uma distorcidinha na guitarra e pronto, as vendas caem. *Antônio Carlos Miguel* foi saber por quê

A maioria dos críticos gostou, mesmo aqueles que o tinham rotulado como um roqueiro romanticóide, mas nas rádios e lojas *Normal* vem sendo o seu disco de mais fraco desempenho.

Além do dado imprevisível que também habita o complexo circuito musical-industrial, alguns fatores estão claros para Lulu Santos: "A verdade é que com esse trabalho talvez eu tenha me colocado um pouco acima do que a mídia de uma forma geral detém para si".

Cinco meses depois do lançamento do LP, em meio à excursão pelo Brasil — que se estenderá por todo o verão —, Lulu agora está tranquilo: "É, fatalmente, o LP meu que menos tocou em rádio. Teve um tempo em que fiquei deprimido com o disco, o que era uma grande estupidez. Porque a minha depressão era com a *performance* do disco, o que é uma coisa diferente. Este é um superdisco! Às vezes tenho vontade de ficar parado uns dois anos, que é para as pessoas acompanharem, chegarem ao passo dele. Mas nunca imaginei esse embaraço, que percorreu algumas pessoas do meio e que não percorreu algumas outras. Por isso acho *Normal* importante, tem um aspecto de divisor de águas legal. No meu ver, uma canção como 'Sincero' é apenas o que eu queria que a música pop de rádio fosse; não é nenhuma exacerbação, não é nada sacrossanto, muito menos pesado demais. Agora tem uma coisa: a letra dela não é estúpida, não é imbecil, não é formulática. Além das letras, o entrave que este LP pode ter causado para alguns atravessadores da mídia vem um pouco da restrição sonora. A nível de som ele é delineado e você entenda naquela delineação o que puder entender. Não adociquei cada coisa com uma reafirmação, de sintetizador ou algo assim".

O fato é que, como o próprio Lulu afirmou, muita gente ficou "travada", inclusive na gravadora: "O fato de a mídia ver você como parte da indústria é estranho. Eu não confundo a arte com a minha carreira, são relações diferentes. E o mais estranho é que a minha ascensão brutal dentro da mídia teve a ver com um momento em que eu era totalmente desacreditado dentro da gravadora, exceto pelo meu produtor (Liminha, até o terceiro LP). A companhia, na pessoa do presidente (André Midani) e de uma forma geral, não via em mim absolutamente nada, até de repente eu vender 90 mil cópias" (em *Tudo Azul*).

Rock Kamikaze

Ao contrário dos estouros de Ritchie, Blitz ou Dalto, a carreira de Lulu veio num crescendo e o menor desempenho de *Normal* não o assusta. Depois de lotar o Noites Cariocas, no Rio, da boa temporada no SP Projeto, os shows pelo Centro, Norte e Nordeste também foram estimulantes — em Vitória, por exemplo, ele botou 7 mil pessoas no Ginásio João Bosco, "numa terça-feira, chovendo, quando Nina Hagen colocou 3 mil e quinhentas num sábado".

Lances como esse compensam plenamente o esforço — palco próprio, luz e som de primeira e uma superbanda: Léo Gandelman (saxes), Paul de Castro (guitarra), Nico Resende (teclados), Artur Maia (baixo) e Eleto Caffaro (bateria).

"Essa coisa de fazer rock no Brasil é totalmente kamikaze, os equipamentos são caríssimos, temos que comprar em dólares e depois ainda tem essa coisa de 'muambear' pra dentro do Brasil... se for pagar a taxa não dá. É tudo muito louco, a gente faz mesmo porque gosta."

Se o novo disco e no show não deixam mais dúvidas sobre o rock que sempre correu nas suas veias, Lulu também não abre mão do fato de ter se afirmado como um cantor popular: "Ouvi muitas críticas ácidas contra a minha face pop — como se fosse mal, pecado, tabu —, mas não excluo a coisa rock da coisa pop. E acho que as coisas chegam ao bom termo quando uma entra no circuito da outra. E hoje tô até com um pouco de saudade destas minhas canções. Sou um pouco assim, de ir prum extremo e a partir deste extremo ficar atraído pelo outro".

De olho no mundo, ligado ao que rola nas rádios, na nossa música, Lulu Santos tem posição bem clara: "Acho que é chato você ligar o rádio e ouvir o mesmo ritmo, o mesmo galope. Você sente que todo mundo tem mais ou menos os mesmos elementos, é meio 'niu ueivoso', meio ska. Eu tenho muito tempo de rock and roll para ficar nessa coisa 'niu ueivosa', porque é incrível o Brasil ter descoberto o B-52's já morto. Tudo é tão defasado. Então, numa hora como essa, é super *refreshment* aquele meu material tido como brega".

Foto Mauricio Valladares

GIL

20 Anos Luz

Palácio das Convenções do Anhembi (SP) - de 12 a 17/09

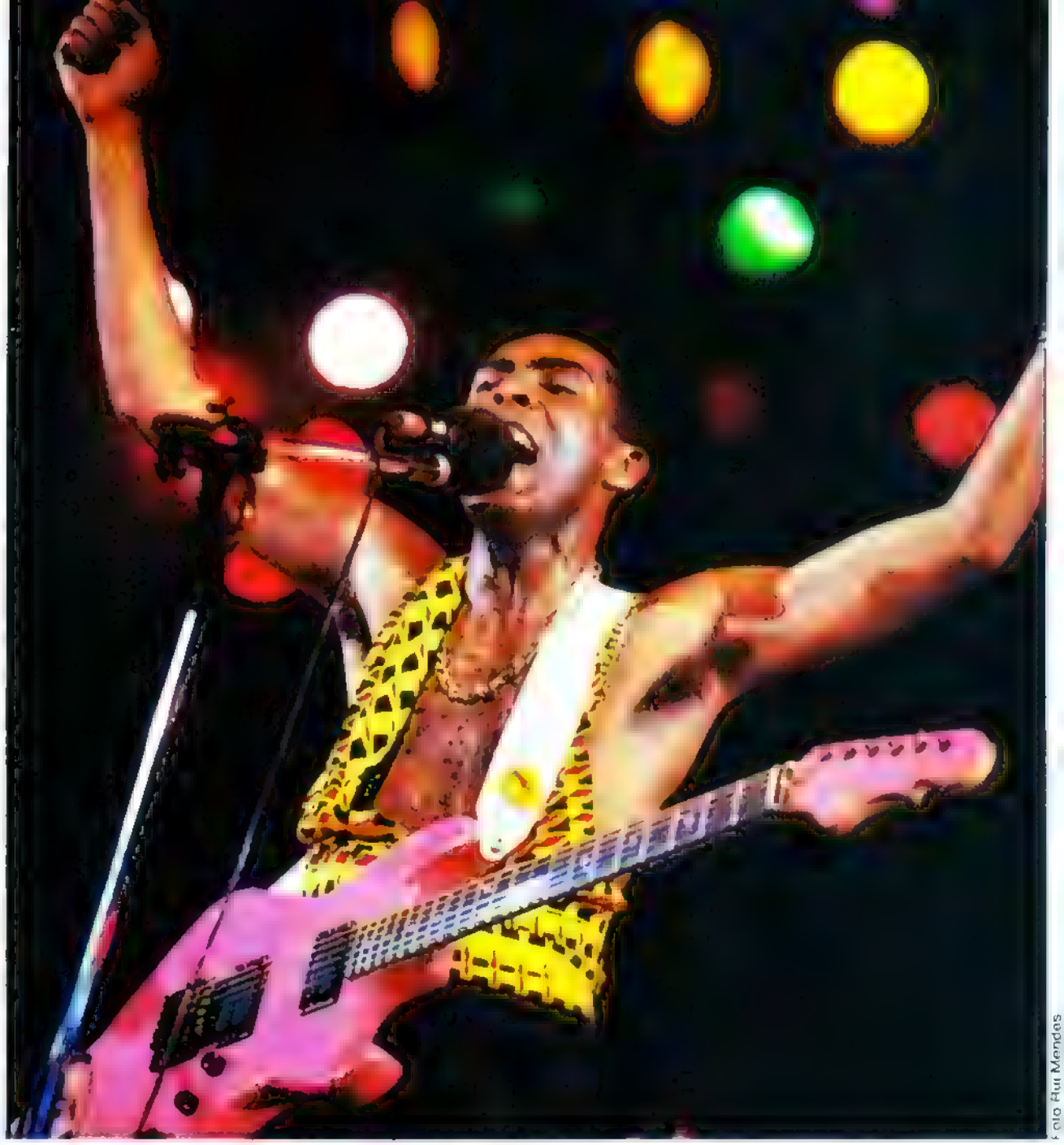
Arrepiante. Nada melhor para definir uma semana que matou a saudade de muita gente e conseguiu saciar a sede de todos os gostos. Durante seis dias o público paulista pôde ver, de uma enfiada só, Luiz Gonzaga, Jorge Ben, Chico Buarque, Dominguinhos, Luiz Melodia, Roberto Carlos, relembrar os Doces Bárbaros e vibrar com, nada mais nada menos, Raul Seixas, acompanhado pela guitarra do ex-Mutante Serginho Dias. Todos eles comandados por um quarentão que provou, mais uma vez, ser um compositor, intérprete e músico genial.

Mesmo assim, não foi desta vez que o público se viu livre da desorganização. Impaciente, teve todo o direito de ficar nervoso — nenhum espetáculo começou com menos de uma hora de atraso. Mas valeu a espera.

"Dia Dorim Noite Neon", nome do novo LP de Gil, abriu a semana. Os problemas com o som e a platéia pouco animada não atrapalharam o andamento do show. Os músicos mais que competentes e a retomada de sucessos antigos misturados às músicas do disco conseguiram, no fim, levantar e trazer o público para a frente do palco.

Nas outras noites, mesmo não querendo fazer uma retrospectiva, Gil deu uma boa geral nos últimos vinte anos da música brasileira com seus convidados. Alguns tiveram passagens suaves, desapercebidas. Outros estraçalharam.

Chico Buarque, atendendo a um pedido de Caetano Veloso, conseguiu soltar a garganta dos desolados paulistas, enquanto Jânio Quadros era eleito o prefeito da cidade. "Para exorcizar", cantou "Vai Passar", acompanhado por Gil, Caetano e a platéia.



Acompanhado por grandes feras, Gil mostrou ter o mesmo vigor de vinte anos atrás

Bethânia e Gal estrelaram na noite mais concorrida

Gil divide o palco com Caetano, o fominha da semana

Fotos Gera do L. Gomes

Raul Seixas, um homenageado que não constava no programa, dividiu com Erasmo Carlos o cargo de Rei da Noite reservada ao rock e, para o êxtase dos presentes, entrou no palco cantando "Mamãe Eu Não Queria Servir o Exército". Parece que ele já se refez da mágoa de tantos anos (ver matéria na pág. 26).

Tim Maia fez falta, mas Paulinho da Viola, Luiz Melodia e Jorge Ben tornaram a noite de quinta-feira (14) a mais emocionante. "Sinal Fechado", "Juventude Transviada" e "País Tropical", entre outras, fizeram a platéia delirar num dos melhores shows do ano.

O delírio não parou por aí. No sábado, outro ponto alto da semana, os saudosistas que superlotaram o Anhembi voltaram dez anos atrás e cantaram "O Seu Amor" com Gil, Caetano, Bethânia e Gal, os Doces Bárbaros. Para relaxar, abraçaram-se e dançaram ao som de "Detalhes" e "Força Estranha", na voz de Roberto Carlos.

Luísa de Oliveira

TOM JOBIM

O show do ano

Palace (SP) - 7/11/85

Quem é que pode se dar ao luxo de enfrentar uma platéia com um show de quase duas horas e meia, perfilando um hit atrás do outro? E mais: com arranjos e vocais irretocáveis, sem nunca uma nota fora de lugar? E mais ainda: com alguns dos hits vivos na cabeça de todo mundo e cantados de um canto a outro do planeta há mais de vinte anos? Só um gênio absolutamente único, como o venerável Tom Jobim.

Tinha gente na platéia desconfiada com a inclusão, na banda, de três membros da família Jobim (Paulo, no violão, a mulher Ana e a filha Elizabeth nos vocais). Afinal, experiências como esta provaram em outros casos que a coisa não foi além mesmo do nepotismo. Mas esta gente deveria saber de antemão que Jobim nunca pisaria na bola. No show *Terra Brasilis*, a família ajudou a amarrar a intimidade à competência num espetáculo que foi, para mim, o melhor do ano nestas plagas.

A emoção e as vozes na platéia cantando em uníssono rolaram nas antológicas "Garota de Ipanema", "Desafinado", "Chega de Saudade", "Samba de uma Nota Só", "Corcovado", "Luíza", "Águas de Março".

Depois de passar um tempo mergulhado no rock nacional e internacional das FMs e de ver sucessos nacionais fora da área restritos à choramingueira das trilhas de novela, o que se viu em *Terra Brasilis* foi um arrepiante reencontro com a melhor brasilidade. Com o ritmo e a riqueza harmônica resgatados pela força das músicas e pela inusitada formação da banda, que criou uma sonoridade própria aliando o cello de Jacques Morelembaum ao baixo do experimentadíssimo Tião Neto. Inesquecível. Que Tom volte sempre. *J.E.M*

Foto Rui Mendes

Tom, um gênio único num show inesquecível

METRÔ

Foto Angelo Pastorello

Virginie correndo de um lado ao outro, mostrando muito fôlego

Pop a toda prova

Esporte Clube Pinheiros (SP) - 08 e 09/11/85

Todo mundo conhece o Metrô, o grupo "do coração ligado, *beat* acelerado", música que reinou nas FMs durante todo ano de 85 e, também, ponto alto desse supershow armado no Clube Pinheiros. Acompanhados por uma platéia de agudíssima voz — que denunciava a grande massa de jovens de doze a quinze anos —, o Metrô deitou e rolou.

O show começou com um laser envolvendo toda banda em forma de cone. Esta soltou a parafernália sonora, mandando-os ao espaço com as estrelas. Traindo todas as expectativas, Virginie (vocal) atacou, do outro lado do palco, a romântica "Olhar".

Delírio geral, agradáveis surpresas. Sua voz, mais ousada e eficiente, arriscou, ainda, alguns *roucos* de garganta. E ela apostou num novo ingrediente: uma pitada de pantera meio brava. Venceu, deliciando a platéia que não resistiu a certa altura um garoto de uns treze anos subiu ao palco e tascou-lhe um beijo. Fora o bis, veementemente pedido e que rendeu mais três sucessos do grupo: "Ti-Ti-Ti", "Beat Acelerado" e "Olhar".

O pior de tudo foi a história do rock, apresentada antes do show. O Metrô foi logo avisando: "Não temos nada a ver com isso". Para se ter uma idéia, Bowie e James Dean no máximo apareceram. Iggy Pop e muitos outros foram literalmente ignorados. Alô, produtores, informem-se!

Apesar destas falhas, compensadas pela competência do Metrô, tudo transcorreu como o esperado: louros garantidos para este grupo que lidera a bandeira do rock sem muitas pretensões, na medida exata do sucesso. *S.M*

GOONIES

Descobertas e muitos sustos da turma na trilha do tesouro

Fotos Warner Bros

Uma turma da pesada. Spielberg produzindo e acompanhando tudo de ponta a ponta. Richard Dooner, o mesmo de *Super-Homem*, dirigindo. E Chris Columbus, de *Gremlins*, como autor da história.

Só podia dar no ataque visual de *Goonies*. Mais uma vez, como em *E.T.*, um bando de crianças comanda a ação, frente a adultos vencidos por novidades e fantasias que não podem ou não querem entender. A fantasia, porém, pende mais para o lado de um *Tom Sawyer*, com um bando de semi-adolescentes de uma cidadezinha do interior correndo atrás de um tesouro do século XVII, na tentativa de salvar a área onde moram com suas famílias de classe média da gula da especulação imobiliária.

A vizinhança não pode ser destruída para ser transformada num apêndice de um clube de campo. O esquadrão junta personagens típicos, como o líder Mikey (Sean Austin), o espertinho Mouth (Corey Feldman), o gordinho Chunk (Jeff Cohen) e o garoto high-tech Data (Ke Huy-Quan). Aliados aos mafiosos Fratellis, uma família de duvidosa reputação, mergulham atrás do tesouro do pirata One-Eyed Willie.

Mergulham mesmo, num cenário subterrâneo tomado de efeitos especiais, e em perseguições e escapadas de tirar o fôlego, no gênero alucinante de *Indiana Jones*.

Na trilha sonora, Cyndi Lauper ("Goonies are Good Enough"), REO Speedwagon, Philip Bailey e Bangles. *J.E.M.*

EM CARTAZ

O MUNDO FANTÁSTICO DE OZ

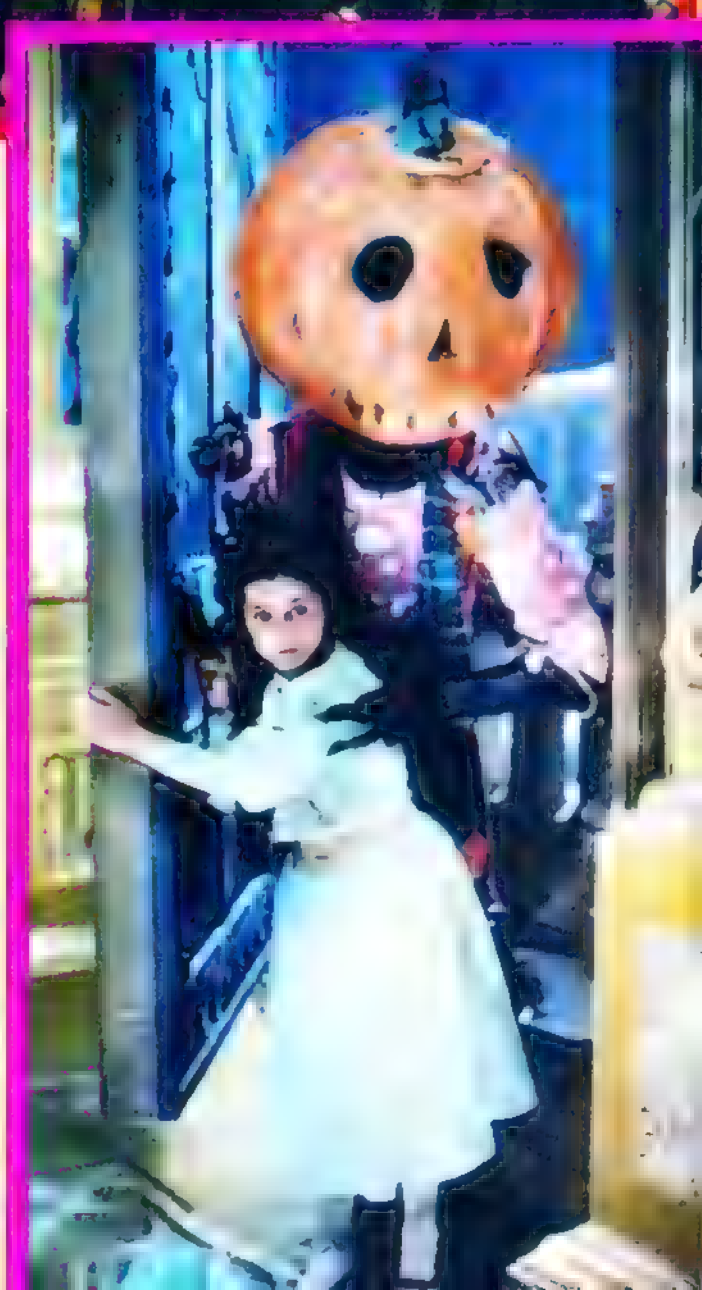
As maravilhas do reino de Oz. À direita, Dorothy (Fairuza Balk) e o Cabeça de Abóbora

A menina e a galinha falante

Era uma vez um imaginoso senhor L. Frank Baum, eventual ator shakespeareano, que, na hora da historinha improvisada com que habitualmente divertia os dois filhos pequenos, deu com o olhar em uma gaveta de arquivo, de O a Z. O-Z, Oz, um reino mágico. E era uma vez um filme, com roteiro adaptado dos muitos livros que o bom Frank acabou escrevendo, que fez o encanto de toda uma geração de pirralhos. E de muito marmanjo.

O Mágico de Oz, o filme, foi lançado em 1939. Mas quem, ainda hoje, nunca ouviu falar do Homem de Lata, do Espantalho e do Leão Covarde? Pois eles estão de volta em *O Mundo Fantástico de Oz*, com a pequena Fairuza Balk substituindo Judy Garland no papel de Dorothy. Que, de quebra, conta com amigos novos, como Billina, a galinha falante, e o robô Tik Tok.

Os responsáveis pelo brinquedo novo são o diretor Walter Murch e os Estúdios Disney (o original era da Metro). A música é de David Shire. O velho filme mudou a linguagem dos musicais da época, integrando mais as canções — cada número fazendo avançar, e não *tropeçar*, o roteiro. Ao som da Orquestra-de-Lugar-Nenhum (aquela música que invade a cena e põe os atores a cantar sem mais nem menos, lembra?), as boas-vindas para a volta dos musicais. E para a estréia cinematográfica da encantadora Fairuza *A.A.*



Fotos Walt Disney Productions

ROCK ESTRELA

Com o lançamento de *Beth Balanço* e *Tropclip*, o Brasil parecia atrelar-se de vez à linhagem de filmes "rock" vigente nos EUA — um amontoado de sucessos assinados pelas estrelas do dia na trilha sonora, e a linguagem visual emprestada aos clips. A franca maioria desses filmes, de *Flashdance* a *Fotloose*, não passava de peça promocional para vender o disco com a trilha. E seus filhotes caboclos iam na mesma linha: uma sucessão de clips bem-fotografados, mas amarrados por um roteiro indigente e, o pior, repleto de diálogos *prafrentex* (roteiristas quarentões querendo pôr diálogos "jovens" na boca de uma geração que não é a deles).

Mas Lael Rodrigues, o diretor de *Beth Balanço*, foi um passo adiante em seu novo filme, *Rock Estrela*. Associou Luiz Carlos Góes (letrista de Eduardo Dusek) ao time de roteiristas, adicionou ao elenco os histriônicos Tim Rescala, Andréa Beltrão e Guilherme Karam, poliu a veia humorística de Diogo Vilela (aqui no papel-título) e acabou fazendo um filme mais digerível que o anterior.

Rock é violinista e mora com o pai, cônsul em Buenos Aires. Depois de 10 anos volta ao Rio, para o apartamento do primo Tavinho (Léo Jaime), que é líder de uma banda de rock. Na Argentina ele deixa a namorada Graziela (Malu Mader). No Rio, acaba se envolvendo com uma jogadora de vôlei (Vera Mossa em pessoa) e com a garotada do rock. Entra então em um processo de mudanças pessoais e musicais que o acabam transformando em saxofonista e arranjador de rock, numa clara reprise do final de Beth Balanço.

Teria Lael Rodrigues se plagiado? Quase isso — mais uma vez cenas de show são enxertadas despropositadamente a cada 15 minutos de história, em um interminável desfile de bandas brasileiras (Metrô, RPM, Tokyo) e argentinas (La Torre, Virus). Mais uma vez o protagonista "vence", virando astro de rock. Mais uma vez dá saudades da MTV, cujos videoclips são melhores em criação e edição do que 80% desses clips cinematográficos. Só que agora o filme diverte, graças aos diálogos inteligentes e, sim, jovens de verdade, críveis. E muito engraçados. *J.E.R.*

Malu Mader, Diogo Vilela e Vera Mossa Foto Marcelo Jesurun

O CALDEIRÃO MÁGICO

Mais uma dos Estúdios Disney: seu vigésimo quinto longa-metragem de animação entra em cartaz nestas férias. *O Caldeirão Mágico* é uma fantasia épica baseada nas *Crônicas de Prydain*, do escritor Lloyd Alexander, cujos cinco livros investem na linha do *Senhor dos Anéis* de J.R. Tolkien.

O herói é o jovem Taram, em luta com o Rei de Chifres pela posse do tal Caldeirão. Não faltam a bela princesa (Ilone), as feiticeiras birutas (Olgina, Orvina e Ondina) e uma infinidade de animais e criaturas, com destaque para o pequeno Gurgui.

Os diretores Ted Berman e Richard Rich, dois veteranos disneyanos, optaram por utilizar as modernas técnicas de animação computadorizada para as seqüências mais complexas, mas fizeram mesmo um bom desenho à antiga, onde todas as fases da produção já somaram doze anos (!) de trabalho.

O Caldeirão Mágico passa no Brasil em versão dublada, uma exigência do público infantil. Sorte que temos uma tradição de grandes dubladores, ou não seria fácil substituir vozes à altura das de John Hurt e John Huston. Eles, na versão original, faziam o Rei mau e o narrador. *A.A.*

Fotos Walt Disney Productions

VISUAL

CLIP

Foto Cortesia EMI Odeon

ELES FAZEM SEUS PRÓPRIOS VÍDEOS

E ainda ganham prêmios! É o caso de David Byrne e do Eurythmic Dave Stewart. Um dossiê de

José Emilio Rondeau

Já se foi o tempo em que os astros de rock eram impiedosamente manipulados por suas gravadoras e por seus empresários. Desde a tarde histórica em que Ringo Starr foi substituído por um músico de estúdio mais capaz para que os Beatles pudessem gravar seu primeiro compacto, "Love me Do", muitas águas já rolaram e a maioria dos artistas passou a exercer um controle cada vez maior sobre sua carreira.

Isso já ocorrera na área fonográfica — sob a forma de selos próprios (como é o caso dos Rolling Stones, por exemplo) ou sob a forma de contratos ultravantajosos para o artista — e na área de turnês — cada vez menos intermediários emagrecendo os lucros dos artistas. Agora foi a vez dos videoclips.

Como nos anos 60 e 70 o que hoje chamamos de videoclip não passasse de peça promocional (e, portanto, um trabalho entregue ao departamento de propaganda e marketing), raramente ou nunca o artista tinha noção do que se tratava. E não interferia em sua feitura. Restringia-se a ficar diante de uma câmera e dublar seus futuros hits. Aos poucos os artistas foram começando a querer exercer controle sobre estas imagens que vendiam mú-

O cabeça pensante das "Cabeças Falantes", Mr. Byrne, entrou para a Galeria da Fama da MTV ...

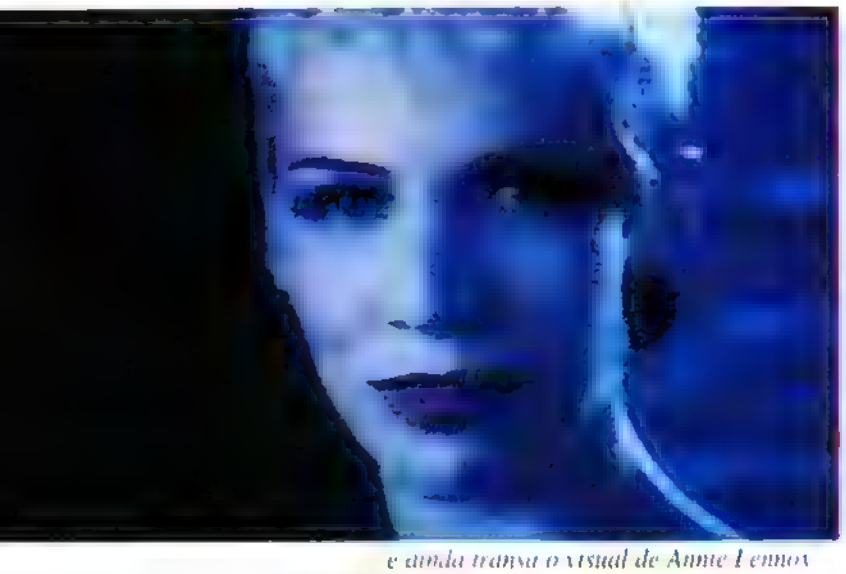
... por clips como "And She Was" (foto superior) e "Road to Nowhere" (foto inferior)

Fotos Angelo Pastorello

sica. E, além de compor, começaram a querer eles mesmos dar imagens aos sons que criavam

Um dos primeiros grupos a se dedicar às imagens musicais foi o Led Zeppelin, liderado a mão de ferro pelo despótico Jimmy Page. As cenas de ficção do filme *Rock É Rock Mesmo (The Song Remains the Same)* não chegaram às telas do mundo inteiro antes de ter passado pelo crivo exigentíssimo de Page. O Queen, também, outro exemplo típico da banda de rock absolutamente dona de seus narizes, sempre se envolveu com a feitura de seus então

Stewart dirige o melhor clip de Dylan



e ainda transa o visual de Annie Lennox

chamados promovídeos. Mais tarde, Michael Jackson estava colaborando com o diretor John Landis na realização de "Thriller". Michael interferiu em tudo e só sossegou quando o clip estava editado e sonorizado.

Mas hoje em dia a coisa chegou a tal ponto que os próprios artistas criam e *dirigem* seus clips. Normalmente auxiliados por co-diretores meramente técnicos, os artistas roteirizam, dirigem e editam clips seus (como é o caso de David Byrne, do Talking Heads) ou de outros artistas (como fez o Eurythmic Dave Stewart para Bob Dylan)

Roqueiros diretores não são tão novidade assim. David Bowie está aí mesmo para provar isso. Desde o clip de "Heroes" ele vem colaborando com o diretor de TV David Mallet numa série de clips antológicos que levam a assinatura Bowie da concepção ao figurino, passando por luz, cenário e enquadramento. Até mesmo no badaladíssimo "Blue Jean", que içou o precoce diretor Julien Temple à categoria de celebridade, Bowie foi creditado pela criação. O resultado deste envolvimento integral com todos os aspectos da veiculação de seu trabalho acaba sendo um controle absoluto sobre sua obra

Provavelmente com isso em mente, David Byrne passou a cuidar pessoalmente de seus clips. Não que eles deixassem a desejar — pelo contrário, os vídeos do Heads sempre primaram pelo humor e pelo inesperado, duas características raras no repetitivo universo clip. Mas com Byrne no comando os clips mais recentes da banda adquiriram uma inédita relação orgânica com a música que visualizam. Basta uma olhadela em "Road to Nowhere", "And She Was" e "The Lady Don't Mind" para constatar que Byrne está tão a vontade detrás como na frente das câmeras. Todos estes clips são exercícios em vanguarda tecnológica de vídeo e, como tal, são imperdíveis e dificilmente superáveis. O primeiro, por exemplo, emprega a técnica de *stop-motion* outrora usada para animar monstrengos em filmes classe B nos anos 60. Deste modo, cada quadro da película é filmado separadamente e, em cada um, os elementos usados na cena (um King Kong em miniatura, por exemplo) vão sendo "movimentados" na ação para dar uma impressão de movimento próprio real. Em "Road to Nowhere" Byrne fez *stop-motion* com *ele mesmo* — sentado numa espécie de trono, ele canta a estrofe final da música literalmente quadro a quadro, dando um aspecto quase sobrenatural a uma cena inicialmente banal.

No clip de "And She Was" Byrne usou a mesma técnica de vídeo que mistura *computer graphics* e xerox colorida usada por Hans Donner na abertura d' "Os Trapalhões" e, mais uma vez, lançou mão do *stop-motion*. Já em "The Lady Don't Mind" ele optou por uma superposição de elementos coloridos isolados e cenas completamente em preto e branco. De lambuja, aplicou "máscaras" de vídeo como poucos mestres do cinema conseguem fazer. No caso, imagine uma cena em que quatro pessoas rodopiam a toda velocidade, indiferentes a um único integrante da banda que dança, entre eles... em *slow motion!* Isso só é possível com essas "máscaras" — na verdade, cada uma das duas cenas (os rapidinhos e o lentão) foi gravada separadamente. Mais tarde, na edição, cada uma rodou numa velocidade diferente, as duas foram superpostas e "mascaradas" para uma não "esbarrar" na outra

O resultado final dos clips dirigidos por Byrne mostra que, na maioria das vezes, ninguém melhor que o próprio artista para saber *o que te como)* empregara visualmente em suas músicas. Ou,

O computador gráfico serve de base a muita invenção

no caso de Dave Stewart, nas músicas de seus colegas

Dave começou dirigindo clips para a dupla que mantém desde 1981 com Annie Lennox, Eurythmics. Estreou com o simples mas energético clip de "Would I Lie to You" um ao vivo de mentirinha absolutamente quente e cativante — e chegou ao engraçado "There Must be an Angel", no qual Dave dá uma de Salieri para cima do Amadeus feminino de Annie. Depois disso, uniu-se a seu velho ídolo Bob Dylan para criar e dirigir o melhor clip de sua carreira e da carreira de Dylan, o urgente "When the Night Comes Falling from the Sky". Aqui, rodeado por uma banda que inclui o próprio Stewart na guitarra, pela primeira vez Dylan parece à vontade na frente das câmeras, detonando seu melhor rock and roll em cinco anos.

Se essa tendência vingar, é bem provável que a qualidade geral dos clips melhore. Afinal, se a coisa sair mal, o artista não terá ninguém que possa culpar

MANCHETE
FM
RÁDIO
ENERGIA
Rio 89,3 - São Paulo 91,3 - Brasília 97,7
Salvador 104,7 - Recife 94,3.

SEXO EXPLÍCITO

Nem só de clubes, esquinas, corações e estudantes vive Minas.

Por *Arthur G. Couto Duarte*

Roberto, Rubinho, Rogério e Mário

A constatação do óbvio — a rapaziada mineira está farta da naftalina, do roça'n'roll de um certo clube ali da esquina. Mas não estamos aqui para incensar os mortos. O que realmente interessa é pontuar 1983 como ano I da renascença do rock nacional não só para o eixo Rio—SP. Também Minas efervesceu com um punhado de grupos das mais diversas tendências. E o mais celebrado deles é, com toda justiça, o Sexo Explícito.

Aconteceu quando alguns egressos do grupo Cemflores — um misto de antropofagia revisitada, poesia mimeógrafo e performance — resolveram enveredar por uma nova trilha. Sem alarde, Marcelo Dolabela (textos), Rubinho (vocal e casiotone) e Roberto Nosso (guitarra) estrearam em Belo Horizonte, deixando a platéia diminuta totalmente perplexa. Desferiam o primeiro golpe na ingênua mineiridade

Dificuldades imediatas, como técnica incipiente, aparelhagem insuficiente e palcos improvisados, são postas para escanteio. Garra é o que não falta a eles, e logo seduzem outras cabeças: John, guitarrista de poucas palavras, dono de um fraseado letal e particularíssimo; Mario e seu baixo de matizes negras; Rogério a martelar sem piedade tambores e pratos. Um quarteto vocal impecável permaneceria algum tempo, com Gato Jair e as sensuais Patrícia I e II e Silma.

Nos shows, a meninada estraçalha os tímpanos incautos com funks, marchinhas, hinos tropicalistas e R&B iêiêiêzados. Puro deboche. Insolência sem limites. O humor se radicaliza em letras avassaladoramente corrosivas; nada a ver com o humor *prêt-à-porter* dos grupelhos que infestam as FMs da vida

As atenções voltam-se para Rubinho Troll, impetuoso, dono da língua mais ferina das Gerais. Alguém poderá achar engraçado o John quase estático lá em cima, aparentemente alheio ao espetáculo. Mas o riso ficará atravessado na garganta quando sua guitarra rasgar o espaço, com um riff meteórico. Rogério maneja sua betoneira com eficiência inumana enquanto Mário segura o que vier. Cai o pano

NESS

Um guitarrista e um baterista querem atacar todos os ritmos.

Sônia Maia ouviu para crer

A nova safra não pára de procurar novos casamentos instrumentais. É o caso deste grupo, intitulado Ness, que começou seu trabalho à base de guitarra e bateria (Fernando e Walter).

A primeira apresentação do grupo foi em 84, quando abriu um show do "fatídico" — nas palavras de Walter — N.º 2 e do Fellini. Nesta época já contavam com Carlinhos no baixo. Mas ele casou e, enquanto músico, procurava resultados mais imediatos. Continuaram Walter e Fernando na base guitarra e bateria e assim montaram um repertório com quinze músicas

De repente, veio um convite para gravar duas faixas na coletânea *Não São Paulo*, editada pelo selo Baratos Afins. Mas, e o baixista? Convidaram Beto, do extinto Zero, que participou apenas da gravação.

Escolheram as músicas "M.R.O." e "Adeus Buck Rogers" para a coletânea. Puxam para o pop, que ganha cor com os contra-ritmos de Walter e os solos marcados de Fernando.

Mas o problema do baixo continuou. Carlão tinha acabado de sair do U.H.F. e, há dois meses, Walter disse a ele que estava atrás de um baixista. Sem pestanejar, topou entrar para o Ness. Afinal, "éramos todos amigos", conta ele.

Carlão está nos palcos paulistas há seis anos. Começou com o punk, tocou na Condutores de Cadáveres e passou, mesmo que raspando, por grupos como o de Itamar, Ultraje, Rosa de Luxemburgo... A entrada dele trouxe para o Ness a estrutura que faltava. E Walter diz: "Você pode trabalhar com tudo jazz, funk, soul... queremos vários ritmos".

Foto Rui Mendes

RED HOT CHILI PEPPERS

Malucos beleza caem de boca no funk. *José Emílio Rondeau* traz a camisa-de-força

Pimentões picantes vermelhos em brasa no ar

Foto EMI-Odeon

Uma mistura de Três Patetas, Jimi Hendrix, James Brown, Sly Stone e os Irmãos Marx. Isto é rock'n'roll? Pode apostar que sim — um quarteto californiano de brancos funkeiros e rapistas cujos shows começam sob um balanço demolidor e terminam, invariavelmente, em strip-tease. A alcunha das peças? Red Hot Chili Peppers

Adorados pela crítica, odiados pelas rádios e longe de ameaçar a popularidade de Bruce Springsteen, os quatro maluquetes que formam o Red Hot — o cantor e ex-ator Anthony Kiedis (veterano de comerciais de Coca-Cola), o guitarrista Hillel Slovak, o baterista Cliff Martinez e o baixista Flea (um legítimo aborígine de quarta geração) — são hoje o que há de mais radical em termos de funk *hardcore* branco. Seu segundo álbum, *Freaky Styley*, juntou o delírio cósmico e a sabedoria funk do produtor George Clinton à cachoeira de pura adrenalina que transborda de cada nota tocada pelos Peppers. O vinil resultante é tão debochado e subversivo quanto o melhor da música californiana dos anos 80, só perdendo em energia para os explosivos shows da banda

Chamar os Peppers de banda talvez seja até meio despropositado Apesar da inegável musicalidade dos quatro (de fazer roer de inveja o Spandau Ballet, mas sem o glacê), os Peppers são mais um *agit-prop* do que qualquer outra coisa. No primeiro show que fizeram, em 1983, tocaram *uma* música. No segundo, tocaram *duas* músicas. De lá para cá, o repertório engordou, mas ficou o *grand finale* daquela primeira noite: todos nus, com meias cobrindo os respectivos pintos. Nas palavras de Flea (pulga, em inglês), "nós queremos é fazer zona!"

LOVE AND ROCKETS

Um Bauhaus sem o vampirão cantor Peter Murphy? *Alex Antunes* traz o alho e diz que não

Você se lembra da abertura do filme *Fome de Viver*, com um show do Bauhaus? A banda acabou; Love and Rockets é seu filhote, com David Jay, Daniel Ash e Kevin Haskins, respectivamente baixista, guitarrista e baterista em ambos os grupos. Mas o caminho de um ao outro não foi nada direto. Haskins e Ash estiveram na banda Tones on Tail, completada por Glenn Campling. Jay virou "J", passou pelos Sinister Ducks, Jaywalkers, Jazz Butcher e outras parcerias, prometendo inclusive nunca mais ter um grupo fixo.

Os traumas, percebe-se, foram muitos. Com a imprensa, em especial, que tinha má vontade para com o Bauhaus em geral e descaso para com os três, em particular. Com Peter e toda a teatralização que os envolvia, amarrando-os a um certo *tipo*.Sem acusações:"Peter é um *frontman* brilhante", com as vantagens e desvantagens que isso acarretou.

O futuro é Love and Rockets, uma banda que filtra um certo otimismo em suas canções. Por que isso (e a referência é sempre o *cavernoso* Bauhaus)? "Não é nada planejado, é algo que vem através da nossa música, uma tentativa de 'levantar' as pessoas." Como U2 e Big Country? "Não, a diferença entre nós e esse tipo de banda é que eles cultuam um lance coletivo; nós queremos nos comunicar mais com o indivíduo. Não estamos interessados em nacionalismo ou agitar bandeiras."

A julgar pelas críticas ao primeiro LP do grupo, *Seventh Dream of Teenage Heaven*, as relações com a imprensa não vão melhorar muito: o som deles está sendo rotulado de subproduto do psicodelismo dos anos 60, "memória distorcida de coisas que realmente nunca aconteceram" *(Melody Maker)*. Mas o velho Bauhaus já enveredava por aí. E os rapazes assumem as influências, ainda que pretendam atualizá-las. Bela Lugosi morreu, mas Jim Morrison está vivo, Marc Bolan está vivo...

Quem gosta de acampar, já pode pegar a nova edição do Guia Quatro Rodas **Camping** 86 e sair por aí.

O Guia está mais completo e com todas as dicas atualizadas.

Classificação inédita.

Nesta edição você encontra 649 campings em 263 cidades.

O Guia pesquisou e classificou todos eles.

Informa as condições e qualidade das instalações de cada um.

E todos os serviços que oferecem para seu conforto.

O mapa da mina.

O Guia apresenta todos os mapas de acesso às áreas de camping.

Classifica com estrelas os passeios e atrações que merecem ser vistos nas cidades.

Mostra todos os roteiros de viagem para a praia, montanha, estâncias e cidades históricas.

Tem também sugestões para você acampar nos fins de semana.

Acampe tranqüilo.

O Guia traz todas as dicas para você acampar melhor: com trailer, com barraca, de moto. O que levar, primeiros socorros, bichos, cuidados com as crianças, cozinha.

Indica endereços onde comprar, alugar ou consertar equipamentos de camping e muito mais.

Desta vez, o Guia vem com uma surpresa para você: o "Guia do Pescador", para você aproveitar melhor suas pescarias.

Com sugestões que vão até o Pantanal, o Amazonas e o Araguaia.

Grátis: O melhor mapa do Brasil. Guia Quatro Rodas **Camping** 86. O seu companheiro de camping.

GUIA QUATRO RODAS

Grátis: Um Repelente Autan.

Ja nas bancas.

EDITORA ABRIL

O Camping Descomplicado.

TESTE AQUI SE VOCÊ PRECISA DO ALMANAQUE ABRIL 86, OU NÃO.

1. Quando nasceu o primeiro bebê de proveta brasileiro?
(resposta na página 15 do Almanaque)

2. Quem introduziu o café no Brasil?
(resposta na página 105 do Almanaque)

3. A pequena ilha do Pacífico, Nauru, tem uma das mais altas rendas per capita do mundo.
Por que?
(resposta na página 410 do Almanaque)

4. Qual foi o primeiro papa a sair da Itália neste século?
(resposta na página 497 do Almanaque)

5. Quais os países com área superior à do Brasil?
(resposta na página 608 do Almanaque)

6. Qual o período mais propício para observação do Cometa de Halley no Brasil?
(resposta na página 622 do Almanaque)

7. A primeira vez que o Brasil participou de uma eliminatória para a Copa do Mundo foi em 1954.
Por que?
(resposta na página 742 do Almanaque)

8. De maio de 1984 a maio de 1985 o índice de preços ao consumidor no Brasil cresceu 194,93%. Entre os grupos: alimentação, habitação, vestuário e transportes, qual aumentou mais?
(resposta na página 714 do Almanaque)

Se você não conseguiu responder todas as perguntas, não se preocupe. O Almanaque Abril 86 responde para você.

Afinal, ninguém possui memória de computador para guardar todas as informações de uma grande enciclopédia.

ALMANAQUE ABRIL'86.

Uma grande enciclopédia em apenas um volume.

São 800 páginas abordando desde História do Brasil e Universal a Economia, de Astronomia a Agropecuária, de Religião a Esportes, todos os países do mundo e muito mais.

EDITORA ABRIL

LETRAS

MADONNA

LIKE A VIRGIN
(Steinberg/Kelly)

I made it through the wilderness
Somehow I made it through
Didn't know how lost I was
Until I found you

I was beat
Incomplete
I'd been had, I was sad and blue
But you made me feel
Yeah, you made me feel
Shiny and new

(refrão)
Like a virgin
Touched for the very first time
Like a virgin
When your heart beats next to mine

Gonna give you all my love, boy
My fear is fading fast
Been saving it all for you
Cause only love can last

You're so fine and you're mine
Make me strong
Yeah, you make me bold
Oh your love thawed out
Yeah, your love thawed out
What was scared and cold

(refrão)

Oooh, oooh, ooooh
You're so fine and you're mine
I'll be yours till the end of time
Cause you made me feel
Yeah, you made me feel
I've nothing to hide

(refrão)

Like a virgin, ooh, ooh
Like a virgin
Feels so good inside
When you hold me
And your heart beats
And you love me

Oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh
Ooh, baby
Can't you hear my heart beat
For the very first time?

COMO UMA VIRGEM
(Steinberg/Kelly)

Consegui vencer a selva
De alguma forma consegui
Não sabia o quão perdida estava
Até que encontrei você

Eu estava acabada
Incompleta
Tinha sido usada, estava triste e blue
Mas você fez com que eu me sentisse
Novinha em folha

(refrão)
Como uma virgem
Tocada pela primeira vez
Como uma virgem
Quando seu coração bate perto do meu

Vou dar todo meu amor a você, garoto
Meu medo está desaparecendo rápido
Estive me guardando para você
Porque somente o amor pode durar

Você é tão legal e é meu
Faça-me forte
É, você me faz ficar audaciosa
Oh, seu amor extraiu de mim
Tudo que era medo e frio

(refrão)

Oooh, oooh, ooooh
Você é tão legal e é meu
Serei sua até o fim dos tempos
Porque você faz com que eu me sinta
Você faz com que eu me sinta
Como se não tivesse coisa alguma
para esconder

(refrão)

Como uma virgem, ooh, ooh
Como uma virgem
É uma sensação tão boa
Quando você me pega
E seu coração bate
E você me ama

Oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh
Ooh, baby
Será que você não ouve meu coração
batendo
Pela primeira vez?

© Copyright 1984 Billy Steinberg Music/ Denise Barry Music Direitos cedidos para o Brasil à Edições Intersong Ltda. e WEA Discos Ltda. (Divisão Editorial).

Foto Star File / Stills

DISPENSE OS ÓCULOS!

Essa história de usar óculos ou lentes de contato por obrigação, não está com nada. Óculos é acessório e ponto final!
Ligue-se nessa idéia, conheça o método do médico norte-americano Dr. Bates e passe a enxergar longe e muito bem.

SEM CIRURGIAS, LENTES OU APARELHOS...

Baseado em exercícios de yoga, simples e sem necessidade de instrutor, você mesmo aplica o método natural de recuperação da visão perfeita. O método do Dr. Bates ensina você a fazer leves massagens faciais e aplicativos fáceis de técnicas de acupuntura.
Nada de produtos químicos ou remédios, cirurgias, lentes ou aparelhos! E eliminando os problemas da visão, você também acaba com os efeitos colaterais, como dores de cabeça, cansaço mental, irritações nos olhos e todas aquelas coisas que só servem para acabar com o nosso bom humor.

EXPERIMENTE!
ENVIE HOJE MESMO O SEU PEDIDO!

GARANTIA!
Teste o método do Dr. Bates por 60 dias!
Se você não ficar inteiramente satisfeito, nós devolvemos a sua grana integralmente, sem perguntas de qualquer espécie!

CUPOM PARA 60 DIAS DE TESTE GRATUITO A SER ENVIADO A:
Distribuidora Fratelli - Caixa Postal 2608 - CEP 20001 - Rio de Janeiro - RJ.

☐ SIM, sua oferta para um teste gratuito do método do DR. BATES me interessa. Fica entendido que deverei notar nítidas melhoras já a partir do primeiro mês. Caso isso não ocorra, terei 60 dias para devolver e receber todo o meu dinheiro de volta (menos as despesas postais e de reembolso), o mais tardar 5 dias após terem recebido minha devolução. Sob esta garantia, queiram enviar-me o método do DR. BATES pelo qual estou enviando:

☐ Cheque ☐ Vale Postal
no valor de Cr$ 64.130 + Cr$ 6.850 para as despesas de remessa, ou seja, um total de Cr$ 70.980.

☐ Prefiro pagar ao retirá-lo no correio (reembolso postal) ao preço de Cr$ 78.000 mais Cr$ 9.970 para as despesas de remessa.

NOME _____
ENDEREÇO _____
CIDADE _____
CEP _____ ESTADO _____
(favor preencher à máquina ou em letra de forma)

B.22.06

JEAN-LUC PONTY

A trajetória do violino no planeta da eletricidade

Filho de um professor de violino, Ponty optou pelo jazz-rock

Considerado o reintrodutor do violino no jazz contemporâneo, Jean-Luc Ponty desenvolve um trabalho que tem muitos contatos com o rock progressivo, daí a sua popularidade entre os roqueiros. Nascido na França (Normandia), Ponty sempre esteve envolvido com a música. O pai era professor de violino e a mãe ensinava piano. Ele aprendeu os dois instrumentos, mas foi através do violino que despontou para o mundo. Formado pelo Conservatório Nacional de Música, em Paris, aos 17 anos, ele esteve envolvido com a música clássica até os 21 anos. É por esse período que começa a despertar para o jazz, inicialmente influenciado por um conterrâneo seu, Stephane Grappelli — violinista do guitarrista cigano Django Reinhardt nos anos 30 e 40 e até hoje em atividade. Aos poucos Jean-Luc iria criando um estilo próprio, a partir de seus estudos clássicos e de toda uma procura de novas sonoridades. Ele foi um pioneiro nas experiências do violino elétrico, e no final dos anos 60 seria "descoberto" pelos americanos. Trabalhou com George Duke, John McLaughlin e num dos melhores álbuns de Frank Zappa, *Hot Rats*.

A partir de 1973, radicado nos Estados Unidos, ele iniciaria sua carreira solo. O primeiro disco, *Upon The Wings Of Music*, é de 75, e o marcou junto a diferentes platéias. Até hoje sua música mantém a mescla de variadas informações e Ponty não se preocupa com rótulos: "Eu entendo que os críticos necessitem de uma definição, mas é uma coisa difícil, porque uso muitos elementos, do jazz, rock, música progressiva e erudita, e procuro extrair dessa mistura uma sonoridade própria. De qualquer forma, a música deste século é muito marcada pelo ritmo afro e o uso da tecnologia".

Conversando sobre a recente turnê brasileira e os dois shows em São Paulo, há cinco anos, Jean-Luc diz que neste espaço aumentou o seu envolvimento com a eletrônica, incorporando e experimentando tudo de novo que surge na área. Ele também intensificou o uso de teclados: "Sempre escrevi minhas músicas no piano, mas agora tenho trabalhado basicamente com teclados e sintetizadores, nos shows e nos discos, porque completam a minha proposta".

Com a inclusão dos teclados, Ponty pode também dosar melhor seus solos no violino, fugindo um pouco da repetição que marcava anteriormente seus espetáculos. Ele diz que gostaria que o vissem "como mais um no grupo e não um virtuose do violino". Bem, isso já é mais difícil e trata-se, evidentemente, de modéstia do rapaz. Não fosse a maestria com que domina o seu instrumento, não estaríamos aqui falando dele. *A.C.M*

FICHA TÉCNICA

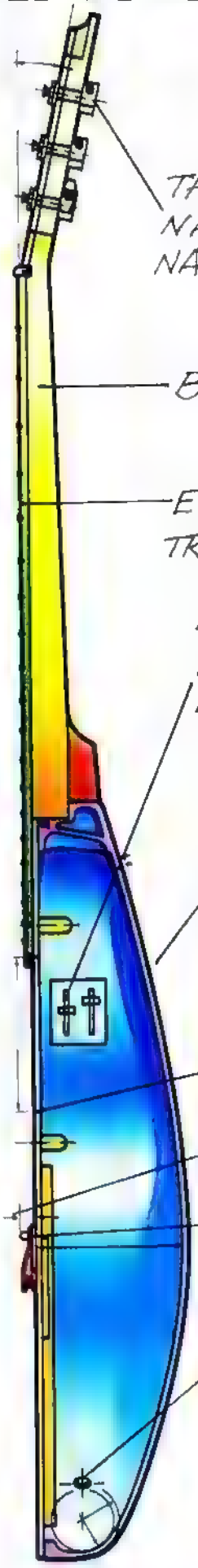
Na turnê de lançamento de seu novo álbum, Fables, *Jean-Luc Ponty está usando um violino Barcus-Berry, com cinco cordas, de corpo oco, com* pick-up *eletrônico, e um Zeta 5 String Electronic Violin, de corpo sólido — aquele branco, de formato um pouco menor, utilizado nos recentes shows pelo Brasil. Enquanto o Barcus-Berry é fabricado em série, em Long Beach, California, o Zeta só é feito sob encomenda, em Berkeley, California. A* performer *Laurie Anderson, por exemplo, também está usando um Zeta que, segundo Ponty, é a última palavra em violinos eletrônicos, podendo soar quadrifônico ou estéreo. Através de um Preamps Effex ele consegue sons de um sintetizador, com a alternativa de até duas oitavas abaixo. Quanto à quinta corda de ambos, em dó grave, permite que combine sons de violino e viola, já que o violino clássico normal tem apenas 4 cordas (em mi, lá, ré e sol). Acoplado aos amplificadores, Ponty também usa um ADA Stereo Tapped Delay, para o efeito de* flanging, *e um Publison Stereo Audio Computer, para efeitos de harmonia, e Echo Delay.*

Ponty também trouxe (mas nos shows no Rio não chegou a tocar) um Barcus-Berry de quatro cordas.

Além dos violinos, Ponty tem intensificado seu trabalho com teclados. Ao vivo ele usa um Prophet 5, com um Polysequencer. E em gravações também utiliza um Synclavier II. A.C.M.

FIBER
new line

FIQUE POR DENTRO DESTE SOM



A Giannini está lançando uma nova linha de violões que você não pode deixar de conhecer: Fiber New Line Eles possuem características técnicas que permitem um resultado final muito superior a maioria de seus concorrentes Os Fiber New Line podem ser tocados tanto acusticamente como amplificados pois foram desenvolvidos de maneira a realizar bem as duas funções. E, com certeza, depois que você conhecê-los por inteiro, não vai tocar em mais nenhum
Fiber New Line — A fibra do som

Você encontra a linha Fiber New Line nas versões Fiber Tone, Cutaway e Slim, nas cores: caixa preta com tampo Red Cedar, caixa café com tampo sunburst e caixa cinza com tampo moonburst. A versão Fiber Tone só é fabricada em caixa preta com tampo Red Cedar

Giannini
O SOM MAIOR

Bianchi, Vieira & Associados

CARTAS E SERVIÇO

CARTAS E SERVIÇO

PROGRESSIVOS

Quero parabenizá-los pelo lançamento desta revista de rock, de textos excelentes e fotos incríveis. Porém, devo alertá-los sobre o preconceito contra o rock progressivo que ronda as páginas da BIZZ. Excetuando um pequeno artigo sobre a presença de Holger Czukay no Brasil, pouco ou nada se falou desse fértil e democrático estilo de rock. Estou, é claro, descontando as críticas imbecis feitas em cima dos discos do Kitaro e do conjunto Marillion.
Fernando Luiz T. de Pinho
Belo Horizonte - MG

BIZZ não pretende, Fernando, cultivar preconceitos contra qualquer tribo do rock. O que queremos, isso sim, é ressaltar as qualidades — sinceridade, garra, inventividade — dos artistas que trazem a público seus discos e shows. Mas nem todo o rock que se faz é bom — boa parte dele, inclusive, é bastante ruim. O progressivo é, sem dúvida, um estilo influente, com bandas da dimensão de um King Crimson, de um Soft Machine, de um Mothers of Invention. Músicos como Robert Fripp, Peter Gabriel, Brian Eno, Peter Hammill e, mais recentemente, Jean-Michel Jarre souberam renovar o interesse de seu som, que se pretende, antes de mais nada, inteligente e criativo. O que é bem diferente de repetir, sempre e sempre, velhas fórmulas do Genesis e do Yes, certo? Por tudo isso, incluiremos sempre na BIZZ matérias com os grandes nomes do progressivo, como faremos com o punk, com o heavy... Veja, neste número, o primeiro LP do King Crimson na coluna Discoteca Básica. E escreva sempre para a gente.

MALDITA

A revista BIZZ, na edição de setembro, ao destacar na reportagem "Receita de uma Rádio de Rock" que o sr. Luiz Antônio Mello é um dos fundadores da Fluminense FM, cometeu erro histórico (...) Ele foi admitido nessa empresa, conjuntamente com o saudoso Samuel Wainer F.º, cabendo-lhes, respectivamente, o cargo de Coordenador de Programação e o de Assistente. Com a saída de Samuel (...) foi composta uma equipe que assessorou Luiz Antônio em toda a sua fase de permanência na empresa. Hoje, essa mesma equipe, liderada por Alex Mariano, continua fazendo o sucesso da Maldita. Com todo o respeito ao profissional que é Luiz Antônio Mello, cremos ser nosso dever prestar tal esclarecimento, aduzindo que o atual proprietário da Rádio Fluminense é o sr. Alberto Torres, que a adquiriu de seu fundador José Dantas F.º, e que, posteriormente, conseguiu a concessão do canal de FM.
Rádio Difusora Fluminense
Niterói - RJ

U2

Gostaria de saber a discografia do U2 e se a WEA vai lançar todos os seus LPs, ou se *Under a Red Blood Sky* significa a junção desses discos.
Marcos Nunes de Melo
Fortaleza - CE

A discografia oficial do grupo é a seguinte, Marcos: Boy *(80);* October *(81);* War *(83);* Under a Red Blood Sky *(83, gravado ao vivo);* The Unforgettable Fire *(84); e o mini LP* Wide Awake in America *(85, também ao vivo).* The Unforgettable Fire, War *e* Under a Red Blood Sky *foram lançados no Brasil este ano. O disco* Boy *foi lançado no Brasil, em 81, pela Ariola, mas já está fora de catálogo. A WEA promete para breve o lançamento de* Wide Awake... *e de* October. *Em todos os discos a formação da banda é a mesma: Dave "the Edge" Evans na guitarra, Bono Hewson nos vocais, Adam Clayton no baixo e Larry Mullen, bateria.*

POSTERS, FITAS, LETRAS...

Quem estiver interessado em trocar letras dos grupos U2, Police, Duran Duran, Tears for Fears e Culture Club, escreva para: **Elizabeth Sacco, av. Ribeiro Dantas, 440, CEP 21870, Rio de Janeiro - RJ.**

Gostaria de trocar posters da Madonna, Police, Scorpions, Beatles e Prince por posters do Duran Duran ou do Power Station. **Fátima A. Azevedo, r. Maringá, 53, j. Sto. Eduardo, CEP 06800, Embu - SP.**

Sou ligadíssimo na Madonna e desejo me corresponder com outras pessoas, de preferência do Estado de São Paulo, para trocar informações e letras de músicas da cantora. **Roberto Takata, av. Laurinda C.M. Freire, 262, CEP 08700, Mogi das Cruzes - SP.**

MÚSICOS

Procuro pessoas que queiram formar conjunto para fins profissionais. Precisamos de instrumentistas que saibam fazer bons arranjos. Já temos vocal e composições próprias. Tratar pelo telefone 236-2585, Rio de Janeiro. **Danielle, Rio de Janeiro - RJ.**

Estou a fim de montar uma banda de rock. Este recado é para os roqueiros de Porto Alegre e imediações. Também gostaria de corresponder-me com fãs de heavy metal e do rock brasileiro, que queiram trocar posters e fitas. **César Augusto P. Anflor, r. Pinheiro Machado, 1481, CEP 95520, Osório - RS.**

Leitores da revista BIZZ: gostaria de me corresponder com pessoas que componham músicas; toco violão e gosto muito de rock. Escrevam-me. **Gilvan Gonçalves do Carmo, pça. da Bandeira, 18, CEP 48790, Tucano - BA.**

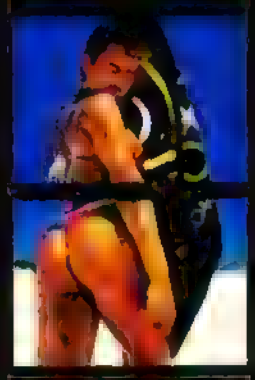
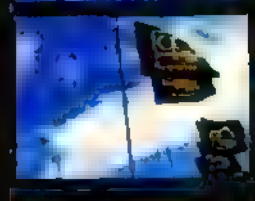
FÃ-CLUBES

RPM *Fã-Clube Revoluções por Minuto.* A/C Lilian A. Frazão, r. Madagascar, 91, CEP 04784, ou A/C Silvana Berton, av. Pascoal da Rocha Falcão, 683, CEP 04784, São Paulo - SP.

Madonna *Madonna Lucky Star, R. Oscar Evaldo Becker, 42, CEP 93600, Estância Velha - RS.*

Duran Duran *Fã-Clube Union of the Snake,* R. Princesa Isabel, 200, apto. 22, CEP 11075, Santos - SP.

Janeiro 1986

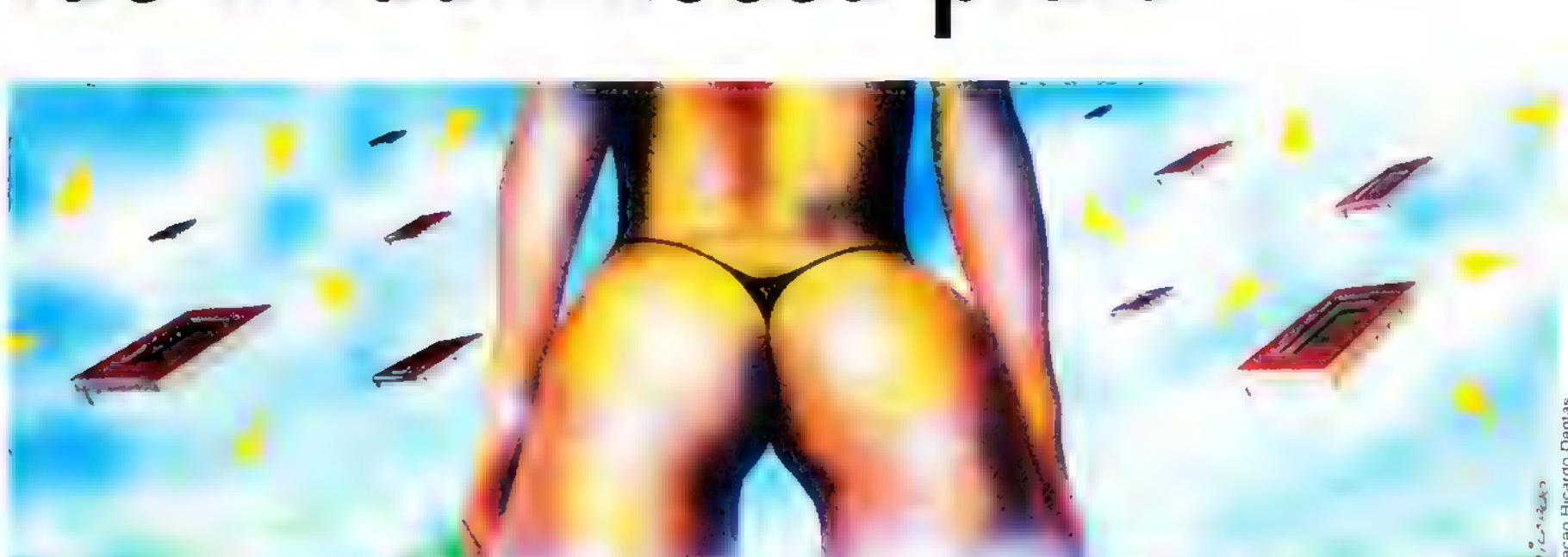
D		5	12		
S		6	13		27
T		7	14		28
Q	1	8	15		29
Q	2	9	16		30
S	3	10	17		31
S	4	11			

EM 86 A FESTA COMEÇA EM JANEIRO!

PRO JOAQUINA 86

O MAIOR CAMPEONATO DE SURF DO BRASIL

Os chips vão invadir nossa praia



A indústria de bicicletas convencionais pode estar com seus dias contados. Chegou a bicicleta informática. É da Raleigh inglesa. Além de um prosaico rádio AM de três faixas, ela tem um microcomputador que calcula distâncias percorridas, tempo dispendido e avisa a hora da "manutenção". Mas o maior charme fica por conta de um sintetizador, que substitui a buzina. Ele pode produzir oito tipos de sons, como buzina, sirene, assobios, uivos e, para os mais entusiasmados, até gritos.

O novo papo digital

Enquanto a indústria joga na rua estes produtos mais ruidosos, pequenos chips, discretamente, engendram uma revolução que faz o mundo avançar em dez anos tudo que não avançou em um século. Uma fábrica americana anunciou recentemente o início de produção de um chip (um microprocessador com circuitos montados numa pastilha de silício do tamanho de uma formiga) de capacidade espantosa. Ele pode somar um mais um quatro milhões de vezes, ou pode encontrar uma única palavra em 14 mil coleções completas da Enciclopédia Britânica tudo em menos de um segundo!

Já que falamos em uma enciclopédia, surge uma outra ligação entre verbetes e eletrônica digital. Trata-se da Academic American Encyclopedia, um catatau de 21 volumes que a Grolier Electronic Publishing colocou em *um único* compact disc, igualzinho àqueles que tocam música. A informação é lida por um microcomputador. Tempo para encontrar um verbete no meio deste amontoado de palavras: entre três e cinco segundos.

Micros consertam a pele

Como se vê, prodigiosas engenhocas em todos os cantos. E até mesmo no colorido e perfumado mundo da cosmética. A Shisheido Cosmetics instalou para testes em suas lojas nos Estados Unidos um equipamento sofisticado para análise de pele e não deu outra — as vendas estouraram. Funciona assim: o vendedor aplica um gel no rosto da freguesa. Quando seca, o gel tira uma amostra de pele. Ela é fotografada por uma Polaroid e projetada num monitor de computador. Próximo passo: o computador estuda a pele da distinta e emite, na impressora, recomendações para o tratamento.

O robô dos Jetsons

Tudo isto faz lembrar que, quem tem hoje mais de 25 anos e via Os Jetsons na televisão, achava tudo aquilo a mais desvairada fantasia. Um dos personagens mais fantasiosos era Rose, a empregada-robô que se comportava como gente. Passadas duas décadas, a gente só vai ter de esperar mais uns aninhos para Roses como aquela circularem com desenvoltura por nossas casas (liberando pessoas de tarefas exaustivas e maçantes). A previsão é que, em 1990, os robôs poderão falar e ouvir. Sua visão será a de uma câmera de vídeo, e até subirão escadas e usarão dois braços articuladores.

Por enquanto, eles não passam de brinquedos. Há robôs que misturam coquetéis, servem drinques, jogam, contam histórias, cantam e apanham o jornal na porta, pela manhã. Brinquedinhos caros: custam entre 15 e 800 dólares. Mas são apenas o começo de uma era espantosa.

PRÓXIMA PARADA:

ARTFLUIR

HOLYSPORT

Ind. Com. Art. Esportivos Ltda.
Rua Araré 154 São Paulo SP
CEP 84141 Tel. 276-6688

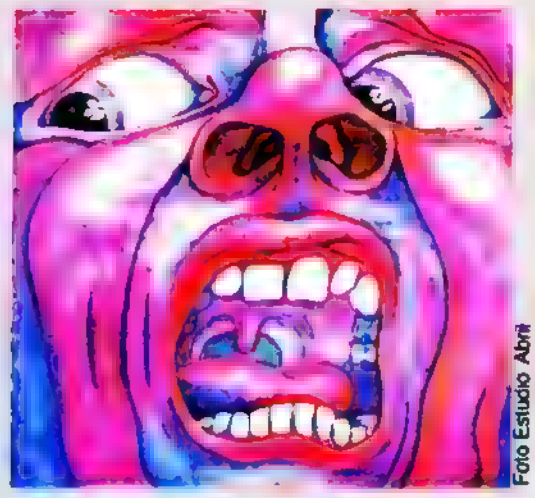


Foto Estúdio Abril

KING CRIMSON

IN THE COURT OF THE CRIMSON KING (1969)

É noite de 3 de julho de 1969, e o corpo de Brian Jones, o inconformado fundador dos Rolling Stones, é encontrado boiando na piscina da sua mansão. O início do fim de uma era: dali a dois anos exatos, morreria também Jim Morrison, em sua banheira. E, entre os dois, Jimi e Janis...

De volta a 69. 5 de julho, Hyde Park, Londres. Realiza-se um show dos Stones (o primeiro em dois anos), marcado havia tempos, em homenagem a Brian. Seiscentos e cinqüenta mil fãs presentes. E, no entanto, quem rouba a cena é uma banda nova. Nem por isso menos pretensiosa. King Crimson, rei rubro de sangue, o som da *nova* era. Um som reflexivo, "autoconsciente", na definição do guitarrista, um certo Robert Fripp. Um sujeito que tinha sido cumprimentado pelo próprio Hendrix ("Toca aqui com a esquerda, cara, que é a mão mais próxima do meu coração"...) após uma apresentação.

A Island Records não descuidou dos rapazes. Muito rápido, a 10 de outubro, o LP *In the Court of the Crimson King* estava gravado e distribuído. Sucesso pleno de crítica e de público. E nem eram tão originais assim — as faixas longas, amarradas por um único tema, os flertes com o jazz e com a música erudita (principalmente com os autores românticos, mas com espaço até para pinceladas de música concreta, em "Moonchild") não eram propriamente novidade. Moody Blues (quanto às suítes românticas), Soft Machine (quanto às fusões com o jazz), Pink Floyd (quanto à música esparsa e climática), entre outros, já se lançavam nesses caminhos. De resto, abertos pelos Beatles desde *Revolver* e *Sargeant Pepper's*. Tudo bem, *In the Court*... atirava em todas as direções. E a capa, essa tornou-se uma das imagens mais marcantes do rock. Mas o fio que costurava aquilo tudo era uma corda... de guitarra.

O time era simpático, eficiente, e freqüentemente inspirado: o jovem baterista de conservatório Michael Giles; o tecladista e soprista Ian McDonald, o mais experiente deles; o garotão Greg Lake, colega de Fripp, no baixo e voz. E as más letras de Peter Sinfield, de um surrealismo ingênuo e chocho. Seria a vez do desenxabido rock classe média sucedendo a pauleira proletária?

Não. Havia Fripp, e a guitarra de Fripp alimentava-se de um fluxo subterrâneo, obcecante, capaz de eletrizar mesmo as passagens mais líricas. Confira-se, pela negativa, no LP (anterior) de *Giles, Giles & Fripp*, onde o monopólio dos irmãos continha o guitarrista. Ou no LP (posterior) *McDonald & Giles*, com a dissidência do Crimson. Superficialmente a música se parece, e no entanto...

O disco abre às pauladas com "21*st* Century Schizoid Man", um tema *guitarrístico*, heavy mesmo. Um, dois versos cantados por uma voz embutida na mixagem, claustrofóbica, e o instrumental rouba a liberdade do jazz, derramando-se por várias passagens sem tirar o pé. Os metais soam como uma big band enlouquecida, em meio à tempestade de texturas providenciadas por todos os ancestrais dos sintetizadores. Mais um verso, e conclui com uma explosão, retrato sonoro do tal esquizóide, uma prévia do que há hoje entre o *hardcore* e a *no wave*. Puff. O resto é belo. Ponto.

Pecam, às vezes, e é pela pompa excessiva da voz de Lake e dos trechos mais melosos. O retrato do que viria a ser o *rock progressivo*, com todas as virtudes e, já, alguns vícios. Aqui, os inúmeros movimentos ainda formavam um todo orgânico, com crescendos, solos coletivos e finais falsos como alternativa ao formato-canção. Depois, o próprio Crimson se confundiria — fazendo "trilha para anúncio de desodorante íntimo", segundo a revista *Rolling Stone*. Mas até se recuperaria: o LP *Larks Tongues in Aspic* é assunto para outra "*Discoteca Básica*".

Alex Antunes

Editora Abril

Editor e Diretor VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard de Silvio Faria, Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Plácido Longgio, Raymond Cohen, Ricardo A. Fischer, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

BIZZ

Diretor Gerente: Angelo Rossi

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO

Chefe de Redação: José Eduardo Mendonça

Editor: José Emílio Rondeau

Consultor Especial: José Augusto Lemos

Secretário de Redação: Roberto Wagner Pereira Perucci

Repórter: Luisa de Oliveira

Chefe de Arte: Cristina Canabrava Arruda. **Chefe de Paginação**: Rodolfo Tucci. **Diagramador**: Cleber V. Garcia

Produtor de Texto: Jorge Toth

Atendimento ao Leitor: César Garcia Lima

Assistentes de Promoções: Ana Lucia Dip Derton, Sônia Maia

Colaboradores - Texto: Alex Antunes, Alexandre Dines, Andre Vogt, Ana Maria Bahiana, Antonio Carlos Miguel, Bia Abramo, Carla Gullo, Carmen Perreira, Leopoldo Rey, Marco Antônio de Menezes (New York), Mauricio Bonas, Miguel Barella, Ormuzd Alves (Londres), Pepe Escobar, Silvano Michelino (Paris), Tom Leão. **Fotos**: Ângelo Pastorello, Claudia Dantas, Gerardo Lu Gomes, Mauricio Valladares, Rui Mendes

SERVIÇOS EDITORIAIS

Abril Press - Gerente: Miriam Milioni. **Escritórios - Milão**: Laura Cens, International Business Centre, Corso Europa 12. Phone 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 331585 e 332809. **Nova York**: Odilio Liceti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex 237670, Phone: (212) 5990/5993. **Paris**: Pedro de Souza, 33, av. Champs Elysées, 2º Bureaux 213 bis 214, Paris 75008, Phone: 42 25 58 65, Telex ABRIL PA 660731F

Departamento de Documentação - Gerente: Auta Rojas Barreto

Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

Gerente Comercial: Sandra Cameleer

Gerente de Publicidade: Carlos Alberto F. de Araujo

Representantes: Ricardo Corte Real, Marcia A. de Andrade

Coordenadora de Publicidade: Rosângela Garcia de Souza Lima

Rio - Gerente: Getulio T. Batista. **Representante**: Raimundo Maia

Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves

Brasília: Gilberto Amaral de Sá

Curitiba: Ângelo A. Costa

Florianópolis: Geraldo Nilson de Azevedo

Fortaleza: Alcyr Soares Canelli Filho

Porto Alegre: Elcenho Engel

Recife: Edmilson R. Oliveira

Salvador: Fernando Loureiro

Gerente de Anúncios para Terceiros: Vitório Cestaro Filho

Diretor de Propaganda: Roberto Pedroso

Diretor Administrativo: Pedro Frazão

EDITORA ABRIL

Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines

Diretor de Marketing Publicitário: Julio Costa Jr.

Gerente de Promoção e Venda de Espaço: Haydea Gomes Guerson

Diretora de Pesquisa e Análise de Mercado: Sonia Novinsky

Diretor Adjunto de Circulação: Roberto Galvane

Diretor do Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes

Diretor do Escritório Rio de Janeiro: Sebastião Martins

Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais: Dreyfus Soares

Diretora Responsável: Liège de Lima Dona Castelli

BIZZ é uma publicação da Editora Abril S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência**: Rua Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, Telefone: 011 (246-8122, Telex: (011) 21227, 23322 e 24134, Caixa Postal 2372, Telegramas: Editabril-Abrilpress. **Administração**: Rua Joaquim Saldanha Marinho, 2 3, CEP 02515, Telefone: 011 858-4511. **Escritórios - Belo Horizonte**: Rua Aimorés, 348, 2º andar, salas 201 a 208, CEP 30000, Telefone: (031) 224-2855, Telex: (031) 1085. **Brasília**: SCS, Quadra 1, Bloco 1, Edifício Central, 10º, 12º e 13º andares, CEP 70304, Telefone: (061) 224-9150, Telex: (061) 1464, Telegramas: Abrilpress. **Curitiba**: Rua Fernandes de Barros, 491, 2º andar, salas 05 e 06, CEP 80000, Telefone: (041) 262-8[illegible], Telex: (041) 5278. **Florianópolis**: Av. Osmar Cunha, [illegible], sala 101, CEP 88000, Telefone: (0482) 22-7826. **Fortaleza**: Av. Santos Dumont, 3060, salas 516 e 518, CEP 60000, Telefone: (085) 224-2470, Telex: (085) 1607. **Porto Alegre**: Av. Getúlio Vargas, 774, 1º andar, salas 301 a 308, CEP 90000, Telefone: (051) 22-[illegible], Telex: (051) 1092. Telegramas: Abrilpress. **Recife**: Av. Dantas Barreto, 1146, 9º andar, salas 903 e 904, CEP 50000, Telefone: (081) 224-0977, Telex: (081) 1184. **Rio de Janeiro**: Rua da Passagem, 214, 8º ao 10º andares, CEP 22290, Telefone: (021) 295-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril-Abrilpress. **Salvador**: Rua [illegible], 304, CEP 40000, Telefone: (071) 247-3999, Telex: (071) 1180. **Distribuidor em Portugal**: Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Paul Varas, Azinhaga dos Fetais, 2695, Camarate, Lisboa. Esta revista vai às bancas mensalmente. Rua 13. **Números atrasados** ao preço da última edição em banca por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP, Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06020, Osasco, SP. Todos os direitos reservados. Distribuição [illegible] em todo o país pela DINAP S.A. Cultura, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

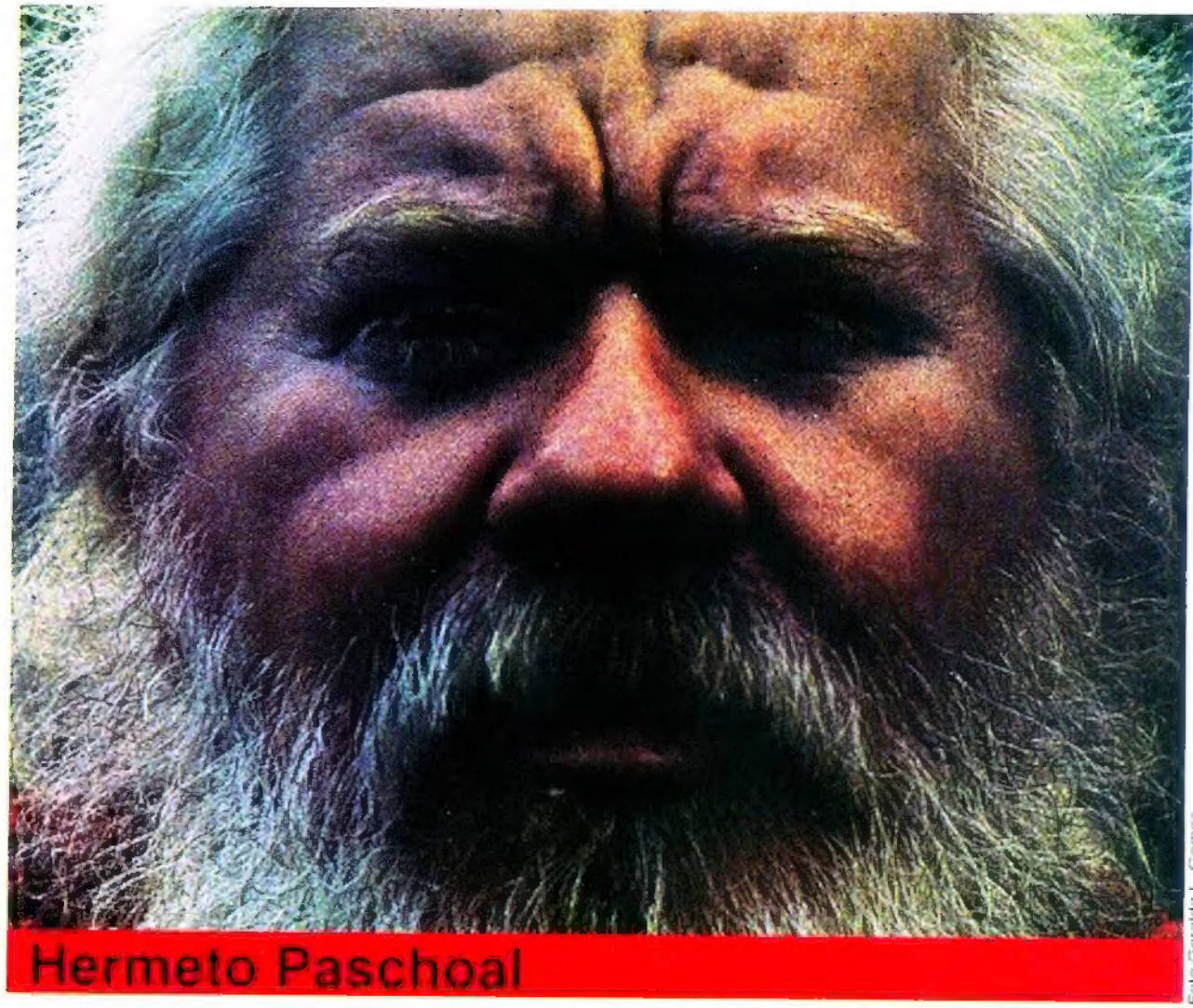
SHOCKIN´BLUES

- CAPAS DE MOREY BOOGIE
- ABRIGOS PARA VELEJAR
- BOLSAS, MALAS E MOCHILAS
- SHORTS E T-SHIRTS
- CAPAS DE PRANCHA
- COLETES E JAQUETAS

VENDAS: PARA TODO O BRASIL - RUA TEOTÔNIO REGADAS, 26, SLJ. 104 - **TEL: (021) 232-6827**
LAPA. RIO DE JANEIRO.
LOJAS: RIO DE JANEIRO - RIO SUL - 3º PISO - VILLAGE - **TEL: (021) 275-1646**
SALVADOR: RUA BORGES DOS REIS - Nº 5 - RIO VERMELHO

MB SUPER
ACTION WEAR & ACCESSORIES

ELETRÔNICA, ADOLESCÊNCIA E INDEPENDÊNCIA



Hermeto Paschoal

Foto cedida L. Gomes

"Para mim, música não é moda. A música não tem definição, é só sagrada"

Eu tenho jogado na Loto e se ganhar vou montar umas lojas para vender esses instrumentos eletrônicos e computadores que fazem música. Tocá-los não. Eu gosto de sons imprevisíveis, que as pessoas escutem, sintam e fiquem com vontade de descobrir o que é. Esses instrumentos aí, qualquer pessoa — não precisa ser músico — sabe o que é, é corriqueiro e é moda. Para mim, música não é moda. A música não tem definição, é só sagrada.

O músico que não tenha muita capacidade — nós não somos iguais, uns tem mais, outros menos — coloca uma camisa brilhante, uma melancia na testa, e a TV anuncia: "Olha aí, esse cara está com quatorze toneladas de equipamento". E então o povo vai lá para ver aquela montanha de instrumentos. É melhor montar uma loja. Ninguém vai para escutar a música.

Sabe o que está faltando? Informação. Informação para o povo. Quando se vai a um concerto é como ir à igreja. O músico, quando está tocando, é tão sagrado quanto o sacerdote de qualquer religião.

"É preciso aprender a tocar"

Na adolescência, o músico corre sempre o risco de cair fora das coisas que — no futuro, aconteça o que acontecer — vai realizar. Pensa que o mais importante é fazer um disco, em vez de ficar aprendendo e estudando as possibilidades melódicas, harmônicas e rítmicas de seu instrumento. É preciso aprender primeiro a tocar, antes de começar a compor. Quanto melhor tocarmos nossos instrumentos, mais idéias vêm à cabeça.

Quando rolou esse papo de "música independente", eu disse: "Isso não existe, é uma jogada comercial". Alguns chegaram a pagar entrada! O cara já tem problemas para pagar o estúdio e ainda tem de dar uma entrada! Aí vai gravar sabendo: "Se eu não vender x discos, estou perdido". Se eu, quando gravava com as multinacionais, não tinha estrutura para trabalhar e divulgar um disco, imagine um desconhecido. O que o cara vai fazer? Sair com um monte de discos na cabeça. Isso é que é *dependência*.

MÊS QUE VEM NA BIZZ TEM: EXCLUSIVÍSSIMAS ENTREVISTAS COM *BOB DYLAN* E *ROBERT SMITH* (THE CURE) E MESTRE *HERMETO* DENTRO DO ESTÚDIO E *JELLO BIAFRA* (DEAD KENNEDYS)

MÚSICA BRASILEIRA

Com toda força!

Encontros e Despedidas
MILTON NASCIMENTO

Fogo na Mistura
ELBA RAMALHO

Malandro
CHICO BUARQUE

Escrito nas Estrelas
TETÊ ESPÍNDOLA
(Disco Mix)

Todas
MARINA

ERASMO CARLOS

Tédio/No mundo da Lua
BIQUINI CAVADÃO
(Disco Mix)

Xuxa e seus amigos
XUXA

Também disponíveis em Compact Disc:

Brasil
com Ney Matogrosso, Erasmo Carlos,
Kleiton & Kledir, Elba Ramalho,
Caetano Veloso, Marina, Emílio Santiago,
João Bosco, Chico Buarque,
Toquinho, Elis Regina e outros

Antonio Carlos Jobim
The Composer Plays
Garota de Ipanema, O Morro
Favela, Corcovado,
Samba de Uma Nota Só,
Desafinado e outras

Astrud Gilberto
The Astrud Gilberto Album
Água de Beber, Meditação,
Insensatez, Manhã de Carnaval,
Tristeza, Canto de Ossanha
e muitas outras

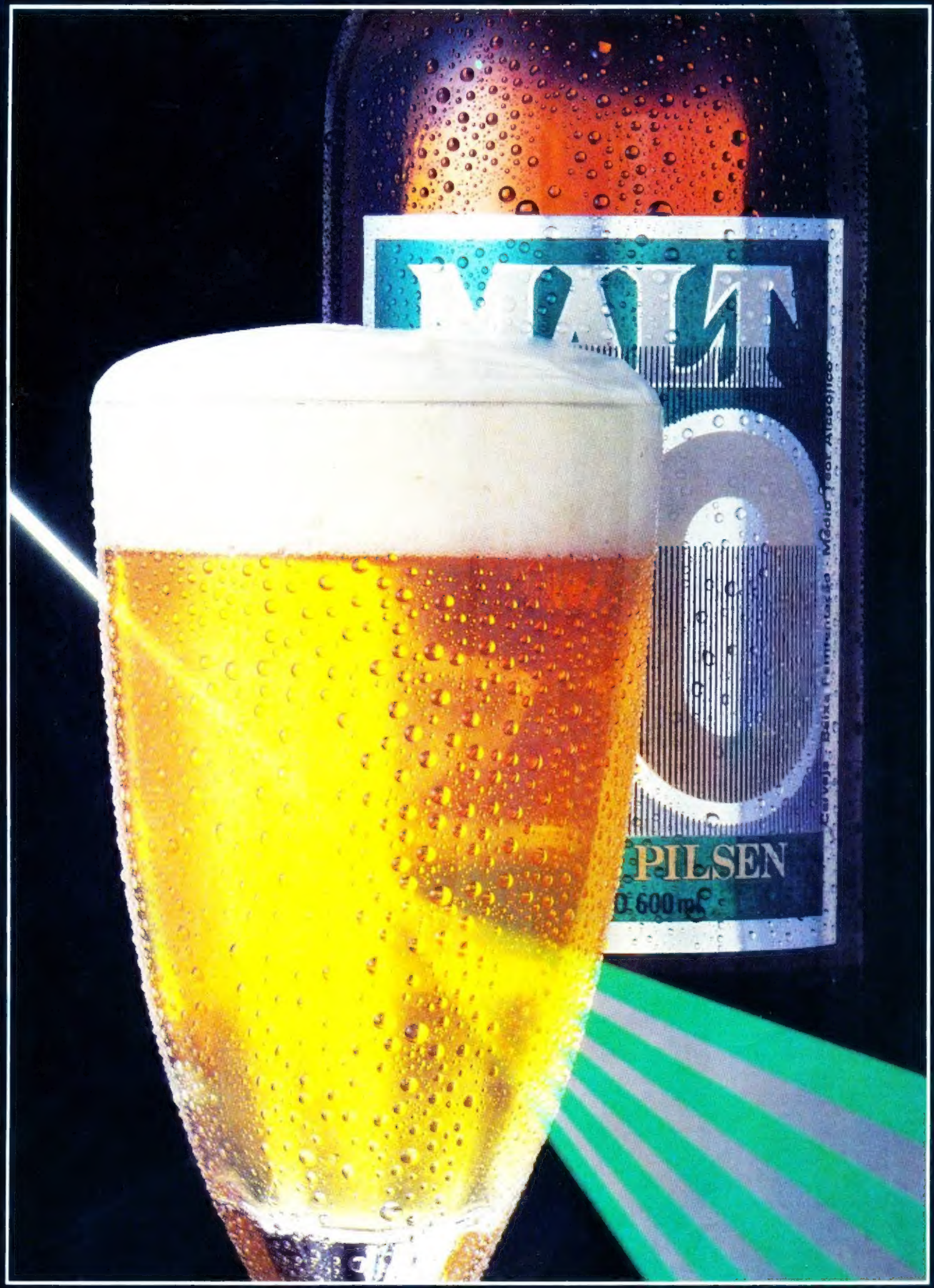
M.P.B.
Música Popular Brasileira
com Caetano Veloso, Chico Buarque,
Elba Ramalho, Emílio Santiago,
Erasmo Carlos, Ivan Lins, Jair Rodrigues,
Kleiton & Kledir, Marina,
Milton Nascimento, Ney Matogrosso,
Sidney Magal, Zizi Possi e outros

PolyGram
PolyGram do Brasil Ltda.

COMPACT disc DIGITAL AUDIO

Barclay

O prazer é uma evidência.



Cerveja Malt 90. O prazer de fazer bem-feito.